



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Tamara Salviano Martins

**IMAGEM CORPORAL: ESTUDO TRANSVERSAL EM CANDIDATOS AO
SERVIÇO MILITAR EM JUIZ DE FORA – MG**

Juiz de Fora

2013

Tamara Salviano Martins

**IMAGEM CORPORAL: ESTUDO TRANSVERSAL EM CANDIDATOS AO
SERVIÇO MILITAR EM JUIZ DE FORA – MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Linha de pesquisa: Movimento Humano e Cultura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª. Maria Elisa Caputo Ferreira

Juiz de Fora

2013

Martins, Tamara Salviano.

Imagem Corporal: estudo transversal em candidatos ao Serviço Militar em Juiz de Fora - MG / Tamara Salviano Martins. -- 2013.

114 f.

Orientador: Maria Elisa Caputo Ferreira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2013.

1. Imagem Corporal. 2. Adolescência. 3. Homens. I. Ferreira, Maria Elisa Caputo, orient. II. Título.

**IMAGEM CORPORAL: ESTUDO TRANSVERSAL EM CANDIDATOS AO
SERVIÇO MILITAR EM JUIZ DE FORA – MG**

Tamara Salviano Martins

ORIENTADOR (A): Maria Elisa Caputo Ferreira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.
Linha de pesquisa: Movimento Humano e Cultura.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Elisa Caputo Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia de Menezes Costa
Universidade Gama Filho

Prof^a. Dr^a. Ludmila Nunes Mourão
Universidade Federal de Juiz de Fora

Aos pilares da minha existência: minha mãe, parceirona e amiga Esmení; meu querido e estimado pai José Martins, meu kbção Rayner, minha atrevidinha vó Lení. Amo vocês com toda minha admiração e com a ausência de palavras para expressar o que é profundamente sentido. A vocês, as minhas reticências...

Dedico também, especialmente, àquele que carregou um sorriso no rosto até os últimos dias de vida: ao vô Jão, exemplo de simplicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos... Difíceis e, certamente, injustos! Mas é uma tentativa emocionada de retribuir todo o apoio recebido, pois quem caminha acompanhado consegue chegar longe e tem a alegria e a satisfação indescritível de poder compartilhar!

Inicio agradecendo ao **PAI MAIOR**, pela travessia, pelas oportunidades... Atravessar fases de mudanças de ciclos é por essência algo perturbador! Mas, creio que os momentos que não nos fazem estremecer, desatinar, suar, sorrir, enfim, nos emocionar não merecem fazer parte da nossa biografia. Agradeço por toda a boa energia, por todas as experiências que possibilitaram conhecimentos (não só os acadêmicos) e por renovar todos os dias a minha fé. Hoje, orgulho-me dessa difícil travessia simbolicamente finalizada com a concretização deste trabalho. Obrigada, meu Deus, por me fazer entender que é possível vivenciar várias encarnações numa mesma vida! Obrigada por todas as novas experiências trazidas por ares juizforanos, por me mostrar novos caminhos, por despertar o meu lado introspectivo de maneira tão profunda e necessária, fazendo-me acessar um lado que já conhecia, mas que raramente visitava! Obrigada por me fazer acreditar cada vez menos em acasos e perceber que tudo tem uma razão de ser, inclusive as nossas liberdades de escolha e a nossa capacidade de fazer nossos próprios caminhos.

Agradeço aos meus maiores mestres, aqueles que jamais mediram esforços para que eu chegasse até aqui, meus amados pais, **José Martinse Esmení**. Agradeço a vocês por tudo! Pelo esforço em me proporcionar sempre bons estudos, mas mais do que isso, por me ensinar aquilo que não se aprende na escola. Pai e mãe que sabiamente dividiram a atenção entre as minhas necessidades de colo, o cuidado com os nossos *velhinhos*, o revezamento para apoiar parentes próximos, o “jogo de cintura” com as finanças da família. **Mãe**, obrigada por ser essa pessoa do bem, cheia de grandes propósitos e sempre disposta a aprender algo. Admiro esse controverso coração grande que ao mesmo tempo em que é forte e capaz de suportar situações que exigem tanto de você, é também um coração *molengão* que se sensibiliza facilmente. **Pai**, obrigada por demonstrar de diversas

maneiras o lado mais humano do homem, sem que pra isso nem sempre seja necessária uma *enxurrada* de palavras.

Agradeço à **vó Lení** pelas orações fervorosas e por transmitir, pela sua fé, a certeza da superação. Obrigada, *atrevidinha*, pelo seu amor de mãe! Obrigada por ser essa “criança com muitos anos de vida”, cheia de ingenuidades hilárias e constantes demonstrações de afeto.

Agradeço ao **Rayner**, que soube ser a melhor das companhias em momentos tão frágeis. *Kbção*, agradeço-lhe demais por cada ligação rapidinha em algum momento desesperado, pra pedir uma ajuda, ou uma opinião ou simplesmente pra jogar conversa fora... Agradeço por esse elo estranho (no melhor dos sentidos) que a gente tem, por essa forte sintonia mesmo sendo pessoas com personalidades tão diferentes. Obrigada, meu irmão!

À **vó Figena** pela torcida, pelas orações e por conseguir passar tanta força mesmo em um momento tão delicado de sua própria vida.

Emendo com um sincero pedido de desculpas pelo reduzido tempo que tenho dedicado a vocês, que certamente não está à altura de todo amor e dedicação investidos ao longo de todos esses anos. Essas poucas linhas de agradecimentos não traduzem minha gratidão por tudo o que vocês me proporcionam.

Agradeço à prof^a. **Maria Elisa** por ter aceitado, desde minha chegada em Juiz de Fora, o desafio de me orientar. Agradeço pela compreensão e confiança depositada, apesar das minhas limitações e por sempre tentar, de alguma forma, fazer com que eu não perdesse o “compasso acadêmico”. Obrigada por acreditar em mim, Maria Elisa! Espero sinceramente ter pelo menos alcançando suas expectativas!

À prof^a. **Ludmila Mourão** pelo apoio acadêmico, pelos conselhos profissionais, pela amizade, pelas “conversas nos bastidores”, por aceitar gentilmente compor a banca de qualificação e defesa.

À prof^a. **Vera Lúcia** pelas considerações feitas que, com certeza, vieram para enriquecer as idéias que este trabalho propôs discutir. Obrigada, Vera, por ter dado brilhantemente as suas contribuições mesmo quando as condições (como as de deslocamento) dificultaram o processo.

A todos os colegas do **GEPSC** e do **LABESC** agradeço pelo relevante auxílio, por toda contribuição intelectual, parceria e incentivo constante. Em

meio dessas figuras, destaco **Dani Rangel**, um ser iluminado que Deus colocou de presente na minha vida em um momento em que nem tudo era tão claro... Ao **Jairo**, que auxiliou incisivamente na acessibilidade do ambiente de coleta de dados deste trabalho e ao **Pedro**, que pacientemente dedicou parte do seu tempo para me prestar auxílios no delineamento e nas estatísticas do estudo.

Estendo as palavras aos queridos **Max, Ayra, Pri, Vera, Jéssica, Carla, Dani Fantoni, Alexandre, Vanessa, Wilson, Luciano**. Com estes, as contribuições extrapolaram as acadêmicas! Obrigada pela compreensão, pelas gargalhadas e pelas palavras que vieram como bálsamo.

Pelo apoio financeiro durante parte do período do mestrado, agradeço à CAPES/CNPQ .

Agradeço à **coordenação de Pós-Graduação e demais membros do programa**, que, viabilizaram de alguma forma a realização deste estudo e, principalmente, pela sensibilidade no que diz respeito aos problemas particulares por mim enfrentados.

Ao comandante do 4º GAC, **Tenente Coronel Perez** e aos **adolescentes** abordados que, obviamente, foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

À **Ellen** e sua família pela acolhida generosa em Juiz de Fora.

A **Marina e Letícia**, pelo apoio nesses momentos nada fáceis, sempre escutando meus desabafos, pelos momentos de filosofar sobre a vida e por compreenderem o meu aparente isolamento consequente do foco nos estudos. Obrigada, principalmente, pela convivência serena com respeito aos espaços de cada uma!

Agradeço ao **Preto**, pelos momentos de extravaso, pelos momentos de afeto e por todo apoio nos mais diversos aspectos.

Agradeço à **Nininha, Kellen, tia Anita, Bete** por toda a torcida e por cada abraço caloroso nos momentos de reencontro.

Agradeço a **Bia, a Pequena, a Ligião, Dayse, Talitha, Elis e Carina** e todas as outras “louquinhas da gaiola” por conseguirem fazer com que a nossa “família por escolha” permanecesse sob novos moldes!

Obrigada **PAI MAIOR**, pelas novas amizades e por firmar cada vez mais os bons e velhos laços que estão sendo capazes de manter sua vitalidade atravessando distâncias geográficas.

Finalizo, tomando emprestadas as palavras de Cora Coralina agradecendo a **TODOS** aqueles que me mostraram que, “*se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os toques suaves na alma*”.

“Preciso dizer que , quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei várias vezes desde então...”

Lewis Carroll - Alice no País das Maravilhas (1865)

RESUMO

A construção da Imagem Corporal manifesta-se imbricada em diretrizes sociais e culturais, podendo ser influenciada por diversos fatores como: sexo, idade, meios de comunicação como a mídia, bem como valores ditados por amigos e pela família. Entretanto, durante a adolescência, os jovens estão mais suscetíveis à mesma, devido às profundas mudanças de ordem física, psicológica e social. Neste trabalho, o público alvo refere-se aos adolescentes convocados a se apresentarem uma instituição militar, socialmente empenhada na responsabilidade de “formar homens”, marcando simbolicamente a etapa de transição entre adolescência e fase adulta. Recentemente, a comunidade científica atentou-se para o fato de que a busca incansável por um corpo ideal configura-se, também, como uma preocupação masculina, desmitificando, dessa forma, o culto ao corpo somente por parte das mulheres. É aceito, atualmente, que tanto mulheres quanto homens possuam insatisfações com a Imagem Corporal. Este estudo teve por objetivo avaliar a dimensão atitudinal da Imagem Corporal que envolve aspectos, tais como: pensamentos, sentimentos, ações, (in)satisfações em 131 adolescentes que se apresentaram ao Serviço Militar obrigatório na cidade de Juiz de Fora – MG. Foram aplicados quatro instrumentos selecionados com a pretensão de se abrangerem os componentes da dimensão atitudinal, com vistas a analisá-los associadamente. São os seguintes: *Escala de Influência dos três fatores- EITF* (Conti et al., 2010); *Questionário de Checagem Corporal masculino - MBCQ* (Carvalho et al., 2012); *Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência-3 – SATAQ-3* (Amaral et al., 2011) e o *BodyShapeQuestionnaire - BSQ* (Conti, Cordas e Latorre, 2009). Os mesmos se destinam a avaliar respectivamente a influência dos pais, amigos e mídia na Imagem corporal; os comportamentos de checagem corporal; a influência dos aspectos socioculturais, especialmente a mídia e a preocupação e a satisfação com a forma corporal. Portanto, trata-se de uma pesquisa de campo, de corte transversal, com coleta e análise dos dados por meio de metodologia quantitativa e descritiva. Sua fundamentação teórica recorreu a conceitos ancorados na perspectiva sociocultural de vertente psicológica, pois acredita-se que seja por meio do corpo que o sujeito se comunica com o mundo, estabelecendo relações que influenciarão o conceito que ele faz de si. Os resultados mostraram a importância de se relativizar a questão da insatisfação corporal masculina, levando-se em consideração as especificidades sexuais e as construções culturais envolvidas. Percebeu-se que a insatisfação no homem adolescente pode induzi-lo a maior frequência de checagem corporal através da checagem de gordura e checagem por avaliação externa, mostrando, dessa forma, a preocupação masculina quanto ao peso corporal e quanto às interferências do meio. Salienta-se que fatores socioculturais, especialmente amigos e mídia, também são fonte de pressão e internalização para os homens e podem refletir sua insatisfação corporal.

Palavras-chave: Imagem Corporal, adolescência, homens.

ABSTRACT

The construction of Body Image manifests itself imbricated in social and cultural guidelines and may be influenced by several factors, such as gender, age, media as well as values dictated by friends and family. However, during adolescence young people are more susceptible due to deep physical, psychological and social changes. In this work, the target audience refers to adolescents summoned to appear in a military institution which is socially ingrained by the responsibility of "training men", symbolically marking the transition stage between adolescence and adulthood. Recently, the scientific community realized the fact that the relentless pursuit of an ideal body is also a male concern, demystifying thus the cult of the body only by women. It is accepted today that both women and men have dissatisfaction with their body image. This study aimed to assess the attitudinal dimension of body image involving aspects such as thoughts, feelings, actions, (dis)satisfaction in 131 teenagers attending compulsory military service in the city of Juiz de Fora - MG. We applied four instruments selected from the proposal to cover the components of attitudinal dimension in order to cross analyze them. They are: *Influence Scale of the Three Factors - EITF* (Conti et al., 2010); *Male Body Checking Questionnaire - MBCQ* (Carvalho et al., 2012); *Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire-3 - SATAQ-3* (Amaral et al., 2011) and *Body Shape Questionnaire - BSQ* (Conti, Strings and Latorre, 2009). They have been designed to assess the influence of parents, friends and the media on body image, body checking behaviors, the influence of sociocultural aspects, especially the media, and the concern and satisfaction with body shape. Therefore, this is a field research of the cross-sectional kind, with data collection and analysis through descriptive and quantitative methodology. Its theoretical concepts are anchored in the psychological aspect of sociocultural perspectives for we believe it is through the body that the subject communicates with the world, establishing relationships that will influence the concept that he/she makes of himself/herself. The results showed the importance of relativizing male body dissatisfaction taking into account the specific sexual and cultural constructions involved. It was felt that dissatisfaction in adolescent men can induce them to greater frequency of body checking by checking body fat and looking for external evaluation, showing thus the concern about male body weight and the interference of the environment. It must be noted that sociocultural factors, especially friends and media, are also a source of pressure and internalization for men may reflect their body dissatisfaction.

Key-words: Body image, adolescence, men.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DIMENSÕES DA IMAGEM CORPORAL (ADAPTADO DE CAMPANA E TAVARES, 2009).	39
---	-----------

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – INSTRUMENTOS DISPONÍVEIS PARA A REALIDADE BRASILEIRA DESTINADOS A AVALIAR OS COMPONENTES DA DIMENSÃO ATITUDINAL DA IMAGEM CORPORAL DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO, MAIORES DE 18 ANOS. **43**

QUADRO 2 - INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A AVALIAÇÃO DE CADA SUBCOMPONENTE DA DIMENSÃO ATITUDINAL DA IMAGEM CORPORAL. **65**

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - VALORES DE IMC PROPOSTOS POR COLE ET AL. PARA PONTO DE CORTE PARA IDENTIFICAR SOBREPESO E OBESIDADE EM ADOLESCENTES ACIMA DE 18 ANOS DO SEXO MASCULINO	70
TABELA 2 – ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS.....	74
TABELA 3 – COMPARAÇÃO DOS INDIVÍDUOS SATISFEITOS E INSATISFEITOS QUANTO ÀS VARIÁVEIS.....	75
TABELA 4 – COMPARAÇÃO DOS GRUPOS POR ESTADO NUTRICIONAL QUANTO ÀS VARIÁVEIS.	76
TABELA 5 – CORRELAÇÃO ENTRE AS ESCALAS E SUB-ESCALAS DOS INSTRUMENTOS DE IMAGEM CORPORAL UTILIZADOS (<i>SPEARMAN RANK CORRELATION</i>).....	77

LISTA DE ANEXOS

ANEXO “A” - TERMO DE ASSENTIMENTO	107
ANEXO “B” - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (NO CASO DO RESPONSÁVEL).....	108
ANEXO “C” – ESCALA DE INFLUÊNCIA DOS TRÊS FATORES - EITF (CONTI ET AL.; 2010).....	109
ANEXO”D” - QUESTIONÁRIO DE CHECAGEM CORPORAL MASCULINO – MBCQ	110
(CARVALHO ET AL., NO PRELO).....	110
ANEXO”E” - QUESTIONÁRIO DE ATITUDES SOCIOCULTURAIS EM RELAÇÃO À APARÊNCIA - SATAQ-3.....	111
(AMARAL ET AL.; 2011)	111
ANEXO”F” - BODY SHAPE QUESTIONNAIRE - BSQ.....	112
(CONTI, CORDAS, LATORRE ; 2009).....	112
ANEXO “G” – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA E INFRA-ESTRUTURA	113
ANEXO “H” – PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BSQ	Body Shape Questionnaire
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
JSM	Junta de Serviço Militar
EITF	Escala de Influência dos três fatores
IMC	Índice de Massa Corporal
MBCQ	Questionário de Checagem Corporal Masculino
SATAQ – 3	Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência
SISNEP	Sistema Nacional de Ética e Pesquisa
TA	Termo de Assentimento
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
WHO	Organização Mundial da Saúde
4º GAC	4º Grupo de Artilharia de Campana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1. PROBLEMATIZAÇÃO	24
1.1 Objetivos e questões a investigar	26
1.2 Justificativa e relevância	26
2. REFERENCIAL TEÓRICO	30
2.1 Aspectos Centrais da Imagem Corporal	30
2.1.1 Dimensões da Imagem Corporal	36
2.1.1.2 Avaliação Atitudinal da Imagem Corporal – Instrumentos.....	40
2.2 Imagem Corporal sob a Perspectiva Sociocultural – da Internalização e Comparação Social à Insatisfação Corporal	44
2.3 Imagem Corporal na Adolescência	49
2.4 Imagem Corporal em Homens	56
3. PERCURSO METODOLÓGICO	61
3.1 Delineamento do estudo	61
3.2 População e Amostra.....	62
3.3 Local	64
3.4 Instrumentos	65
3.4.1 Escala de Influência dos Três Fatores (EITF).....	66
3.4.2 Questionário de Checagem Corporal Masculino (MBCQ).....	67
3.4.3 Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência – 3 (SATAQ-3)	68
3.4.4 Body Shape Questionnaire (BSQ)	69
3.5 Avaliação do Estado Nutricional	70
3.6 Procedimentos	71
3.6.1 Procedimentos éticos.....	71
3.6.2 Procedimentos para a coleta de dados.....	71
3.7 Tratamento dos dados	72
4. RESULTADOS	74
5. DISCUSSÃO	80
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	106

INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa surgiu da inquietude e curiosidade provocadas pelos primeiros contatos com a pesquisa científica, no final da graduação em Educação Física, no ano de 2009. Como tema de monografia, discutiu-se a representação social¹ do corpo masculino na atualidade a partir da leitura crítica de imagens produzidas e veiculadas por uma revista masculina popular de grande circulação no país. Verificaram-se, a partir daí, transformações nos modelos de masculinidade socialmente legitimadas. Constatou-se que existem interfaces expressivas entre os estudos sobre Representações do Corpo e as investigações a respeito de Imagem Corporal, tendo em vista que a sociedade determina e privilegia determinados “padrões de corpo”.

Em meio a essas pressões sociais em favor de corpos idealizados associados a uma gama de possibilidades de “arquitetar o corpo” (GUZZO, 2005), pesquisas com a finalidade de aprofundar e problematizar os conceitos sobre Imagem Corporal se tornam relevantes. Tal relação traz informações a respeito de um fenômeno cujos reflexos podem ser observados tanto no plano social quanto no individual.

Nesse contexto, busca-se discutir o corpo e a Imagem Corporal levando-se em consideração quais paradigmas regem práticas e condutas sociais. Parte-se do pressuposto de que o corpo porta-se como um símbolo que está frequentemente marcado por padrões estabelecidos. Parafraseando Tavares (2003), “somos pressionados, em diversas circunstâncias, a concretizar no corpo, o ideal de nossa cultura”.

Para Goldenberg (2007, p. 29) o corpo atualmente está imerso “(..) sob a moral da boa-forma, um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez). É o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido”. Entretanto, Guzzo

¹ As Representações Sociais, segundo definição clássica apresentada por Jodelet, “são modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo que vivemos.” São, portanto uma forma de conhecimento, socialmente elaboradas e compartilhadas que contribuem para a “construção de uma realidade comum” (SPINK, 1993, s/p).

(2005) aponta para o “risco no processo de construção do corpo belo, perfeito e desejado” (p.139) dada a pressão em “arquitetar” o corpo, aliado à busca desenfreada por cirurgias plásticas, introjeção de artefatos, uso de anabolizantes e suplementos alimentares.

Desse modo, a perspectiva presente na sociedade atual, no que diz respeito às diretrizes estéticas, influencia tanto a imagem que o sujeito tem de si, como a imagem que o mesmo projeta no outro. Os apelos pela boa aparência e a exacerbada valorização do corpo jovem embutidos no imaginário atual podem interferir marcadamente nas relações que os indivíduos estabelecem entre si.

Com esse enfoque, a reflexão sobre o corpo como paradigma social, posicionado no mundo moderno, de características globalizadas, impulsiona-nos a refletir acerca da figura corpórea, da construção da identidade estética e do estilo de vida. Neste sentido, para Becker (1999), é através da interação com o meio que aprendemos a “avaliar” nossos corpos. A internalização de modelos corporais acontece continuamente. Assim, a Imagem Corporal está constantemente sendo construída e (re) avaliada.

Neste trabalho, o público alvo refere-se ao público masculino convocado a se apresentar em uma instituição militar, socialmente arraigada na responsabilidade de “formar homens”, marcando simbolicamente a etapa de transição entre adolescência e fase adulta.

Recentemente, a comunidade científica atentou-se para o fato de que a busca incansável por um corpo ideal configura-se também como uma preocupação masculina, desmitificando, dessa forma, o culto ao corpo somente por parte das mulheres. É aceito, atualmente, que tanto mulheres quanto homens possuam insatisfações com a Imagem Corporal.

Pretende-se discutir nesta dissertação a respeito das transformações dos estereótipos e papéis que se fixam na identidade masculina, no intuito de tornar possível analisar tais transformações relacionando-as à formação da Imagem Corporal dos homens e as relações que estes estabelecem com seu corpo.

Algumas dessas transformações podem ser percebidas na preocupação excessiva por parte dos homens em adquirir uma forma física perfeita, nomeada por Pope Jr. e Olivardia (2000) de “Complexo de Adônis”.

Esta expressão faz uma analogia à mitologia grega, na qual Adônis era um personagem meio homem e meio deus, dotado de uma beleza emblemática.

Contudo, os autores alertam que “o ‘Complexo de Adônis’ não é um termo médico oficial e não descreve qualquer problema de Imagem Corporal dos homens” (p.23). O termo foi estabelecido para designar um conjunto de preocupações comuns entre homens de todas as idades que podem variar de pequenas insatisfações até obsessões preocupantes que, por sua vez, podem estar associadas a distúrbios de comportamentos e atitudes.

A busca incessante por proporções corporais perfeitas e tamanho avantajado podem, em casos extremos, se configurar como um quadro patológico, como é o caso da Vigorexia e da Dismorfia Muscular. Ademais, em casos mais amenos, constata-se que, do ponto de vista estético, algumas atitudes consideradas femininas foram incorporadas aos hábitos do homem atual, tais como: a depilação, as próteses de silicone, sobrancelhas delineadas, mechas nos cabelos, uso de cremes, limpezas de pele, entre outros.

Dessa maneira, o esforço empreendido neste trabalho consistiu em buscar o entendimento de como as influências socioculturais se inscrevem no corpo masculino e influenciam na satisfação corporal do mesmo, bem como nos comportamentos adotados na tentativa de se alcançar um corpo perfeito, por meio de uma pesquisa que foi desenvolvida em duas etapas.

A primeira constitui-se no aprofundamento dos estudos e buscou apontar os caminhos trilhados pela ciência, de maneira atualizada e contextualizada, revelando pontos convergentes e divergentes em relação ao tema estudado. A revisão de literatura foi realizada a partir do levantamento bibliográfico preliminar de temas pertinentes como Imagem Corporal; homens; adolescência. Optou-se por fundamentar-se nos estudos sobre Imagem Corporal a partir da perspectiva sociocultural.

A segunda etapa diz respeito à pesquisa de campo com coleta e análise dos dados por meio de metodologia quantitativa e descritiva. Essa pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem de estudo com características epidemiológicas, ou seja, “a observação de uma determinada população, não envolvendo nenhuma intervenção nos indivíduos estudados” (CASTRO, 2004, s/p). De acordo com Pereira (1995), os estudos epidemiológicos com tratamento descritivo e transversal “possibilitam apreciar

sobre o arranjo ou a disposição de um dado fenômeno em uma dada população em caráter quantitativo, ou seja, a prevalência da questão investigada para a população estabelecida”.

Sendo assim, a pesquisa de corte transversal valeu-se da aplicação de quatro protocolos de autopreenchimento. São eles: *Escala de Influência dos três fatores- EITF²* (Conti et al., 2010); *Questionário de Checagem Corporal masculino - MBCQ* (Carvalho et al., 2012); *Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência-3 – SATAQ-3* (Amaral et al., 2011) e o *Body Shape Questionnaire - BSQ* (Conti, Cordas e Latorre, 2009). Os mesmos se destinam a avaliar respectivamente a influência dos pais, amigos e mídia na Imagem corporal; os comportamentos de checagem corporal; a influência dos aspectos socioculturais, especialmente a mídia e a preocupação e a satisfação com a forma corporal.

A adoção de diferentes instrumentos (EITF; MBCQ; SATAQ-3 e BSQ) que avaliam os quatro componentes da dimensão atitudinal da Imagem Corporal se fez presente no intuito de atingir esses diversos aspectos, sem perder de vista a amplitude do fenômeno.

A análise dos dados foi realizada por intermédio da estatística inferencial e descritiva para a obtenção de valores de média, desvio padrão e valores máximos e mínimos.

A divisão do presente estudo se deu em 4 capítulos. O primeiro faz referência à problematização, destacando os objetivos, as questões a serem investigadas, a justificativa e a relevância da pesquisa.

No segundo capítulo, buscou-se a aproximação e o aprofundamento da temática Imagem Corporal, apresentando os aspectos gerais no que tange às suas definições, dimensões e formas de avaliação. Em seguida, abordou-se a perspectiva de corpo na sociedade atual, discutindo as transformações sociais efetivamente espelhadas na Imagem Corporal adolescente masculina.

O capítulo 3 apresenta o percurso metodológico, onde são descritos detalhadamente a amostra, os instrumentos, as técnicas para coleta de dados e tratamento dos mesmos. Na quarta parte, expõem-se os resultados a partir das informações coletadas, como o perfil da população investigada (dados

² Grifos do autor.

demográficos e antropométricos) e os valores encontrados no que se refere a cada constructo dos instrumentos utilizados.

A discussão dos resultados pretendeu atentar ao conteúdo interpretativo à luz dos autores que abordam a Imagem Corporal na perspectiva sociocultural, como Stice e Tristan (2005); Jackson (2002); Hil e Franklin (1998), O’Koon (1997); Hirata (2009), dentre outros, com a finalidade de atribuir uma rede de significados não traduzíveis somente em números.

1. PROBLEMATIZAÇÃO

“Nosso corpo não é mais nosso,
transformou-se em imagens.”
(GUZZO, 2005, p.146)

Neste capítulo, pretendem-se destacar o problema central do estudo e as questões a serem investigadas, bem como apresentar a justificativa e relevância do mesmo no contexto social, buscando apreender e interpretar a realidade pesquisada.

Cumprido ressaltar que o entendimento da Imagem Corporal como fenômeno multidimensional requer um olhar sobre o corpo, enquanto símbolo que carrega uma rede de significados sobre determinada sociedade, permeada por conceitos e modelos ditados pelo paradigma vigente em um dado contexto histórico.

Logo, os processos de socialização da experiência corporal são fundamentais e demandadas pelos indivíduos enquanto seres “produtores” e “produtos” da cultura. Pois, se por um lado, o homem através do seu corpo se apropria de valores, normas e costumes sociais, por outro, ele também intervém nesse campo, tecendo mudanças e resistências. Ou seja, diferentes olhares sobre a temática corpo, como as concepções de corpo belo ou de corpo saudável nos permitem mergulhar em outros tempos e espaços e identificar permanências e rupturas.

O corpo compreendido como construção simbólica possibilita observar a percepção da influência histórica e cultural visto que sobre ele são engendradas redes de significados consequentes de investimentos individuais e sociais capazes de causar sentimentos de identificação ou rejeição dos indivíduos em relação a determinadas figurações.

O culto ao corpo se apresenta como um elemento das relações humanas, podendo demarcar poder, hierarquias, mobilidade social e sucesso. Neste sentido, a mídia torna-se um recurso capaz de catalisar desejos no que diz respeito a modelos corporais concebidos como ideais (BETTI, 2005). O que conseqüentemente, pode gerar insatisfação no que se refere à aparência corporal.

No cenário atual, é inegável o exacerbado prestígio que se atribui a alguns “valores”, dentre os quais, destacam-se: poder, beleza, jovialidade e riqueza que estratificam os homens de acordo com premissas estabelecidas culturalmente (FERREIRA, 2007).

Diante disso, este estudo pode ser visto como uma tentativa de trazer a pesquisa realizada para uma relação/confronto/associação entre os estudos sobre corpo, sua inscrição cultural e sua imagem.

Portanto, sendo a Imagem Corporal um emaranhado de informações em constante processo de construção e reconstrução referentes à identidade corporal, seu encadeamento envolve diferenciadas percepções e sensações adquiridas pelas vivências e experiências.

Tanto a concepção fluida de corpo, como a imagem que temos dele, são (re)criadas a partir da influência de vários aspectos como: os fisiológicos, afetivos, sociais e culturais. Ao considerar estes aspectos interferindo mutuamente na constante remodelação da Imagem Corporal, Schilder (1999) rompe definitivamente com apreciações lineares e propõe a concepção de que as construções humanas devem ser observadas sob a ótica de interligação dos fenômenos, partindo de um enfoque multidisciplinar. A partir daí, percebe-se a experiência humana corporalmente expressada/mobilizada como volúvel e lábil.

O mesmo autor aponta para o fato de que “vivenciamos as imagens corporais dos outros. Portanto, a experiência da nossa imagem corporal e a experiência dos corpos dos outros estão intimamente interligadas” (SCHILDER, 1999, p.13). Se, segundo o autor, a Imagem Corporal supera os limites corpo, não sendo um fenômeno isolado, mas interacional, é importante pensar a experiência da imagem de cada indivíduo como estando numa cadeia de interdependências que o liga aos outros homens. Pode-se inferir, portanto, que os fatores socioculturais atuam diretamente sobre o comportamento em relação à Imagem Corporal.

Diante desses apontamentos e observações, emergiram os objetivos que nortearam o caminho que se pretendeu seguir nesta investigação.

1.1 Objetivos e questões a investigar

O presente estudo tem como objetivo geral avaliar a dimensão atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes de 18 e 19 anos do sexo masculino.

Evidencia-se que, dentro dos parâmetros desta pesquisa, procurou-se investigar, junto aos adolescentes, os diversos aspectos que constituem essa dimensão, dentre os quais, destacam-se os seguintes objetivos específicos:

- Comparar indivíduos satisfeitos e insatisfeitos em relação à frequência de checagem corporal; em relação à influência dos aspectos socioculturais na (in) satisfação corporal e em relação à influência dos pais, dos amigos e da mídia;
- Determinar as possíveis associações entre as subescalas de cada instrumento utilizado.

No próximo tópico, faz-se pertinente explanar pontos fundamentais que desencadearam os questionamentos colocados acima, com vistas a esclarecer seus propósitos.

1.2 Justificativa e relevância

Como constructo multi e interdisciplinar, a Imagem Corporal ganha espaço nas pesquisas e intervenções de diversas áreas do conhecimento como Psicologia, Educação Física, Sociologia, Medicina, dentre outras.

Pesquisadores do tema como Cash e Pruzinsky, 1990; Schilder, 1999 e Tavares, 2003 são unânimes em tratá-la como um constructo multifacetado, sistêmico e dinâmico que envolve percepção, afeto, comportamentos e componentes cognitivos. No entanto, não há consenso sobre as concepções e são múltiplas as definições sobre Imagem Corporal.

Este trabalho adotou conceitos ancorados na perspectiva sociocultural. Campana e Tavares (2009) definem essa perspectiva como uma linha de

pesquisa que “focaliza-se em descobrir o quanto os valores sociais interferem nos valores individuais e nos comportamentos adotados por cada um de nós” (p. 43). Não se pretende, entretanto, desconsiderar as contribuições de outros autores que se baseiam em perspectivas distintas, tais como: a psicodinâmica, cognitivo-comportamental, psicanalítica, entre outras.

Autores que seguem a linha sociocultural como Thompson, Smolak e Etcoff, além de outros pesquisadores fundamentados em diversas abordagens como Cash e Pruzinsky, encaram o fenômeno da Imagem Corporal como um constructo “multidimensional”, formado por duas grandes dimensões: a perceptiva e a atitudinal. A dimensão perceptiva é formada através da recepção e da interpretação de estímulos sensoriais e não sensoriais (McCABE e BANFIELD, 2002). A dimensão atitudinal, por sua vez, é constituída por crenças, comportamentos e atitudes em relação ao corpo e composta pelos componentes: cognitivo, afetivo, comportamental e insatisfação geral subjetiva (CAMPANA; TAVARES, 2009).

Devido a essa divisão didática que categoriza o constructo da Imagem Corporal em dimensões (e seus componentes), eclodiram muitos estudos recentes que buscaram investigar o tema mais profundamente, originando a criação de uma extensa compilação avaliativa e conceitual. Seguindo a mesma lógica, dada a complexidade do tema, as pesquisas que buscam avaliar tais dimensões ainda têm sido consideradas delimitadas por concentrarem dedicação do pesquisador em apenas um componente de uma das dimensões.

O escopo deste trabalho envolve avaliar a dimensão atitudinal da Imagem Corporal de homens adolescentes, ou seja, considerar a dimensão formada por afetos, crenças e comportamentos, buscando entender como os jovens se relacionam com seu corpo.

Admite-se que a adolescência é um período de mudanças no qual a maturidade sexual e biológica é intensamente atingida. É também a fase que, potencialmente, estabelece um espaço social que delimita condutas típicas masculinas e femininas. Portanto, trata-se de um grupo de idade com demarcações fluidas, que experimenta a condição de estar sendo integrado à sociedade (CARDOSO, 2004).

Dessa forma, observa-se o destaque dado à questão da masculinidade associada à necessidade de agir e sentir como homem, resultando numa gama de cuidados com o controle do corpo e das emoções (WANG, JABLONSKI e MAGALHÃES, 2006).

A busca por um corpo belo não se restringe mais ao universo feminino. A incansável batalha pela construção do corpo imaginário também é percebido como uma preocupação masculina, que almeja alcançar um corpo forte e musculoso (MORRISON; KALIN; MORRISON, 2004).

Atualmente, percebem-se os novos valores sociais e identitários atribuídos ao cuidar do corpo masculino. Nota-se a crescente utilização de bens e serviços ostentados pela obsessão masculina com a aparência física.

Na literatura encontram-se estudos tais como os de Silva (2006) e os de Garcia (2005) que versam sobre mudanças na identidade masculina contemporânea e outros estudos dedicados às questões acerca da Imagem Corporal no público feminino. No entanto, em homens, os estudos sobre Imagem Corporal têm sido pouco explorados (GRAMMAS e SCHAWARTZ, 2009), sobretudo aqueles que investigam a população masculina adolescente especificamente. Wans e Dietz (2002) alertam que durante a adolescência o desenvolvimento de problemas com a aceitação da Imagem Corporal e com a avaliação do corpo são eventos mais susceptíveis, devido às profundas mudanças de ordem física, psicológica e social.

Além disso, parte das pesquisas, em que o público masculino jovem é investigado, tem apresentado amostras pouco significativas ou privilegiam grupos com características diferentes da pesquisada, como por exemplo, o de jovens atletas ou jovens em contexto de academias de ginástica, dentre outros.

Pensando nessas questões, salienta-se neste estudo, o procedimento cauteloso traçado no percurso metodológico ao utilizar instrumentos validados para a população brasileira masculina, atentando para o fato de avaliar preocupações específicas dessa população, como por exemplo, a muscularidade.

Um ponto deste estudo que merece destaque, diz respeito à pretensão de abranger os componentes da dimensão atitudinal analisando-os associadamente.

O capítulo 2, a seguir, apresenta o referencial teórico a respeito das

definições sobre Imagem Corporal (e suas dimensões) e métodos de avaliação. Apresenta-se despretensiosamente um panorama da sociedade contemporânea relacionado à compreensão de corpo, destacando os valores paradigmáticos predominantes para o corpo masculino e para o corpo jovem.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, busca-se conceituar a Imagem Corporal e suas dimensões, destacando-se métodos de avaliação e indicando as possibilidades de aplicação dos instrumentos, destacando-se, sobretudo, as questões relativas à adolescência e ao corpo masculino. Essa forma envolve um esforço em olhar com profundidade para a fundamentação de um tema tão complexo.

Em razão do peso das reflexões oriundas dessa explanação, foi necessário dedicar um espaço para o entendimento da perspectiva de corpo, pregada na sociedade atual através da teoria sociocultural de vertente psicológica.

2.1 Aspectos Centrais da Imagem Corporal

Faz-se indispensável abordar a questão conceitual que envolve a Imagem Corporal, embora a adoção de uma definição ou outra seja bastante discutível entre pesquisadores da área, devido à sua abrangência e complexidade. O interesse em se explorar o tema “Imagem Corporal” tem início, segundo Barros (2005), a partir de investigações neurológicas no que tange à observação do fenômeno denominado “membro fantasma”³.

Essas investigações objetivaram “mapear o cérebro” visando a uma melhor compreensão dos mecanismos neurais – esquema corporal –

³ MEMBRO FANTASMA – Ambroise Paré (século XVI) foi quem o descreveu pela primeira vez e fez o relato de que essa expressão é usada nos casos de pacientes com queixa de dor em um membro que havia sido amputado. “As sensações provenientes do membro fantasma são principalmente táteis e cinestésicas. Sua posição normalmente é rígida, ou seja, fica a imagem de quando o indivíduo perdeu o membro. É como se houvesse a necessidade de registrar os últimos instantes em que o membro estava presente (Schilder, 1999).” BARROS, D. D.: Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio-ago, 2005.

responsáveis pela coordenação nas mudanças posturais e nos movimentos do corpo.

Os pesquisadores procuravam entender o funcionamento do mecanismo sensório-motor de pacientes, descrevendo casos de aumento de sensibilidade, presença de dor, coceira, frio e a impressão de poder movimentar partes do corpo que foram amputadas. (SCHILDER, 1999; CAMPANA, TAVARES, 2009).

Pena (1990) destaca a contribuição de diversos pesquisadores, como Gustav Fritsh, Gowers, Munk e Carl Wernicke, Eduard Hitzis, Mitchel, Jackson, ao final do século XIX, que desenvolveram relevantes estudos sobre o córtex sensório-motor, configurando-se um avanço acentuado no mapeamento das regiões cerebrais.

Campana e Tavares (2009) nomeiam de “fase neurológica” esse período que se caracterizou pelo esforço clínico em compreender as formas de neuropatologias das vivências corporais, o que possibilitou o entendimento sobre aspectos sensoriais e, por conseguinte, acarretou um avanço significativo sobre a localização de regiões cerebrais responsáveis pelo controle motor (PENNA, 1990).

No início do século XX, as investigações se concentravam em distorções perceptivas, desencadeadas por lesões cerebrais, a partir das experiências corporais. Em 1905, a contribuição da escola francesa, dada por Bonnier, ao relatar e discutir casos de pacientes com labirintite que diziam perceber seus corpos de maneira distorcida, deu-se seguimento ao desenvolvimento do tema como campo de pesquisa.

Em 1911, a Escola Britânica de Neurologia se destacou com o pesquisador Henry Head que considerava a estrutura anátomo-fisiológica e a cognitiva como principal recurso/mecanismo de percepção. Head aprofunda o estudo do sistema nervoso, em busca de maior conhecimento sobre o sistema periférico e associa o movimento consciente ao modelo que o ser humano forma de si mesmo. Ficou conhecido por introduzir o termo “esquema corporal”, entendido como uma figuração inconsciente que o indivíduo tem de sua própria postura corporal (TAVARES, 2003).

Semenza (2001) fez uma reflexão sobre os estudos de Head e Holmes (1911), que declararam a existência de uma distinção entre a figura consciente

e inconsciente do corpo, as quais foram denominadas respectivamente de “imagem corporal” e “esquema corporal”.

Segundo Thompson (2004), o uso dessas duas expressões (esquema e imagem) e de muitas outras como: percepção do corpo, autoimagem e imagem do corpo , quando se pretende discorrer sobre Imagem Corporal, causa embaraço no entendimento do tema. Em sua publicação de 1998, Thompson já evidenciava sua preocupação no tocante à adoção de diversos vocábulos sobre o mesmo assunto, ao alertar para a necessidade de um consenso, visto que os pesquisadores do tema se isolam em suas próprias perspectivas.

Autores renomados, tais como, como Schilder (1999) e Le Boulch (1987) concordam em tratar os termos “Esquema Corporal” e “Imagem Corporal” como sinônimos: “[...] o esquema do corpo é a imagem tridimensional que todos têm de si mesmos. Podemos chamá-la de Imagem Corporal” (SCHILDER, 1994, p. 11). Le Boulch (1987, p. 188) e Barros (2001) concordam com Schilder ao afirmarem que o uso distinto dos termos se deu a partir da forma que diferentes campos do saber os conceituam.

Apesar da mesma realidade fenomenológica, a apropriação do termo “Esquema Corporal” teve referência na Neurologia, e “Imagem Corporal”, na Psicologia. Nas palavras de Le Boulch:

De nossa parte, consideramos o esquema corporal ou imagem do corpo como uma intuição de conjunto ou um conhecimento imediato que temos de nosso corpo no estado estático ou em movimento, na relação de suas diferentes partes entre si em suas relações com o espaço circundante dos objetos e das pessoas. Esta noção acha-se no centro do sentimento de maior ou menor disponibilidade que temos de nosso corpo e no centro da relação vivida, universo-sujeito, sentida efetivamente e às vezes no modo simbólico (LE BOULCH, 1987, p. 188).

Tavares (2003, p. 37) destaca que alguns autores entendem Esquema Corporal como uma estrutura “neurológica responsável pelas informações proprioceptivas que concedem o reconhecimento do corpo anatômico”; e Imagem Corporal relacionada à experiência afetiva do corpo, próprio de cada um. Entretanto, tendo em vista que as estruturas neurológicas e a vivência

afetiva não se dão isoladamente, nota-se a relação e articulação entre corpo e a influência do meio externo.

Seguindo essa mesma tendência, Oliver (1999) também leva em conta as significações que tal vivência implica:

Imagem do corpo é, portanto, o conceito – e a vivência – que se constrói ‘sobre’ o esquema corporal, e que traz consigo o mundo humano das significações. Na imagem, estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo que se move, que repousa, que simboliza (OLIVIER, 1999, p. 27).

De maneira semelhante, Erthal (1991) conceitua a Imagem Corporal como um retrato do corpo formado na mente, sendo, desta forma, o esquema corporal expandido para além do próprio corpo, uma vez que as roupas e os adornos atrelados ao corpo e tudo aquilo que se origina ou emana dele também passam a fazer parte dessa imagem criada.

No que diz respeito às pesquisas que inauguraram a relação entre a Imagem Corporal e formação da identidade do indivíduo, destaca-se o neurologista, psiquiatra e psicólogo alemão Paul Schilder. Seus estudos são considerados um marco nas pesquisas sobre Imagem Corporal devido a sua grande inovação na forma sistêmica e integradora de abordar o tema, pois o autor considera os aspectos neurológicos, sociais e afetivos associando-os à psicanálise.

A utilização preferencial do termo “Imagem Corporal”, embora sujeito a certas ambiguidades (já citadas), passou a constituir uma perspectiva integradora enquanto fenômeno do conhecimento de si próprio.

Schilder adiciona à percepção o nível psíquico. O autor trabalha com a perspectiva do “corpo existencial”: visão integral do corpo e do reconhecimento da estreita relação dos aspectos fisiológicos, emocionais e sociais na construção da Imagem Corporal.

Sendo assim, esse constructo é caracterizado como multidimensional, instável, subjetivo, fluido. Segundo definição clássica do próprio Schilder, a Imagem Corporal pode ser entendida por “... imagem do corpo humano, a figuração dos nossos corpos formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós” (1999, p.11). Em seu livro intitulado A

imagem do corpo: as energias construtivas da psique, que teve sua primeira edição em 1935, mas que ainda hoje é uma importante referência nas pesquisas sobre o tema, o autor assegura:

Há sensações que nos são dadas. Vemos partes da superfície do corpo. Temos impressões táteis, térmicas e de dor. Há sensações que vêm dos músculos e seus invólucros, indicando sua deformação; sensações provenientes de inervação dos músculos; e sensações provenientes das vísceras. Além disso, existe a experiência imediata de uma unidade de corpo (SCHILDER, 1999; p. 7).

Essa abordagem, baseada na conexão entre psiquismo e experiências corporais do plano motor, como impressões visuais e táteis, leva em consideração o contexto existencial do indivíduo, ou seja, as circunstâncias em que a personalidade experimenta a percepção, experiências de sensação e exploração do próprio corpo. Portanto, dentro desse eixo teórico, a estrutura libinal, as pulsões, os desejos e as emoções também fazem parte do processo de (des)construção da Imagem Corporal de modo contínuo:

(...) fazemos experiências constantes com ele. Quando a experimentação através do movimento não é suficiente, acrescentamos a influência do aparelho vestibular e de intoxicantes da imagem. Quando, mesmo assim, o corpo não é suficiente para expressar as mudanças lúdicas e destrutivas que ocorrem nele, acrescentamos roupas, máscaras, joias, que por sua vez também se expandem, contraem, desfiguram ou enfatizam a imagem corporal e partes dela (SCHILDER, 1999, p. 183).

Logo, a contribuição de Schilder tornou-se expressiva para os estudos de Imagem Corporal, uma vez que baliza a transição de um período em que o pensamento sobre o tema era unidimensional - centrado nos aspectos fisiológicos do corpo, para um período multidimensional, onde são considerados também os aspectos sociais e psicológicos (BARROS, 2005; TAVARES, 2003; PENNA, 1990).

O entendimento da Imagem Corporal requer a abordagem da questão psicológica central da relação entre as impressões dos movimentos e dos sentidos do indivíduo, pois existe sempre uma personalidade que exprime a percepção (SCHILDER, 1999). A Imagem Corporal, compreendida como a imagem do corpo construída e desconstruída dinamicamente, resguarda um considerável aspecto subjetivo (HIRATA, 2009).

A partir das contribuições de Schilder, a Imagem Corporal passou a ser interpretada como “a representação da identidade corporal” (TAVARES, 2003, p. 28-29). A construção dessa identidade é dinâmica e acompanha diretamente a relação entre o ser e o meio em que vive, ou seja, o fator cultural se integra aos fatores psicológicos e fisiológicos para formar a imagem corporal (GLESSON; FRITH, 2006).

Cash e Pruzinsky (2002) corroboram a vertente multidimensional da Imagem Corporal. Estes pesquisadores são dois importantes representantes da investigação sobre o tema na atualidade, em decorrência da maneira como os mesmos têm abordado a complexidade do constructo, estruturando linhas de pesquisa na área.

Slade (1994) também tem se destacado em virtude da ampliação do conceito de Imagem Corporal por ele proposto, definindo-a como uma imagem que o indivíduo tem do tamanho e do contorno de seu próprio corpo, bem como dos sentimentos em relação a essas características e às peças que constituem o corpo.

No início da década de 1990, a formulação conceitual que considera uma teoria integrativa se firmou e vem mantendo suas características até os dias atuais (CASH; PRUZINSKY, 2002).

Os estudos em relação a esse construto têm sido, frequentemente, ligados a manifestações patológicas (CAMPANA; TAVARES, 2009), com acentuada inclinação aos transtornos alimentares. Contudo, ao longo das investigações, percebeu-se que as implicações acerca da Imagem Corporal não se restringem somente a quadros patológicos. A insatisfação corporal tem sido considerada como uma ocorrência com possibilidade de acometer qualquer indivíduo, independente da classe social, da etnia e, sobretudo, do gênero (BOSI et al., 2006; JACKSON, CHEN, 2010 ; VILELA et al., 2004).

Diante disso, é importante destacar que conceituar Imagem Corporal não é tarefa simples devido à sua dinamicidade e multidisciplinaridade. Estas razões dificultam o estabelecimento de consenso entre os estudiosos na sua definição. Entretanto, conceituados pesquisadores (CASH; PRUZINSKY, 2002; SLADE, 1994; CAMPANA; TAVARES, 2009) concordam em tratá-la como um constructo multidimensional, sustentado por duas grandes dimensões: a perceptiva e a atitudinal, assunto que será abordado na próxima seção.

2.1.1 Dimensões da Imagem Corporal

Com a passar dos anos, a conceituação de Imagem Corporal continua sendo preocupação dos pesquisadores do tema. Percebem-se na literatura, diversas e, por vezes, divergentes nomenclaturas que apontam tendências de linhas conceituais também distintas. Tal constatação corrobora a complexidade do tema, e a inviabilidade de tratá-lo na sua totalidade.

Assim, as investigações relacionadas à Imagem Corporal apontam, atualmente, para a divisão em duas dimensões principais: a dimensão perceptiva e a dimensão atitudinal (CASH, PRUZINSKY, 2002; THOMPSON, 2004). Segundo Gardner (1996), a distinção da avaliação da Imagem Corporal nesses dois aspectos tem sido um dos elementos basilares da teorização recente da área.

A dimensão perceptiva envolve a estimativa do tamanho e das formas corporais. Estudos da imagem perceptual do corpo buscam avaliar a relação entre as proporções reais do corpo do indivíduo e o seu próprio julgamento (THOMPSON E GARDNER, 2002)

Gardner (2004) destaca que a distorção destes componentes é comumente observada em indivíduos com desordem alimentar, que frequentemente superestimam seu tamanho corporal.

De acordo com Tavares et al. (2010), avaliar a dimensão perceptiva da Imagem Corporal é um assunto menos explorado quando comparado à dimensão atitudinal. No entanto, teve papel acentuado na construção e

delimitação de conceitos e no desenvolvimento de métodos de pesquisa a partir da metade do século passado. As autoras afirmaram que, nas décadas de 60 e 70, parte das pesquisas tinham como foco investigar a alteração da percepção do corpo em pessoas que tinham transtornos alimentares e alterações de peso (TAVARES et al., 2010). De maneira geral, neste período, o entendimento dos pesquisadores se pautava na crença de que era possível quantificar de forma objetiva a percepção da Imagem Corporal e na presunção de que a alteração da percepção não era influenciada por fatores externos e/ou ambientais.

Entretanto, com o desenvolvimento de novas pesquisas que se propunha avaliar a dimensão perceptiva (principalmente em solo internacional) levaram a alguns resultados que iam de encontro à creditada objetividade dos métodos. Instrumentos e teorias sustentadas anteriormente foram revistas. Gardner (1996); Cash e Pruzinsky (2002) dentre outros pesquisadores, admitiram que a percepção resultasse da intervenção de vários fatores sensoriais e não sensoriais como informações táteis, sinestésicas e visuais.

Segundo McCabe (2006), pode-se considerar que a percepção da Imagem Corporal resulta da recepção e integração de uma variedade de informações sensoriais. A inacurácia na percepção seria resultante dos fatores sensoriais, como a intensidade do estímulo e a atenção. Gardner e Bokenkamp (1996) advertem que a percepção do corpo também pode ser influenciada por fatores subjetivos não sensoriais. Estado de humor, período menstrual, fome, cores de roupa e manchas na pele alteram a percepção do corpo.

Assim, a dimensão perceptiva é reconhecidamente considerada em seus dois fatores: sensorial – formado, sobretudo, pelas respostas visuais e táteis; e o não sensorial – formado por variáveis afetivas e cognitivas relacionadas à identidade do sujeito (CASH, PRUZINSKY, 2002; THOMPSON et al., 1998; GARDNER, BOKENKAMP, 1996).

Os fatores não sensoriais ganharam um caráter cognitivo e afetivo, podendo não mais ser consequentes apenas da percepção visio-espacial, mas de reflexos da crença e do conhecimento do indivíduo sobre o seu próprio corpo, ou seja, de fatores afetivos e cognitivos em integração com habilidades perceptivas.

A partir daí, no fim dos anos 80, as pesquisas em Imagem Corporal adquirem outro foco: a dimensão atitudinal (TAVARES et al. 2010). Essa dimensão ultrapassa o julgamento do tamanho do corpo, pois trata-se das atitudes do indivíduo a respeito do seu corpo ou de partes dele. Relaciona-se a aspectos como: pensamentos, sentimentos, ações, satisfação/insatisfação, nível de preocupação e de ansiedade com a aparência e que, por sua vez, influenciam o nível de conforto com a aparência do próprio corpo (ADAMS, TURNER, BUCKS, 2005). Portanto, ao se avaliar a dimensão atitudinal da Imagem Corporal, faz-se uma inferência sobre as avaliações cognitivas e afetivas através da conexão de informações dadas pelo sujeito pesquisado. Ou seja, estudar a dimensão atitudinal significa avaliar quais são os comportamentos, as emoções e as cognições do sujeito em relação ao seu corpo.

Mc Cabe et al. (2006) subdividem a dimensão atitudinal nos componentes: afetivos (nível de ansiedade, dentre outros sentimentos em relação à aparência), cognitivos (crenças, valores sociais, ideal de beleza) e comportamentais (procedências adotadas para autoavaliação corporal).

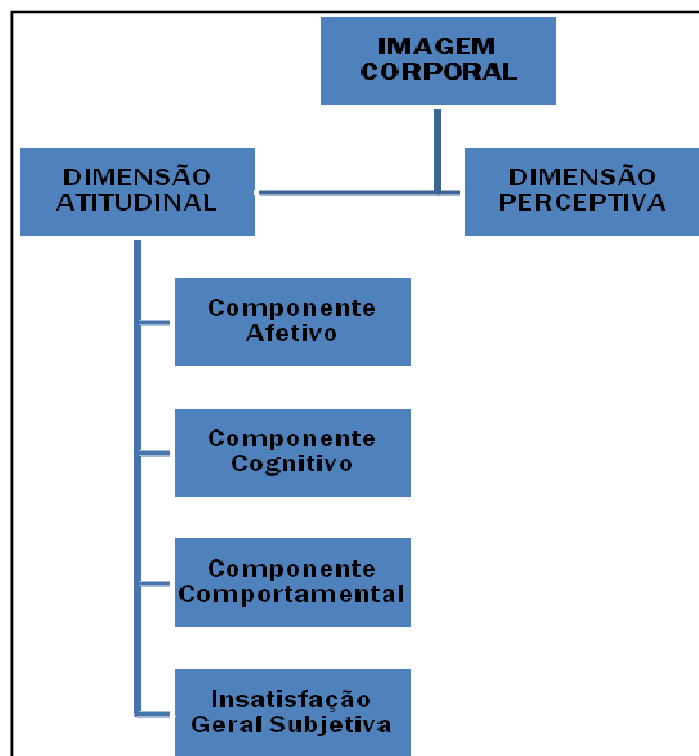
Entretanto, essa divisão não é unânime entre os pesquisadores (THOMPSON et al., 1998). Alguns autores como Campana e Tavares (2009), Cash e Pruzinsky (2002) e Thompson (1998) consideram a insatisfação geral subjetiva como mais um dos componentes da dimensão atitudinal, que diz respeito ao sentimento de aceitação ou rejeição da aparência física.

Para Banfield e McCabe (2002), a insatisfação corporal seria parte dos componentes afetivos e cognitivos; ao passo que, para Thompson et al. (1998), ela seria um aspecto isolado, dividido por sua vez, em satisfação com o peso, com a forma e com a aparência como um todo.

De qualquer forma, a insatisfação pode ser entendida como um desconforto que o indivíduo sente em relação a sua aparência, estando, muitas vezes, associada a problemas psicológicos como: depressão, desordens alimentares e baixa autoestima (STICE, SHWAN, 2002). Deste modo, a insatisfação corporal pode desencadear a chamada “Imagem Corporal Negativa” (ROSEN, 1991). A insatisfação configura-se, portanto, como perturbação cognitivo-emocional (GARNER; GARFINKEL, 1981).

O presente estudo adotou, como embasamento teórico, o modelo conceitual que considera a insatisfação geral subjetiva como um dos componentes da dimensão atitudinal (Figura 1).

Figura 1 - Dimensões da imagem corporal (adaptado de Campana e Tavares, 2009).



Fonte: o autor (2013).

Esse modelo dividido, para efeitos didáticos, visa esclarecer, no campo acadêmico e de pesquisas sobre Imagem Corporal, os seus diferentes componentes, na tentativa de padronizar o emprego de termos, evitando, dessa forma, conceituações dispersas (THOMPSON, 2004).

Segundo Campana e Tavares (2009, p.77) apud Thompson e Van Berg (2002), as partes que compõem a dimensão atitudinal podem ser definidas como:

- “*Componente afetivo*, referindo-se a emoções relativas à aparência física, incluindo ansiedade, disforia e desconforto em relação à própria aparência;
- *Componente comportamental*, reportando-se à evitação de situações de exposição do corpo e à adoção de comportamentos de checagem do mesmo;
- *Componente cognitivo*, remetendo-se ao investimento na aparência física, a pensamentos distorcidos e a crenças sobre o corpo;
- *Insatisfação geral subjetiva*, referindo-se à insatisfação/satisfação que uma pessoa pode ter em relação à sua aparência como um todo”.

Diante disso, um ponto substancial para o entendimento desta pesquisa é a ênfase intencional dada à dimensão atitudinal da Imagem Corporal, que se constitui o foco central desta investigação. O próximo item procura abordar questões sobre a avaliação (e os instrumentos disponíveis para este fim) e seguirá restrito à dimensão atitudinal.

2.1.1.2 Avaliação Atitudinal da Imagem Corporal – Instrumentos

Com o crescimento das discussões e investigações acerca da temática Imagem Corporal em todo o mundo, percebe-se a necessidade de desenvolvimento e criação de instrumentos para avaliação desta Imagem.

Por ser um construto multidimensional, existem diversas maneiras de se avaliarem os componentes da Imagem Corporal. Pesquisadores têm despertado o interesse em avaliar as diversas facetas deste fenômeno (SMOLAK, MURNEN, RUBLE, 2000; HAUSENBLAS, DOWNS, 2001).

Na avaliação da Imagem Corporal, o pesquisador busca identificar traços marcantes na amostra (população ou indivíduo), focando ora aspectos perceptivos, ora aspectos atitudinais.

Devido à necessidade acadêmica de mensuração, estão sendo desenvolvidas escalas com uma série ordenada de perguntas que facilitam a

tradução das informações que se desejam pesquisar para que possam ser analisadas de forma prática, objetiva e precisa.

De acordo com Thompson (2004), questionários e escalas auto-aplicáveis são os instrumentos mais apropriados para se avaliarem os aspectos que compõem a Imagem Corporal, seja em investigações epidemiológicas ou em amostras clínicas.

As escalas e os questionários autoavaliativos são os principais instrumentos utilizados no acesso a esse construto, provavelmente por sua praticidade de aplicação e análise.

Atualmente, as avaliações caracterizam-se essencialmente por escalas e questionários autoaplicativos, que possibilitam a utilização em grandes amostras e, também, facilitam investigar um mesmo construto em diferentes populações.

Com o crescimento do número de escalas existentes e a necessidade de se realizarem pesquisas semelhantes em diferentes contextos, muitos autores têm-se dedicado à adaptação transcultural de instrumentos, o que se caracteriza como uma forma de tornar um protocolo, já existente em outra língua, utilizável em um novo contexto cultural.

Existe um pequeno número de instrumentos avaliativos de autorrelato, no Brasil, destinados à avaliação da Imagem Corporal. Entretanto, é notório o esforço de pesquisadores brasileiros, nas últimas décadas, em realizar tradução e adaptação de instrumentos desenvolvidos originalmente em outra cultura, já que os mesmos contam com um pequeno número de instrumentos para a avaliação dos componentes da Imagem Corporal. (CAMPANA; TAVARES, 2009).

Em estudos populacionais, devido à praticidade de aplicação e à possibilidade de englobar grandes amostras, a escala de silhuetas é uma das técnicas mais utilizadas (THOMPSON e GRAY 1995). A escala de silhuetas é composta por figuras que representam o corpo humano, variando de um corpo muito magro a muito gordo. Nessa técnica avaliativa, a insatisfação é entendida como a discrepância entre a figura de silhueta escolhida, a ideal e a atual (GARDNER; BROWN, 2010).

Entretanto, Thompson e Gray (1995) e Gardner, Friedman e Jackson (1998), alertam para alguns problemas na adoção dessa escala, como: a

disposição de figuras em forma crescente; poucas figuras; e a dificuldade de uma boa representação do corpo humano.

Somado a isso, poucas escalas de silhuetas apresentam estudos sobre as suas propriedades psicométricas (THOMPSON et al., 1998; GARDNER, 2001).

Outros métodos e técnicas avaliativas compreendem o uso de questionários, entrevistas estruturadas e semiestruturadas (THOMPSON et al., 1998). Thompson (2004) adverte para a cautela por parte do pesquisador, em relação à escolha do instrumento. As particularidades da amostra que se deseja pesquisar, a dimensão envolvida, o componente a ser avaliado e o emprego de instrumentos com propriedades psicométricas comprovadas são especificidades que carecem de um olhar atento.

De acordo com Beaton et al. (2000); Anastasi e Urbina (2000); Guillemín, Bombardier, Beaton, (1993); Pasquali (2003); Thompson (2004), duas propriedades básicas devem ser conferidas: a validade e a confiabilidade. Segundo Pasquali (1996, p. 93), “costuma-se definir a validade de um teste dizendo que ele é válido se de fato mede o que supostamente deve medir”, ou seja, é a precisão com que o fenômeno é medido.

A confiabilidade diz respeito ao grau com que o instrumento mede com precisão o atributo que se propõe a medir. Nas palavras de Campana e Tavares (2009), confiabilidade é mensurar fielmente um mesmo conceito. A confiabilidade refere-se à homogeneidade (fidedignidade) e reprodutibilidade (estabilidade), atribui quanto o escore obtido no instrumento se aproxima da realidade de um traço qualquer (PASQUALI, 1996, 2004).

No Quadro 1, a seguir, serão apresentados, resumidamente, alguns dos instrumentos disponíveis no Brasil, organizados quanto ao sexo da população-alvo do presente estudo (masculina), à faixa etária da amostra (18 e 19 anos) e à dimensão avaliada (atitudinal), assim como o aspecto avaliado (cognitivo, comportamental, afetivo e insatisfação).

Quadro 1 – Instrumentos disponíveis para a realidade brasileira destinados a avaliar os componentes da dimensão atitudinal da Imagem Corporal de adolescentes do sexo masculino, maiores de 18 anos.

INSTRUMENTO	REFERÊNCIA	IDADE	COMPONENTE
Escala de Autoavaliação do Esquema Corporal	FARIAS; CARVALHO (1987)	>18	Afetivo
Body Image Acceptance and Action Questionnaire	FERREIRA; PINTO-GOUVEIA; DUARTE (2007)	13 – 50	Cognitivo
Body Dysmorphic Disorder Examination	JORGE et al. (2008)	>18	Afetivo
*Muscle Appearance Satisfaction Scale	SARDINHA et al. (2008)	14 – 63	Comportamental
Body Shape Questionnaire	DI PIETRO; SILVEIRA (2009)	>18	Insatisfação Geral Subjetiva
Escala de Silhuetas Brasileiras Para Adultos	KAKESHITA et al. (2009)	18 – 60	Afetivo **
Escala de Influência dos Três Fatores	CONTI et al. (2010)	>18	Afetivo
Escala Situacional de Satisfação Corporal	HIRATA; PILATI (2010)	>18	Insatisfação Geral Subjetiva
Sociocultural Attitudes Towards Appearance	AMARAL, et al. (2011)	>18	Cognitivo
*Male Body Checking Questionnaire	CARVALHO et al. (2012)	>18	Comportamental

* Instrumentos destinados exclusivamente para o público masculino. ** Avalia as dimensões atitudinal e perceptiva.

Fonte: o autor (2013).

No próximo tópico buscou-se investigar como e sob quais circunstâncias a cultura contemporânea passou a ditar normas em relação ao corpo à luz da teoria sociocultural. Procurou-se pensar a Imagem Corporal concatenada aos valores da cultura, ou seja, envolvendo crenças, mitos, valores e padrões.

2.2 Imagem Corporal sob a Perspectiva Sociocultural – da Internalização e Comparação Social à Insatisfação Corporal

Acredita-se que seja por meio do corpo que o sujeito se comunica com o mundo, estabelecendo relações que influenciarão o conceito que ele faz de si. A influência social e cultural desempenha um papel significativo na forma como os sujeitos aceitam o seu corpo, bem como em suas maneiras de pensar este corpo.

Diversas linhas teóricas buscam o entendimento da Imagem Corporal, como a sociocultural, a neurocognitiva, a cognitiva comportamental, teorias feministas, a psicodinâmica, a psicossomática, dentre outras perspectivas (CASH e PRUZINSKY, 2002).

As investigações que admitem a influência social normativa, no que se refere a padrões de corpo na Imagem Corporal do indivíduo, estão contempladas na perspectiva sociocultural. Dessa forma, o presente estudo toma como base essa sustentação teórica.

Stice e Tristan (2005) colocam que este poder de influência sociocultural tem aumentado devido à pressão efetuada pelos meios culturais, associados à comparação aos modelos de beleza impostos. As atitudes, motivações e escolhas estão estreitamente ligadas às expectativas culturais. Ou seja, o seu poder de alcance e a sua capacidade para constituir teias sociais de pensamentos, hábitos e modos de vida na contemporaneidade são incontestáveis. Assim, os valores socioculturais influenciam percepções e comportamentos das pessoas (JAKSON, 2002).

Salienta-se, desta forma, o papel da cultura e dos valores socioculturais na Imagem Corporal individual. A mídia tem se configurado como um meio de grande expressão, capaz de criar e mercadorizar elementos da cultura. Os meios de comunicação, especialmente a publicidade direcionada para um público-alvo, exibem exaustivamente imagens de corpos “perfeitos”, por vezes, inalcançáveis. Nas palavras de Sabino (2004):

Atravessamos uma época na qual o culto à forma corporal ganhou amplitude inédita. Não é mais novidade. Músculos definidos e inflados, tatuagens, piercings, implantes de silicone, botox, bronzado

artificial, cirurgias plásticas estão constantemente presentes no cotidiano das grandes cidades e na mídia atual. (p.13)

Há várias formas de a mídia expandir a capacidade humana de massificar/circular notícias e informações, (re)produzindo conhecimentos, sem precisamente acompanhar a reflexão sobre a mesma e os valores por ela disseminados.

Achados empíricos reforçam a ideia de que variáveis socioculturais se configuram como consideráveis fatores de risco para a insatisfação com o corpo (TIGGEMANN, 2004; GROESZ, 2002), quais sejam: um padrão de corpo socialmente corpartilhado (norma); as pressões percebidas para se conformar a essa norma e a internalização do padrão de corpo ideal (CAFRI et al., 2005).

Por norma, considera-se um conjunto de “regras ou padrões entendidos por membros de um grupo que guiam e/ou restringem o comportamento social sem a força das leis” (CIALDINI, TROST, 1998). A internalização ocorre quando o indivíduo adota alguns comportamentos porque este é apropriado a sua rede de valores. Ou seja, quando o indivíduo adere cognitivamente aos ideias socialmente definidos, uma norma cultural foi internalizada.

Portanto, o processo de internalização resulta das relações normativas estabelecidas entre o indivíduo, o seu corpo e as interferências do meio. Os indivíduos tendem a ser coniventes com o grupo ao qual pertencem e almejam uma reação favorável desse grupo. Dessa forma, as ideias e ações são intrinsecamente recompensadoras ou pelo menos evitam “punições sociais”.

Contudo, para Cialdini e Trost (1998) e Jackson (2002), há possibilidade da existência de variações interculturais, isto é, algumas normas podem ser especificidades de uma dada cultura.

Outro processo subjacente às influências sociais é denominado por Festinger (1954) de “comparação social”. De acordo com os pressupostos do autor, os indivíduos possuem um “drive”, um mecanismo de motivação interno que os impulsiona a avaliar suas próprias opiniões e habilidades. Entretanto, essa avaliação tende à comparação com opiniões e habilidades de outras pessoas. A ausência de um método preciso estimula os indivíduos a buscarem o autoconhecimento por meio da comparação dos comportamentos,

sentimentos e pensamentos, tomando como referência as pessoas próximas do comparador (WOOD, 1989).

Esse mecanismo interno para a autoavaliação pode ocorrer de três maneiras. A primeira delas trata da “comparação ascendente”, em que o indivíduo se compara com os demais, que por sua vez, se encontram em condições superiores (KONH e SMITH, 2003; FRISBY, 2004). É com apoio nas comparações ascendentes que os meios de comunicação empregam imagens idealizadas visando despertar o desejo e o interesse do consumidor para adquirir determinados serviços e produtos (FRISBY, 2004). Contudo, as comparações ascendentes podem gerar consequências psicológicas negativas, como por exemplo, sentimentos de inferioridade e diminuição da autoestima (RICHINS, 1995) e o aumento da insatisfação corporal (STICE e SHAW, 2002).

A segunda maneira é denominada “comparação descendente”. Ao contrário da anterior, o indivíduo se compara com pessoas em situações inferiores à dele (WILLS, 1981). As comparações descendentes são essenciais na restauração e manutenção da autoestima, pois estimulam um maior apreço corporal e, por conseguinte, resultam em autoavaliações mais positivas (MORRISON, KALIN E MORRISON, 2004). De acordo com Mussweiler (2001), a vantagem das comparações descendentes está na redução do grau de exigência das comparações.

O terceiro modo de comparação é nomeado por Festinger (1954) de “lateral”. Quando esta é realizada, tomam-se como base as pessoas em condições semelhantes. As comparações com pessoas compatíveis são mais objetivas e são capazes de restabelecer a autoconfiança no tocante às decisões e ações do indivíduo (Festinger, 1954; Taylor et al., 2006).

Segundo Guimond (2006), os estudos de Festinger abrangem desde o plano intra e inter individual, atravessando a comparação intra e inter grupal até chegar ao nível cultural. Os efeitos afetivos do processo comparativo são induzidos pela direção das comparações (para mais ou para menos) e por características do alvo: se é universal (influência da mídia), ou singular (influência da família e dos amigos) (WHELLER e MYAKE, 1992).

Com o passar dos anos, a teoria de Festinger passou por inúmeras revisões e complementações. Recentemente, os psicólogos sociais incluíram nesses três tipos de comparações sociais, as comparações históricas ou

temporais, as quais se diferenciam das antecedentes, no fundamento de que o sujeito se avalia no presente, comparando-o ao passado ou ao futuro (KONH e SMITH, 2003). Segundo Stuart (1977), as comparações temporais têm como finalidade auxiliar o sujeito a estabilizar a sua identidade ao longo do tempo. Logo, trata-se de um recurso imprescindível para que o sujeito possa se analisar e se adequar às mudanças trazidas pelo tempo.

Um estudo desenvolvido por Kruglanski e Mayselless (1990) também demonstrou que a propensão que os indivíduos têm para se autoavaliarem por meio das comparações está subordinado às motivações intrínsecas individuais que, por sua vez, variam de acordo com fatores culturais, situacionais e da personalidade.

Seguindo o mesmo raciocínio, Baumeister (1998) afirma que as relações que o indivíduo estabelece com o seu corpo podem ser entendidas em função de sua “consciência reflexiva”, que diz respeito à experiência de estar consciente sobre si mesmo (autorreferência), tratando-se, pois dos momentos em que o sujeito se “cheça” no espelho ou sobe na balança. Contudo, o próprio Baumeister atenta para o fato de que a consciência de si mesmo frequentemente recorre à comparação com um padrão.

O comportamento de checagem corporal, de acordo com Mountford, Haase e Waller (2006), inclui ações constantes de autoavaliação, tais como: aferição do peso corporal, exame – por meio de espelhos ou superfícies reflexivas – do tamanho e da forma corporal; toque e “pinçamento” em busca da gordura corporal; comparação do corpo com o de outros sujeitos, dentre outros.

O autojulgamento configura-se, portanto, como um aspecto interpessoal, dependente do contexto social. A comparação social (TANTLEFF-DUN, GOKKE, 2002), não raro, pode gerar ansiedade social e introversão.

A comparação e os comportamentos adotados para se aproximar de um padrão podem maximizar a insatisfação e a preocupação com o próprio corpo pela atenção seletiva e constante dada à forma e ao peso corporal (FAIRBURN, SHAFRAN, COOPER, 1999), visto que a satisfação com o corpo tem sido inferida a partir da percepção do corpo ideal e atual. Implicações comportamentais como: dietas, cirurgias plásticas, uso de esteróides

anabólicos, podem ser sinalizadores de insatisfação corporal (GROGAN, 2008).

As influências sociais podem ter grande relevância no tocante à adoção de comportamentos de risco, como é o caso dos transtornos alimentares, dos distúrbios dismórficos corporais, dentre outros descontentamentos graves. Nestes casos, há um considerável afastamento entre o corpo real e o corpo percebido (THOMPSON, GARDNER, 2002). O comportamento de checagem pode servir como parâmetro de avaliação do indivíduo com transtorno no julgamento de seu sucesso ou fracasso em relação ao controle do peso.

Assim, assume-se que muitas vezes a comparação com padrões leva à autoavaliações negativas (TIGGEMANN, MC GILL, 2004; BENESSOFF, 2003; VAN DEN BERG et al., 2007; DITTIMAR, HOWARD, 2004). Considera-se que alguns aspectos sociais e culturais contribuem para o desenvolvimento de problemas da Imagem Corporal, podendo afetar a satisfação corporal. Em destaque, têm-se as interferências interpessoais e as da(s) mídia(s), vistas como fontes de origem de comportamentos sobre Imagem Corporal do indivíduo ao longo da vida (SMOLAK et al., 2000; TIGGEMANN, 2002), já que elas (as mídias) se configuram como um importante elemento na fabricação dos cotidianos.

Nos dizeres de Cash e Fleming (2002, p. 278) “a Imagem Corporal se desenvolve através da internalização das avaliações socialmente refletidas”. Contudo, há diferenciações nos modelos ditados para homens e mulheres em diferentes faixas etárias. Os próximos tópicos desta seção se destinam a aprofundar, respectivamente, sobre a construção do corpo adolescente e, em particular, sobre a construção do corpo masculino.

2.3 Imagem Corporal na Adolescência

Diante das reflexões supra mencionadas e partindo da premissa de que a construção da Imagem Corporal pode ser influenciada por diversos fatores como: sexo, idade, meios de comunicação, bem como valores inseridos em uma cultura, considera-se, que apesar de as tendências sociais e culturais pressionarem ou influenciarem ideais de corpo para pessoas de todas as idades, durante a adolescência tais eventos são mais susceptíveis, sendo mais comum segundo Wang e Dietz (2002), o desenvolvimento de problemas com a aceitação da autoimagem e com a avaliação do corpo.

Diante dessa afirmação, neste item pretende-se discutir a respeito do conceito de adolescência, e também sobre as intercorrências comuns a esta etapa da vida no que tange à Imagem Corporal.

Há, aproximadamente, em todo mundo, 1,2 bilhões de adolescentes. Uma em cada cinco pessoas é adolescente, o que representa quase 20% da população mundial (WHO, 2005). No Brasil, 20,8% da população são jovens com idade entre 10 a 24 anos, especificamente no Estado de Minas Gerais; 8,92% estão na faixa etária entre 15 a 19 anos (IBGE, 2000).

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2005) adota o critério cronológico para delimitar o período da adolescência, considerando-o compreendido entre 12 e 21 anos de idade. Refere-se, principalmente, à dimensão biológica da adolescência, considerando três fases: inicial (entre 10 e 14 anos), intermediário (entre 15 e 17 anos) e final (entre 17 e 21 anos) (WHO, 2005).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – 1990, lei 8069 de 13/07/1990 - estabelece a faixa etária dos 12 aos 18 anos, e também tende a considerar esta classificação segundo um ponto de vista biológico (ECA, 2007).

Todavia, para Papalia e Olds (2000) a adolescência pode durar aproximadamente 10 anos - dos 11 ou 12 anos até pouco antes ou depois dos 20 anos. As autoras afirmam que a fase da juventude é marcada por uma turbulência de transformações, informações, escolhas e oportunidades. É o período que traça a estruturação final da personalidade do indivíduo, o que por conseguinte, reflete-se no corpo na necessidade de encontrar-se e afirmar-se.

Sendo assim, constata-se que a definição de adolescência é construída de modo compartilhado na sociedade: “O fenômeno adolescência constitui-se de um evento socialmente instituído, surgido pela necessidade de enquadrar indivíduos que se encontram no período de transição entre a infância e a fase adulta (...)” (CHEMELLO, 1999).

Nas palavras de Conti (2002), “(...) refere-se a uma etapa do ciclo vital humano (...) localizado entre a infância e a fase adulta, correspondente a uma ‘travessia’ para uma dada condição de adulto” (CONTI, 2002). Logo, a adolescência compreendida como uma etapa evolutiva peculiar do ser humano, exige uma visão ampla, desde especificidades individuais, inserção social, até uma maturidade biológica, psicológica e social. Osorio (1992) afirma que tais aspectos são indissociáveis. O agrupamento desses elementos e características é que confere a unidade ao fenômeno adolescência.

Segundo Aberastury e Knobel (1981), a adolescência é a etapa na qual o indivíduo busca a identidade adulta ajustando-se aos padrões sociais e apoiando-se nas primeiras relações afetivas, já interiorizadas, que teve com seus familiares.

Em relação aos padrões sociais, Ricciardelli, McCabe e Banfield (2000) afirmaram que tanto a mídia quanto a ligação com os amigos possuem um papel expressivo na insatisfação corporal de adolescentes do sexo masculino. Influência mais destacada do que a exercida pelos pais.

Em contrapartida, para Sands e Wardle (2003), além da mídia, as pressões socioculturais mais sentidas pelos adolescentes são exercidas pelos pais e amigos, por se tratar de um período de desenvolvimento da identidade de gênero e da exploração do papel sexual.

A família, como o primeiro agente socializador, acaba por inculcar mensagens sobre aparência física e hábitos alimentares (LYTTON, ROMNEY, 1991; HIL, FRANKLIN, 1998). As mães, particularmente, encarregam-se de reforçar determinados comportamentos nas relações sociais e configuram-se como um modelo para as crianças e adolescentes (HILL; FRANKLIN, 1998; KEEL et al., 1997).

Sobre a influência exercida pelo pai na Imagem Corporal dos filhos, especificamente, pouco se sabe. Estudos indicam que o papel do pai estaria mais voltado às questões relacionadas ao desenvolvimento do gênero (ATTIE,

BROOKS-GUNN, 1989; LEON et al., 1993), bem como, na atenção dada aos hábitos alimentares de seus filhos (GRANNER, BLACK, ABOOD, 2002).

Monitoramento e restrições do acesso à comida (BIRCH, FISHER, 1998) ou críticas por comparações com outras crianças por parte dos pais (BROWN et al., 1995) podem gerar insatisfação com o peso corporal nos filhos. Davison e Birch (2001) atestaram que essas advertências podem ter consequências negativas no desenvolvimento da Imagem Corporal dos filhos, principalmente daqueles com quadro de sobrepeso.

Os comportamentos adotados pelos pais também podem servir de estímulo desencadeante para comportamentos dos filhos: pais em regime alimentar têm mais propensão em instigar o controle do peso corporal dos filhos (SMOLAK, LEVINE, SCHERMER, 1999; PIKE, RODIN, 1991; STRIEGEL-MOORE, SILBERSTEIN, RODIN, 1994).

No que tange às transformações corporais e psicológicas que caracterizam este processo, como aquisições da identidade sexual, Outeiral (1994) aponta que:

“(...) vive o adolescente, neste período evolutivo, a perda de seu corpo infantil, com uma mente ainda infantil e com um corpo que vai se fazendo inexoravelmente adulto, que ele teme, desconhece e deseja e, provavelmente, que ele percebe aos poucos diferente do que idealizava ter quando adulto. Assim, querendo ou não, o adolescente é levado a habitar um novo corpo e a experimentar uma nova mente. Frente a esta transformação, desejada por um lado e, por outro, vivida como uma ameaça e uma invasão, o adolescente busca refúgio regressivo em seu mundo interno, dentro de si mesmo (em suas fantasias, devaneios e sonhos), ocorrendo inclusive, momentos de concretização defensiva do pensamento, o que interfere em seu grau de compreensão através das perdas da capacidade de abstração e do pensamento simbólico” (p.10).

Assim, além das alterações morfológicas, ocorrem alterações de humor e erotização do campo da consciência. É também um momento da existência em que o sujeito experimenta pela primeira vez um sentimento arredo de estranheza e desproporção em relação ao seu corpo, decorrentes das grandes e rápidas transformações na forma corporal e do desvencilhamento da Imagem Corporal infantil (ABERASTURY, KNOBEL, 1981). Ocorre também uma

grande transformação na convivência social com desequilíbrios e instabilidades extremas no meio cultural, oscilando entre períodos de introversão, audácia, timidez, desinteresse ou apatia, descoordenação, urgência, que sucedem a conflitos afetivos ou lhes são concomitantes (KNOBEL,1981).

Os amigos exercem um vetor de influência importante no período final da adolescência, em consequência da socialização (BUTTERWORTH, 1999; CROCKETT, LOSOFF, PETERSEN, 1984; LATTIMORE, RAFFAELLI; DUCKETT, 1989), especialmente no que se refere a preocupações com o peso (TAYLOR et al., 1998).

O’Koon (1997) sugere que, embora a relação com os pais possa exercer influências importantes nos adolescentes do sexo masculino, a ligação com o grupo de que o adolescente faz parte é que mais marcadamente pode interferir em sua Imagem Corporal.

Aberastury e Knobel (1981) indicam algumas características universais que enfatizam o dinamismo deste período: 1) a busca de si mesmo e da identidade – momentos de isolamento; 2) tendência grupal – processo de afastamento dos pais e ajustamento a grupos 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar – elaboração do luto pelo desprendimento da identidade infantil; 4) crises religiosas – que podem ir do ateísmo a comportamentos religiosos de extremo fanatismo; 5) deslocalização temporal – as urgências são enormes e, às vezes, as postergações são aparentemente irracionais; 6) a evolução sexual desde o autoerotismo até a heterossexualidade; 7) atitude social reivindicatória; 8) contradições recorrentes em todas as manifestações de conduta – as contradições facilitam a elaboração dos lutos e caracterizam a identidade adolescente; 9) separação progressiva dos pais – necessário para que o adolescente desenvolva identidades diferentes e seja capaz de formar sua própria personalidade; 10) frequente oscilação de humor e estado de ânimo – os fenômenos de depressão e “luto” acompanham o processo identificatório.

Estudos que abordam a Imagem Corporal em adolescentes foram intensificados nos últimos anos devido às rápidas mudanças de ordem corporal, psicológica e social que ocorrem neste período. Ballone (2002), Russo (2005), Featherstone (1991) aprofundam a reflexão do conceito de juventude e concluem que esta pode estar diretamente associada aos conceitos de beleza.

De acordo com Carreira Filho (2004, s/p), "Nunca existiu uma sociedade cobrando tanto do adolescente uma referência de corpo que, na verdade, é inatingível". Esta afirmativa parte da apuração de dados obtidos através de uma investigação epidemiológica que buscou verificar a prevalência do uso de substâncias químicas com objetivo de modelagem corporal entre adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos, do município de São Caetano do Sul. Nesta pesquisa verificou-se um número significativo de jovens -. 61,64% dos entrevistados - que declararam ter feito uso de substâncias químicas ou outros procedimentos com finalidade de modelagem corporal.

Ainda no que diz respeito a publicações que contemplem a Imagem Corporal de adolescentes, observa-se nos resultados dos estudos, como os de Conti et al. (2005) e Bretas (2003), uma grande preocupação por parte dos adolescentes com as alterações morfológicas como: o peso, massa corporal e desenvolvimento de caracteres sexuais secundários (especialmente em estágios iniciais da adolescência).

Andrade et al.(2009), em um estudo transversal com 378 adolescentes estudantes do ensino médio da rede particular e pública da cidade de Juiz de Fora – MG, de ambos os sexos, ao investigar sobre insatisfação com a Imagem Corporal, detectaram existir maior insatisfação com o corpo entre as meninas, especialmente aquelas estudantes de escolas particulares. A insatisfação corporal também demonstrou ter relação com a prática de atividades físicas. Segundo as autoras, os adolescentes sedentários mostraram-se mais insatisfeitos com os seus corpos.

Em contraponto, levando em consideração as diferenças culturais e de contexto que culminam em todo o processo maturativo biopsicossocial, Miranda, et. al. (2011) desenvolveram uma pesquisa epidemiológica do tipo transversal com escolares moradores de cidades de pequeno porte, localizadas na Zona da Mata mineira, em um raio de 70 km de Juiz de Fora - MG. Os autores constataram que 73,6% dos adolescentes mostraram-se livres de insatisfação Corporal de acordo com resultados obtidos por intermédio do instrumento *BSQ*. A insatisfação não teve alta incidência entre os adolescentes das cidades pequenas pesquisadas. Contudo, perceberam que algumas variáveis, como o estado nutricional e o sexo, são fatores que contribuem para insatisfação corporal.

Fortes et al. (2011), analisando a associação do processo maturacional com a insatisfação corporal e o comportamento alimentar inadequado em jovens atletas, atestou a influência evidente da insatisfação corporal e o percentual de gordura em relação ao comportamento alimentar inadequado em ambos os sexos. No entanto, o grau de comprometimento psicológico com exercício, idade, etnia e nível competitivo também justificou a variância de hábitos alimentares inapropriados no sexo masculino. Concluíram também que o processo maturacional esteve relacionado aos desfechos somente no sexo masculino e exerceu uma pequena influência sobre a insatisfação corporal e o comportamento alimentar inadequado em ambos os sexos.

Observa-se que parte dos estudos restringe suas investigações à análise do nível de (in)satisfação dos adolescentes de ambos os sexos, chegando à conclusão de que meninas são mais insatisfeitas quando comparadas aos meninos (CONTI, 2002; RICCIARDELLI et al., 2000; SIEGEL et al., 1999), respaldados na afirmação de que as influências socioculturais afetam diferentemente meninos e meninas, como por exemplo, o estímulo de práticas esportivas. Enquanto as meninas recebem reforço para praticarem alguma atividade mais sistematizada, com fins estéticos; os meninos são estimulados a práticas com aspecto lúdico e relacional (RICCIARDELLI et al., 2000).

Porém, estudos que buscam avaliar a (in)satisfação corporal em solo nacional, utilizam como ferramenta de avaliação o questionário *BSQ* - Body Shape Questionnaire – (também utilizado neste trabalho), e o uso desse instrumento para a avaliação de (in)satisfação corporal no público masculino vem sendo questionado por investigações recentes. Hirata e Pilati (2010) nos alertam que este instrumento seria mais adequado para a avaliação do público feminino, pois preconiza ideal de magreza e não a de muscularidade, cobijada pelos homens.

Portanto, algumas particularidades no tocante ao sexo (e às construções culturais a partir dele) não devem ser desconsideradas. Campana et al. (2009) admitem as evidências de um profundo desconforto vivenciado no corpo pelos homens como uma recente quebra de paradigmas que merece alerta da comunidade científica, visto que as preocupações com o corpo e com a aparência não são mais consideradas inquietações eminentemente

femininas. Assim, o próximo tópico se destina a apontar discussões a respeito da Imagem Corporal masculina, no que se refere ao número pouco expressivo de estudos e instrumentos específicos que contemplem esse público e sobre a desconstrução da crença de que homens não possuem insatisfação com corpo.

2.4 Imagem Corporal em Homens

Tendo em vista que a construção dos corpos se dá através da dinâmica das relações sociais, as diferenças entre os sexos não devem ser reduzidas ao determinismo biológico.

Na relação interdependente e complexa entre influência social e Imagem Corporal, algumas variáveis no que tange ao sexo (e aos papéis culturais nele fixados) têm apresentado uma importância crescente devido às diferenciações dos modelos corporais normatizados e internalizados por homens e mulheres.

Recentemente, a comunidade científica atentou-se para o fato de que a busca incansável por um corpo ideal configura-se também como uma preocupação masculina, desmistificando, dessa forma, o culto ao corpo somente por parte das mulheres. Atualmente, é aceito o fenômeno de que tanto mulheres quanto homens possuam insatisfações com a Imagem Corporal (FREDERICK et al., 2007).

Entretanto, segundo Cafri et al. (2005), o desejo de corresponder às exigências e expectativas sociais pode gerar nos homens um sentimento de receio de serem questionados quanto a sua masculinidade por se afastarem dos padrões tradicionais. Existe uma resistência por parte dos homens em admitir preocupação e insatisfação com o corpo e, por conseguinte, dificuldades em assumir a adoção de comportamentos visando à modificação corporal.

Pope et al. (2000); McCabe e Ricciardelli, (2004) entendem essa negação masculina como uma ação protetora, em que os indivíduos poderiam “depreciar” a postura de virilidade e masculinidade ao se aproximarem de comportamentos considerados normativos para mulheres.

Assim, observa-se o destaque atribuído à masculinidade relativo à necessidade de agir e sentir como homem, ocasionando cuidados e comportamentos com o controle do corpo e das emoções (WANG, JABLONSKI e MAGALHÃES, 2006).

Cash e Brown (1989) estudaram Imagem Corporal, gênero, estereótipos e realidade entre jovens e adultos de 18 a 44 anos, por meio de questionários e escalas de satisfação, e constataram que o estereótipo de

percepção entre gênero estava mais claramente distorcido para a Imagem Corporal entre mulheres do que para homens.

No entanto, Cafri e Thompson (2004), verificaram a partir de um levantamento bibliográfico que existem poucos instrumentos destinados à avaliação da Imagem Corporal masculina e que é de fundamental importância levar em consideração as especificidades existentes entre os sexos na construção de escalas e questionários. Para os autores, a utilização de instrumentos construídos para a avaliação da satisfação com o peso e com a forma do corpo está baseada na preocupação com a magreza. Tais avaliações com enfoque na gordura corporal podem ter contribuído para a crença da ausência de insatisfação corporal em homens (BLASHILL, 2011; CAFRI, THOMPSON, 2004; OLIVARDIA et al., 2004).

Possivelmente alguns aspectos da Imagem Corporal masculina foram desconsiderados em virtude de irregularidades metodológicas (SCHOOLER, WARD, 2006).

As identificações de algumas especificidades da preocupação masculina, que não eram detectadas pelo uso das escalas de silhuetas e dos questionários utilizados, foram reveladas através de estudos qualitativos que ampliaram o conhecimento sobre atitudes empregadas para a modificação corporal (BOTTAMINI, STE-MARIE, 2006; HARGREAVES, TIGGEMANN, 2006; RIDGEWAY, TYLKA, 2005).

Cohane e Pope (2001) apontam que alterações de Imagem Corporal nos homens são panoramas notórios e diferenciados do padrão de distorção típico em mulheres. A grande maioria dos homens considera um corpo musculoso como representação da Imagem Corporal masculina ideal. Ferreira et. al (2005), ao analisar as representações de corpos masculinos, contribui com essa ideia defendendo que a cultura se inscreve no corpo e a concepção do mesmo como “ideal”, “novo”, “desejado”, “belo”, “forte”, “produtivo” é refletida no imaginário social e, muitas vezes, desprivilegiando o “corpo-real”, o “corpo-possível”.

A preocupação masculina está centrada, sobretudo, no baixo percentual de gordura, nos altos índices de massa corporal magra e no estereótipo da força (HARVEY e ROBINSON, 2003).

Mulheres procuram atingir um cânone estético de corpo baseado na magreza, adotando comportamentos dirigidos para o emagrecimento – *drive for thinness* –, já os homens buscam um corpo com maior massa muscular, voltado para a muscularidade – *drive for muscularity* (McCREARY, SASSE, 2000; FISHER, DUNN, THOMPSON, 2002). A muscularidade representa, portanto, um dos componentes centrais da Imagem Corporal masculina (MORRISON et. al. 2003).

Contudo, Kelley, Neufeld, Musher-Eizenman (2010) destacam que *drive for thinness* e *drive for muscularity* não são comportamentos mutuamente excludentes. Tanto homens quanto mulheres podem apresentar, concomitantemente, os dois direcionamentos. Porém, os homens tendem a se dedicar mais ao ganho de massa muscular, ao passo que, as mulheres estão mais preocupadas em atingir um corpo magro.

A busca desenfreada pela muscularidade pode estar associada a variadas alterações negativas na Imagem Corporal, podendo contribuir para o surgimento ou agravamento de diferentes transtornos psíquicos como a baixa autoestima (HOBZA, ROCHLEN, 2009) e a depressão (MARTIN et al., 2006).

De acordo com Pope et al. (2000), a preocupação excessiva com o corpo por parte dos homens pode se associar também a maiores riscos de abuso de esteróides anabólicos. E completam que, recentemente, os homens estão sujeitos a influências e imagens da mídia, antes destinadas ao público quase que exclusivamente feminino, com a exposição de jovens definidos e musculosos no mercado da moda e na venda de produtos associados ao corpo.

A publicidade, como prática discursiva, ora reforça valores estabelecidos e engessados, ora contesta os valores cristalizados, apresentando modelos emergentes. Para Garcia (2005), vaidade e consumismo se aplicam a todo homem preocupado com sua aparência:

“(…) mas sem assumir, necessariamente, uma postura feminina (…) hábitos de consumo envolvem roupas de grife, carros luxuosos, cremes antirrugas e tratamentos de beleza. Logo as empresas começaram a olhar com interesse para esse público. De cosméticos a veículos, de imóveis a refeições, há uma imensa indústria movimentando-se para satisfazer os desejos desse pessoal varão. (p.110)

A mídia como representação do mundo em linguagem é capaz de produzir modelos que lhe conferem legitimidade. Pope et al. (2000) observam a grande e atual abertura dada pela mídia no que se refere à exposição de homens despidos, enquanto a proporção de corpos femininos despidos continuou a mesma. A partir disso, infere-se que, apesar da intencionalidade dos anunciantes, essa tendência demonstra a existência de uma expectativa por parte de quem recebe as mensagens disseminadas pela publicidade que, para se manter, necessitam do seu sucesso comercial.

O corpo masculino está cada vez mais sendo tomado como objeto publicitário na venda de diversos produtos. Alguns desses produtos estão relacionados diretamente ao corpo (como roupas, produtos para higiene corporal) e outros sem associações diretas com o corpo (venda de bebidas, aparelhos eletrônicos). No entanto, em qualquer caso, destaca-se propagação de corpos fortes e definidos associados à ideia de sucesso e plenitude.

Assim, os homens se enquadram como consumidores de bens e serviços que anteriormente eram mais direcionados para o público feminino (CARRARA, RUSSO, FARO, 2009). Logo, constata-se novos valores identitários e sociais atribuídos ao cuidado com o corpo masculino em função das alterações na forma de vivenciá-lo..

A legitimação dos modelos corporais provavelmente tem sua origem no período da infância ganhando reforços no período da adolescência (CORSEN, ANDERSEN, 2002). As primeiras mensagens que uma criança recebe a respeito de padrões de corpo podem ser oriundas da televisão, dos filmes e também dos brinquedos. Pope e colaboradores (2000) descreveram as mudanças na forma como bonecos e personagens de desenhos animados são representados. Atualmente, tais personagens e brinquedos apresentam musculaturas aparentes e bem definidas que exaltam força e simetria.

Dessa forma, destaca-se que os padrões culturais dominantes de um corpo desejável, para homens, especificamente, induzem a apelos ao tamanho e força corporais com o desenvolvimento prioritário de musculaturas da parte superior do corpo como peitorais, bíceps e dorsais (HANSEM e VAZ, 2006).

Estudos de Jacobi e Cash (1994) investigaram a auto-percepção e os atributos físicos idealizados (peso, estatura, muscularidade, cor de cabelo e olhos) entre 66 homens e 69 mulheres, com média de idade para ambos os

sexos de 21 anos. Obtiveram como resultados que os homens desejam ter um corpo maior, serem mais pesados e terem músculos mais desenvolvidos., enquanto as mulheres desejam ser mais altas, ter um corpo menor e menos peso, corroborando os autores supracitados.

São relatados na literatura outros fatores que podem contribuir para o descontentamento dos homens como: a gordura corporal (RIDGEWAY, TYLKA, 2005); a estatura (JACOBI, CASH, 1994); a calvície (TIGGEMANN, MARTINS, CHURCHETT, 2008); o tamanho do pênis (MORRISON et al., 2005), dentre outras.

Com base nos estudos abordados que levam em consideração as particularidades determinadas pelas construções culturais em torno do sexo e da faixa etária, define-se no capítulo subsequente, o percurso metodológico do presente estudo.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Ao longo das próximas seções, será apresentado o modo como as fronteiras desta investigação foram estabelecidas, o que inclui a descrição de um conjunto de atividades desempenhadas com o propósito de delinear a investigação. Serão apresentados: o *delineamento do estudo*; o *local* da coleta dos dados; a *população e amostra*; a descrição minuciosa *das ações* e dos *instrumentos* utilizados; o *procedimento para a coleta dos dados e suas análises*.

3.1 Delineamento do estudo

Trata-se de um estudo do tipo transversal, no que diz respeito ao desenvolvimento de tempo. No que concerne aos objetivos, caracteriza-se como descritivo e exploratório (FONTELLES et al., 2009; GIL, 1991). Busca-se conhecer os fenômenos relacionados ao problema estudado utilizando instrumentos validados para a população brasileira.

Devido à cautela com os procedimentos de escolha e aplicação dos instrumentos utilizados, bem como ao tratamento das informações obtidas através da tradução em números – técnicas estatísticas, a abordagem utilizada no presente estudo é de natureza quantitativa.

A investigação dessa natureza vem contribuir para a construção de um panorama geral do fenômeno, fornecendo informações a partir da coleta de dados. Após a sistematização dos mesmos, torna-se possível sua interpretação, entendendo que o tratamento desses dados por meio de indicadores oferece indícios sobre as questões tratadas.

3.2 População e Amostra

A população do presente estudo foi composta por adolescentes de 18 e 19 anos do sexo masculino. Tendo em vista que, ao completar 18 anos de idade todos os jovens do sexo masculino são convocados a se apresentarem em uma instituição militar, socialmente arraigada na responsabilidade de “formar homens” (Elias, 1997) e pelo papel de construir novas percepções a respeito da masculinidade, tal corporação acaba por marcar simbolicamente a etapa de transição entre a adolescência e a fase adulta.

Assim, a população do estudo foi constituída pelos indivíduos do sexo masculino de 18 e 19 anos, que se apresentaram ao serviço militar obrigatório no ano de 2012, após o alistamento.

O alistamento é realizado nas Juntas de Serviço Militar (JSM), independentemente da Força (Marinha, Exército ou Aeronáutica) em que deseja servir, devendo ser seguido o prescrito na diretriz sobre a unificação do alistamento, da seleção, da distribuição e da designação para o Serviço Militar inicial nas Forças Armadas.

No que se refere aos procedimentos antes de efetuar o alistamento, as JSM seguem recomendações considerando que o alistando geralmente desconhece o Sistema de Serviço Militar. Assim, o alistando deve ser entrevistado antes de efetuar seu alistamento, para verificar se está enquadrado em qualquer uma das situações não condizentes com a incorporação do mesmo à instituição. Como exemplos de tais condições, temos: arrimos de família; eximidos; questões sociais e/ou de saúde e notoriamente incapazes (portadores de lesão, defeitos físicos ou doenças incuráveis, tais como: cegos, surdos-mudos, deficientes físicos ou mentais)⁴.

Conforme estabelecido na lei do serviço militar, os jovens se apresentam ao exército no ano em que completam 18 anos. Os conscritos⁵ da

⁴ Informações contidas no Plano Regional de Convocação (PRC) da 4ª Região Militar, a qual o 4º GAC é pertencente.

⁵ Conscritos são aqueles designados voluntariamente ou não por uma autoridade estabelecida, sendo, pois, um termo frequentemente utilizado e associado ao serviço militar obrigatório, tendo em vista que a falta de comprovação da quitação das obrigações militares

amostra com 19 anos completaram a idade nos meses de janeiro ou fevereiro (meses antes da coleta) ou são refratários, ou seja, são aqueles que deixaram de se alistar no ano devido.

Grande parte do efetivo reside na cidade de Juiz de Fora, contudo, existe uma parcela residual de municípios próximos. Quanto ao estado civil, todos são solteiros, visto que arrimos de família não podem cumprir o serviço militar obrigatório.

Importante destacar que a população foi selecionada intencionalmente, pois o período de alistamento e apresentação ao Serviço Militar é obrigatório para todos os jovens do sexo masculino que atingem a maioridade,, independentemente de cor/raça, crença, escolaridade ou classe social. Portanto, no momento da coleta, foram abordados todos os indivíduos inseridos no clássico “ritual de e para homens” (BATISTA, 2005, p.44).

Esse período pode configurar como uma “oportunidade” na vida do jovem ao lhe conferir outra identidade social e moral, caracterizada por uma maior visibilidade e respeitabilidade. Muito embora essa transição seja sentida até mesmo pelos jovens que não serão submetidos a um período de recrutamento e posterior incorporação a vida militar, a apresentação formal como tarefa obrigatória já os coloca em uma situação necessária e provocativa. Em outras palavras, os indivíduos envolvidos na presente pesquisa são todos aqueles que se apresentaram às forças armadas na instituição designada, desconsiderando se estes posteriormente foram dispensados ou recrutados pela comissão de seleção do exército.

O processo de seleção é composto por várias fases que compreendem: inspeção de saúde, provas físicas, testes de seleção, entrevistas, apreciação de outros elementos disponíveis e designação para incorporação/matricula. Os indivíduos foram interpelados na primeira fase pós-alistamento na qual ocorrem exames médicos com o objetivo de se observar em os padrões funcionais dos conscritos designados e determinar a normalidade da compleição física, a correção de postura, as deformidades da coluna vertebral, dos membros superiores (braços, cotovelos, antebraços, punhos, mãos e dedos), dos membros inferiores (coxas, joelhos, pernas,

implica uma série de restrição de direitos, previstos no artigo 74 da Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964.

tornozelos, pés e dedos), por meio de movimentos como: caminhar, saltar, agachar, flexionar braços e pernas, espalmar as mãos à frente, virar-se de costas e outros julgados necessários.

As demais fases de seleção somente são realizadas se o convocado for julgado “apto” na inspeção de saúde.

Informações como o número de alistados e dispensados no ano em questão, bem como outras especificidades deste processo de seleção, não foram conteúdos disponibilizados pela instituição militar.

Dentre os 180 indivíduos abordados, foram incluídos na pesquisa os sujeitos que aceitaram participar livre e voluntariamente, após o recolhimento do Termo de Assentimento assinado pelos mesmos (anexo A) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável do adolescente (anexo B). Foram excluídos os sujeitos que não responderam alguma questão de um dos questionários, ou que assinalaram mais de uma resposta para a mesma questão.

Após os critérios de inclusão e exclusão, a amostra por conveniência foi composta por 131 adolescentes que responderam a quatro questionários avaliativos, descritos do item abaixo.

3.3 Local

O presente estudo foi realizado em uma instituição militar, 4º Grupo de Artilharia de Campana (4º GAC), localizado na cidade de Juiz de Fora - Minas Gerais.

A designação da instituição para esta pesquisa considerou: 1) a acessibilidade, tendo em vista que foi concedida formalmente, a permissão para a realização do estudo no referido aquartelamento; 2) a existência de um tamanho amostral compatível com o estudo em um único local e horário; 3) o fato de tratar-se especificamente do público masculino; 4) a ordenação, a seriedade e o compromisso próprios da instituição e a postura que se espera de um indivíduo que se apresenta ao Exército que poderiam viabilizar o estudo;

5) o fato de reunirem no mesmo espaço físico indivíduos de cor, raça, credo e condições econômicas muito diversificadas.

3.4 Instrumentos

Existe atualmente um amplo repertório de instrumentos capazes de avaliar a Imagem Corporal. Entretanto, neste estudo pretendeu-se focar a dimensão atitudinal deste constructo, o que inclui os componentes cognitivo, afetivo, comportamental e insatisfação geral subjetiva.

A partir desses constructos da Imagem Corporal, foram selecionados os instrumentos utilizados nesta investigação (ver quadro 2), atentando-se para a seleção e a utilização de protocolos que contemplassem cada um dos componentes dessa dimensão.

O cuidado na escolha dos instrumentos também considerou sua validade, confiabilidade e adaptabilidade à população adolescente masculina, a qual se reporta este estudo.

Quadro 2 - Instrumentos utilizados para a avaliação de cada subcomponente da dimensão atitudinal da Imagem Corporal.

INTRUMENTO	COMPONENTES DO ASPECTO ATITUDINAL	FOCO DE INVESTIGAÇÃO	SUB-ESCALAS
EITF (Conti et al.; 2010)	Afetivo	Influência dos pais, amigos e mídia na Imagem corporal.	Influência dos pais; Influência dos amigos; Influência da mídia.
MBCQ (Carvalho et al.; 2012)	Comportamental	Comportamentos de checagem corporal.	Checagem por comparação com os outros; Checagem por espelho; Checagem de Gordura; Checagem por Avaliação Externa.
SATAQ-3 (Amaral et al., 2011)	Cognitivo	Influência dos aspectos socioculturais na Imagem Corporal, especialmente a mídia.	Internalização Geral; Internalização de corpo atlético; Pressão por padrões estabelecidos; Mídia como fonte de informações.
BSQ (Conti, Cordas e Latorre; 2009)	Insatisfação Geral Subjetiva	Preocupação e satisfação com a forma corporal	Autopercepção; Percepção comparativa; Atitude; Alterações graves.

Fonte: o autor (2013).

A seguir serão apresentados detalhadamente os instrumentos utilizados para a coleta de dados.

3.4.1 Escala de Influência dos Três Fatores (EITF)

Instrumento adaptado para homens e mulheres brasileiros com idade maior ou igual a 18 anos por Conti et al. (2010) e validado para universitários por Amaral et al. (2011), destinado a avaliar o componente *afetivo*⁶ da dimensão atitudinal da Imagem Corporal, busca avaliar a influência dos pais, amigos e mídia na Imagem Corporal.

O questionário é composto de 39 questões, em escala *Likert* de pontos variando de 1 (sempre) a 5 (nunca), destinados a avaliar a influência dos pais (18 itens: “*O quanto a sua mãe é preocupada se você está ou pode se tornar muito gordo ?*”); a influência dos amigos (11 itens: “*Seu(s) amigo(s) e colegas de classe fazem comentários ou o provocam sobre sua aparência?*”) e a influência da mídia (10 itens: “*As revistas que eu leio e os programas de TV a que assisto enfatizam que é importante ser magro?*”) na Imagem Corporal. Para este instrumento, quanto menor o escore apresentado, maior a influência dos três fatores na Imagem Corporal. O escore é calculado a partir da soma das respostas para cada item, variando de 39 a 195 pontos.

A sub-escala *influência dos pais*, avalia a internalização de julgamentos vindos das relações afetivas com os familiares.

A influência oriunda da convivência social é avaliada pela sub-escala *influência dos amigos*, ou seja, considera a interferência causada pelo julgamento interpessoal de um grupo na modelação do auto-entendimento.

Por fim, a sub-escala *influência da mídia* tem o propósito de avaliar a capacidade midiática de reificar e mercadorizar aspectos culturais ao desempenhar um papel forte e significativo na forma como o sujeito pensa e aceita seu corpo.

⁶ Grifos do autor.

3.4.2 Questionário de Checagem Corporal Masculino (MBCQ)

Instrumento adaptado e validado para homens brasileiros por Carvalho et al. (2012) possui como foco a avaliação dos comportamentos de checagem corporal. Portanto, destina-se a avaliar o componente *comportamental* da dimensão atitudinal da Imagem Corporal.

É constituído por 19 questões de auto-preenchimento, assinaladas em escala *Likert* de pontos, variando de 1 (nunca) a 5 (muito frequentemente). O escore varia de 19 a 95 pontos. Quanto maior a pontuação, mais frequentes são os comportamentos relacionados à checagem corporal. Possui quatro sub-escalas, quais sejam: Checagem por comparação com os outros (7 itens: “*Comparo o tamanho dos meus músculos com os de outras pessoas*”); Checagem por espelho (5 itens: “*Olho meus músculos abdominais – tanquinho – no espelho*”); Checagem de gordura (5 itens: “*Belisco a gordura da minha barriga e costas [por exemplo, os pneuzinhos] para checar minha magreza*”), Checagem por avaliação externa (2 itens: “*Peço a outras pessoas para tocarem meus músculos para confirmar o tamanho e firmeza deles*”).

O comportamento de checagem corporal, de acordo com Mountford, Haase e Waller (2006), envolve verificações frequentes do próprio corpo como: a aferição do peso corporal; estimações do tamanho e da forma do corpo através de superfícies reflexivas; toque e “pinçamento” à procura da gordura corporal indesejável; comparação do corpo com o de outros sujeitos. As sub-escalas - *checagem por espelho e checagem de gordura* - dizem respeito à consciente reflexiva do sujeito, ou seja, sua auto-referência.

Entretanto, a consciência de si mesmo frequentemente recorre à *comparação com um padrão ou a uma avaliação externa*, ou seja, o *feedback* da aparência física e a comparação social (TANTLEFF-DUN, GOKKE, 2002).

3.4.3 Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência – 3 (SATAQ-3)

A escala destinada à avaliação do subcomponente *cognitivo* da dimensão atitudinal da Imagem Corporal foi adaptada e validada para homens e mulheres brasileiros jovens por Amaral et al. (2011). Possui como foco de investigação a influência da mídia. O instrumento é composto por 30 questões de auto-preenchimento, respondidas em escala *Likert* de pontos, variando de 1 (discordamos totalmente) a 5 (concordamos totalmente) e apresenta quatro sub-escalas: *Internalização Geral*, *Informação*, *Pressão* e *Internalização Atlético*. O escore total do SATAQ-3 é calculado pela soma das respostas, sendo que a maior pontuação representa maior influência dos aspectos socioculturais na Imagem Corporal do indivíduo.

Ambas as sub-escalas *Internalização (Geral e Atlético)* avaliam a aceitação dos padrões de aparência promovidos pelos meios de comunicação na própria identidade, ao ponto de alguns indivíduos desejarem e esforçarem-se para alcançarem os ideais. A primeira contém nove itens que apontam a admissão ideológica dos meios de comunicação sobre os padrões de beleza e o empenho para alcançar esses padrões (“*Não importo se meu corpo se parece com o de pessoas que estão na TV*”).

A sub-escala *Informação* mostra a legitimação da informação no que se refere aos padrões visuais de corpo que estão disponíveis nas mídias. Possui nove itens e indica os vários meios de comunicação (programas de televisão, filmes, de revistas) importantes na obtenção de informação sobre como ser atrativo (por exemplo, (“*Programas de TV são importantes fontes de informação sobre moda e sobre como ‘ser atraente’*”). A sub-escala *Pressão* sugere a apreensão relativa à exibição das informações e imagens midiáticas para modificar a própria aparência. Possui sete itens que indicam a coerção engendrada por diversos meios de comunicação que designam os ideais culturais de beleza (“*Já me senti pressionada(o) pela TV ou por revistas a ter um corpo perfeito*”), e que podem levar o sujeito a expor-se a comportamentos potencialmente perigosos para mudar a sua aparência (“*Senti-me pressionada(o) por programas de televisão ou revistas para fazer dieta*”).

E, por fim, a sub-escala *Internalização Atlética* tem cinco tópicos que sugerem o reconhecimento e a aprovação do corpo atlético aos padrões de aparência desejáveis (“*Gostaria de ter uma aparência tão atlética quanto à das estrelas do esporte*”).

3.4.4 Body Shape Questionnaire (BSQ)

Questionário adaptado e validado para homens e mulheres brasileiros entre 10 e 18 anos por Conti; Cordas; Latorre (2009), destinado a avaliar a preocupação com a forma corporal, referente ao estado dos entrevistados nas últimas quatro semanas.

O *BSQ* é composto por 34 questões de autopreenchimento, assinalados em escala *Likert* de pontos, variando de 1 (nunca) a 6 (sempre) distribuídas em quatro sub-escalas, a saber: *autopercepção da forma corporal* (22 questões); *preocupação comparativa* (5 questões) ; *atitude* (5 questões) e *alterações graves* (2 questões). Destina-se, portanto, à avaliação do componente *Insatisfação Geral Subjetiva* da dimensão atitudinal da Imagem Corporal.

Nessa escala, quanto maior a pontuação, maior a insatisfação corporal. O escore total é calculado somando-se as 34 questões, variando de 34 a 204 pontos. A classificação dos resultados do *BSQ* foi dividida em quatro níveis de preocupação com a aparência física, seguindo o modelo proposto por Cordás e Castilho (1994): a somatória menor ou igual a 80 indica nenhuma preocupação com a imagem corporal; somatória maior que 80 e menor ou igual a 110 indica *leve preocupação com a imagem corporal*; somatória maior que 110 e menor ou igual a 140 indica *moderada preocupação com a imagem corporal*; e pontuação maior ou igual a 140 indica *grave preocupação com a imagem corporal*.

3.5 Avaliação do Estado Nutricional

Para a avaliação do estado nutricional dos adolescentes, foi utilizado o (IMC) Índice de Massa Corporal, calculado pela relação entre as medidas antropométricas de peso e estatura, sendo o peso dado em quilogramas e a estatura em metros. Estes dados antropométricos, por sua vez, foram autorreferidos pelos participantes da pesquisa.

Os estudos envolvendo uma ou mais dimensões da Imagem Corporal geralmente empregam o *IMC* como indicador do estado nutricional ao relacioná-lo com comportamentos referentes ao peso corporal (FINGERET; GLEAVES; PEARSON, 2004).

A OMS (2005) indica a antropometria como uma estratégia promissora para identificar o nível de obesidade dada a sua praticidade: pelo baixo custo, por não ser invasivo, por ser universalmente aplicável e por ser bem aceito pela população.

Para verificar a adequação nutricional, foram determinados pontos de corte segundo propostas extensamente acatadas na literatura: IMC inadequado ($>18,5$ ou $< 25,0$ kg/m²) (COLE et al., 2000, 2007).

O *IMC* é usado consensualmente na avaliação nutricional de adultos. Entretanto, com a inovação proposta por Must et al. (1991) que discriminou valores de percentis por idade e sexo, o uso em adolescentes e crianças começou a ser mais difundido. Cole et al. (2000) recomendaram valores de ponto de corte para crianças e adolescentes utilizando os critérios estatísticos de continuidade dos valores de IMC adotados na idade adulta.

Tabela 1 - Valores de IMC propostos por Cole et al. para ponto de corte para identificar sobrepeso e obesidade em adolescentes acima de 18 anos do sexo masculino

Idade	Sobrepeso	Obesidade
18 e >18	25,00	30,00

Fonte: Adaptado de Cole et al. (2000)

3.6 Procedimentos

3.6.1 Procedimentos éticos

O projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) no dia 15 de Dezembro de 2011, conforme parecer nº 324/2011 (anexo H) e Protocolo CEP-UFJF nº 2565.305.2011. Está inscrito no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP) sob o nº 324/2011.

Foi firmado o compromisso de manter em sigilo informações sobre a identificação dos participantes da pesquisa e respeitar a decisão livre e voluntária dos sujeitos. Todos os participantes desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.6.2 Procedimentos para a coleta de dados

No primeiro momento, pediu-se autorização ao comandante responsável do 4º GAC seguido do devido recolhimento da declaração de infraestrutura (anexo G) para a posterior aplicação dos instrumentos avaliativos da Imagem Corporal aos sujeitos pesquisados.

Contou-se com a ajuda de outros mestrandos em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora e supervisionados pela professora Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira que tinham conhecimento sobre como proceder adequadamente na aplicação dos questionários.

A coleta foi realizada nos horários estabelecidos pelos dirigentes do exército, atentos ao momento que melhor convinha aos pesquisados: antes do início das atividades da instituição, após a conferência do efetivo, enquanto os pesquisados aguardavam o início do horário de expediente. Para tanto, a coleta foi seccionada em três etapas que corresponderam a três dias consecutivos. Cada dia (ou etapa) contou com aproximadamente 60 participantes.

Os participantes receberam quatro questionários (EITF; MBCQ; SATAQ-3; BSQ) e responderam individualmente no mesmo horário e local, após serem esclarecidos quanto aos princípios éticos (participação voluntária, identificação, etc) e sobre a ausência de vínculo da pesquisa com questões ou interesses da instituição. Houve também um espaço para sanar possíveis dúvidas dos pesquisados.

Vale destacar que esta pesquisa pode ser considerada de risco ou dano mínimo, tanto aos pesquisados quanto ao aquartelamento, por tratar-se apenas da aplicação de questionários.

3.7 Tratamento dos dados

As informações obtidas em cada instrumento foram processadas e analisadas individualmente após a postagem dos dados no *software STATISTIC* versão 8.0.

O protocolo *BSQ* foi escolhido como norteador para as correlações com os demais instrumentos por causa de sua particularidade: ser o único protocolo que possui ponto de corte no seu escore de classificação.

De acordo com o protocolo *BSQ*, os indivíduos foram classificados, após a tabulação dos dados em: (1) indivíduos livres de insatisfação e (2) indivíduos insatisfeitos, o que inclui insatisfações leves, moderadas e graves. Os indivíduos foram agrupados, também, quanto ao valor do índice massa corporal: (1) Baixo peso; (2) Eutróficos; (3) Sobrepeso; (4) Obesidade. Entretanto, poucos indivíduos se encontravam nas classificações extremas (baixo peso e obesidade).Então, convencionou-se dividi-los em apenas 2 grupos: (Baixo peso + Eutróficos e Sobrepeso + Obesidade).

Foi utilizada a estatística descritiva através da análise de média, desvio- padrão, valor mínimo e máximo de todas as variáveis ordinais, análise de frequência de indivíduos quanto a sua satisfação/insatisfação e quanto ao estado nutricional.

A consistência interna de cada instrumento, bem como dos seus fatores, foi avaliada pela estatística inferencial (cálculo do coeficiente - *alpha de Cronbach*) considerando valores satisfatórios superiores a 0,7 (HAIR et al.,

2005; STREINER, 2003). No estudo, foram encontrados os seguintes valores: (EITF= 0,96; MBCQ = 0,93; SATAQ = 0,88; BSQ= 0,94). Portanto, todos os valores encontrados possuem uma boa consistência interna.

Tendo em vista que os instrumentos em questão são considerados como variáveis ordinais (escala *Likert* de pontos), foram utilizados testes não paramétricos (JEKEL; KATZ; ELMORE, 2005): correlação de Spearman Rank (para todas as correlações entre instrumentos) e Teste U de Mann-Whitney (comparação entre grupo). Foram comparados os indivíduos insatisfeitos e satisfeitos (BSQ) quanto ao SATAQ-3 e suas sub-escalas, MBCQ e suas sub-escalas e EITF e suas sub-escalas.

Para o teste de normalidade, foi utilizado o teste *Kolmogorov – Smirnov*, com níveis de significância de 5%.

Trataremos, a seguir, de modo descritivo, os resultados dos dados coletados.

4. RESULTADOS

Este capítulo tem, por objetivo, apresentar e descrever os dados obtidos.

A Tabela 2, a seguir, expõe dados descritivos (média, desvio padrão, valores máximo e mínimo) das variáveis idade, massa corporal, estatura e IMC da amostra do presente estudo. Apresenta também os escores obtidos de cada instrumento utilizado.

Tabela 2 – Análise descritiva dos dados.

Variáveis	Média (DP)	Valor mínimo	Valor máximo
Dados demográficos			
Idade (anos)	18,14 (0,34)	18,00	19,00
Dados Antropométricos			
Massa Corporal (kg)	73,58 (13,28)	48,00	120,00
Estatura (m)	1,76 (0,07)	1,59	1,93
IMC (kg/m ²)	23,70 (3,69)	17,68	36,23
Escala dos três fatores			
Influência dos pais	157,75 (32,37)	39,0	195,0
Influência dos amigos	74,79 (15,99)	18,00	90,00
Influência da mídia	43,80 (10,56)	11,00	55,00
Checagem corporal			
Checagem por comparação	39,17 (9,15)	10,00	50,00
Checagem por espelho	35,16 (13,75)	19,0	95,0
Checagem de gordura	12,56 (6,04)	7,00	38,00
Checagem por avaliação externa	16,73 (6,71)	8,00	40,00
	2,98 (1,58)	2,00	10,00
	2,89 (1,51)	2,00	10,00
SATAQ-3			
Internalização geral	72,93 (18,71)	30,0	150,0
Internalização de corpo atlético	21,41 (6,36)	9,00	45,00
Pressão de padrões estabelecidos	12,17 (4,51)	5,00	25,00
Mídia como fonte de informações	16,6 (4,86)	7,0	35,00
	24,70 (6,85)	9,00	45,00
BSQ			
Autopercepção	50,72 (19,19)	34,0	116,0
Percepção comparativa	34,82 (14,16)	22,00	88,00
Atitude	7,33 (3,09)	5,00	19,00
Alterações graves	6,13 (2,67)	5,00	20,00
	2,43 (1,25)	2,00	9,00

Fonte: o autor (2013).

Salienta-se que a média geral do IMC dos adolescentes foi 23,70±3,69 kg/m², sendo classificada com estado nutricional *normal* (WHO, 2005). Observa-se que 69,47% dos adolescentes estão classificados com *baixo peso ou eutróficos*, o que corresponde a 91 adolescentes, em números absolutos.

Ao passo que, 40 indivíduos (30,53% da amostra), estão classificados *com sobrepeso ou obesidade*.

A Tabela 3, abaixo, apresenta a análise de comparação entre indivíduos satisfeitos e insatisfeitos para as variáveis do estudo (pontuações do EITF, do MBCQ e do SATAQ-3 e suas sub-escalas) segundo escores do BSQ.

Tabela 3 – Comparação dos indivíduos satisfeitos e insatisfeitos quanto às variáveis.

Variáveis	BSQ		
	Satisfeitos (n=119) Média (DP)	Insatisfeitos (n=12) Média (DP)	p – valor
Escala dos três fatores	159,49 (32,38)	140,41 (27,83)	0,017*
Influência dos pais	75,47 (15,81)	68,00 (16,10)	0,06
Influência dos amigos	44,37 (10,61)	38,08 (8,5)	0,0009*
Influência da mídia	39,65 (9,13)	34,33 (8,18)	0,0021*
Checagem corporal	34,36 (13,27)	43,00 (16,49)	0,067
Checagem por comparação	12,36 (6,08)	14,5 (5,50)	0,13
Checagem por espelho	16,48 (6,50)	19,25 (8,41)	0,25
Checagem de gordura	2,77 (1,36)	5,00 (2,13)	0,0001*
Checagem por avaliação externa	2,76 (1,32)	4,25 (2,49)	0,022*
SATAQ-3	71,53 (18,81)	86,83 (10,61)	0,0020*
Internalização geral	21,09 (6,45)	24,58 (4,32)	0,0033*
Internalização de corpo atlético	11,93 (4,57)	14,5 (3,15)	0,020*
Pressão de padrões estabelecidos	15,59 (4,74)	20,75 (3,36)	0,00009*
Mídia como fonte de informações	24,37 (7,00)	28,00 (3,33)	0,046*

* significativo para $p < 0,05$.

Fonte: o autor (2013).

Comparando a insatisfação corporal com as sub-escalas, em cada instrumento, pelo teste de *Mann-Whitney*, constatou-se, pela pontuação do BSQ que houve diferença significativa ($p < 0,05$) entre os níveis de satisfação e os seguintes fatores: *influência dos amigos* e *influência da mídia* (ambos da escala EITF); *checagem de gordura* e *checagem por avaliação externa* (da escala MBCQ) e constructos do instrumento SATAQ-3 (*internalização geral; internalização de corpo atlético; pressão por padrões estabelecidos e mídia como fonte de informações*). Em outras palavras, constata-se que quanto mais insatisfeito estiver o indivíduo com a sua Imagem Corporal, maior a preponderância sofrida pelo mesmo em relação a tais constructos.

A Tabela 4 apresenta a influência do estado nutricional sobre as pontuações nas sub-escalas de cada instrumento. Nota-se que houve diferença significativa somente nas sub-escalas *autopercepção* e *percepção comparativa* do protocolo BSQ.

Tabela 4 – Comparação dos grupos por estado nutricional quanto às variáveis.

Variáveis	Estado nutricional		p – valor
	Adequado (n = 91) Média (DP)	Inadequado (n = 40) Média (DP)	
Escala dos três fatores			
Influência dos pais	75,56 (11,39)	72,33 (18,92)	0,86
Influência dos amigos	44,03 (8,10)	39,67 (12,05)	0,14
Influência da mídia	39,93 (7,26)	37,42 (9,59)	0,32
Checagem corporal			
Checagem por comparação	13,21 (5,72)	11,83 (4,31)	0,42
Checagem por espelho	17,91 (6,86)	16,5 (5,73)	0,50
Checagem de gordura	3,14 (1,75)	3,25 (1,39)	0,49
Checagem por avaliação externa	3,04 (1,62)	2,71 (0,1)	0,69
SATAQ-3			
Internalização geral	22,00 (4,94)	20,79 (5,68)	0,45
Internalização de corpo atlético	12,6 (4,16)	11,08 (3,70)	0,17
Pressão de padrões estabelecidos	16,53 (4,67)	15,75 (4,22)	0,61
Mídia como fonte de informações	25,45 (6,31)	23,45 (23,46)	0,20
BSQ			
Autopercepção	33,89 (13,46)	43,17 (16,24)	0,012*
Percepção comparativa	6,84 (2,69)	8,37 (3,12)	0,031*
Atitude	6,07 (2,81)	6,25 (2,98)	0,42
Alterações graves	2,42 (1,20)	2,58 (1,28)	0,25

* significativo para $p < 0,05$.

Fonte: o autor (2013).

A correlação entre as escalas e sub-escalas dos instrumentos de Imagem Corporal utilizados no presente estudo, através do teste de *Spearman Rank*, pode ser verificada na Tabela 5:

Tabela 5 – Correlação entre as escalas e sub-escalas dos instrumentos de Imagem Corporal utilizados (*Spearman Rank Correlation*)

VARIÁVEL	EITF T	IP	IA	IM	MBCQ T	CCO	CE	CG	CAE	SATAQ-3 T	IG	ICA	PPE	MFI	BSQ T	AP	PC	AT	AG	
EITF T																				
IP	0,92																			
IA	0,88	0,75																		
IM	0,79	0,65	0,55																	
MBCQ T	-0,43	-0,29	-0,43	-0,43																
CCO	-0,48	-0,23	-0,43	-0,48	0,91															
CE	-0,32	-0,34	-0,35	-0,3	0,93	0,73														
CG	-0,29	-0,27	-0,34	-0,24	0,58	0,51	0,46													
CAE	-0,37	-0,19	-0,35	-0,37	0,69	0,65	0,55	0,4												
SATAQ-3 T	-0,26	-0,23	-0,25	-0,21	0,42	0,38	0,38	0,22	0,37											
IG	-0,18	-0,15	-0,18	-0,12	0,33	0,29	0,3	0,12	0,28	0,81										
ICA	-0,24	-0,23	-0,24	-0,16	0,42	0,43	0,33	0,22	0,33	0,79	0,53									
PPE	-0,17	-0,15	-0,15	-0,13	0,24	0,17	0,23	0,16	0,16	0,74	0,6	0,52								
MFI	-0,21	-0,23	-0,17	-0,17	0,32	0,3	0,31	0,14	0,28	0,81	0,52	0,57	0,42							
BSQ T	-0,51	-0,41	-0,52	-0,42	0,46	0,48	0,34	0,44	0,34	0,3	0,27	0,31	0,3	0,11						
AP	-0,5	-0,4	-0,51	-0,4	0,45	0,47	0,33	0,45	0,32	0,27	0,24	0,3	0,29	0,09	0,98					
PC	-0,4	-0,31	-0,44	-0,32	0,36	0,37	0,26	0,37	0,3	0,32	0,28	0,29	0,25	0,16	0,8	0,71				
AT	-0,31	-0,26	-0,29	-0,32	0,31	0,34	0,21	0,2	0,31	0,3	0,22	0,31	0,29	0,14	0,63	0,55	0,6			
AG	-0,26	-0,18	-0,31	-0,2	0,14	0,09	0,1	0,34	0,2	0,19	0,12	0,15	0,31	0,02	0,58	0,56	0,45	0,61		

*Para facilitar a visualização desta tabela, os valores em vermelho são significativos para $p < 0,05$.

Fonte: o autor (2013)

EITF T – Escala de Influência dos Três Fatores (total); **IP** – Influência dos Pais; **IA** – Influência dos Amigos; **IM** – Influência da Mídia; **MBCQ T** – Questionário de Checagem Corporal Masculino (total); **CCO** – Checagem por comparação com outros; **CE** – Checagem por Espelho; **CG** – Checagem de Gordura; **CAE** – Checagem por Avaliação Externa; **SATAQ-3 T** – Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência (total); **IG** – Internalização Geral; **ICA** – Internalização de Corpo Atlético; **PPE** – Pressão por Padrões Estabelecidos; **MFI** – Mídia como Fonte de Informação; **BSQ T** – Body Shape Questionnaire (total); **AP** – Autopercepção; **PC** – Percepção Comparativa; **AT** – Atitude; **AG** – Alterações Graves.

Observa-se que, o EITFtotal e suas sub-escalas quando comparado com os demais instrumentos e suas sub-escalas apresenta, na maioria dos casos, uma correlação negativa ($p < 0,05$). Entretanto, vale ressaltar que o protocolo EITF, ao contrário dos demais, varia sua escala de alternativas “do sempre ao nunca”, o que significa que quanto maior a *influência dos pais, amigos e da mídia* na Imagem Corporal do indivíduo, maior a influência dos fatores dos outros instrumentos (os fatores do SATAQ-3: *internalização geral; internalização de corpo atlético; pressões por padrões estabelecidos; mídia como fonte de informação; os fatores do MBCQ: checagem por comparação com outros; checagem por espelho; checagem de gordura; checagem por avaliação externa; e os do BSQ: *autopercepção; percepção comparativa; Atitude; alterações graves.**

As exceções de comparações significativas ($p < 0,05$) do EITF (e seus constructos) com as outras escalas são as seguintes: 1) quando comparado ao fator *pressão por padrões estabelecidos*, do instrumento SATAQ-3; 2) quando comparado ao fator *influência da mídia*, do EITF e 3) quando comparado aos fatores do SATAQ-3 (*internalização geral; internalização de corpo atlético; pressão de padrões estabelecidos; mídia como fonte de informações*).

Em relação ao protocolo MBQC quando confrontado ao BSQ: não houve correlação significativa entre constructos *checagem por comparação com outros e checagem por espelho* com o fator *alterações graves* do BSQ. Este último fator também não estabeleceu correlação significativa ($p < 0,05$) com os valores do MBCQtotal.

Já em relação ao SATAQ-3, houve correlação ($p < 0,05$) em quase todos os seus fatores, ou seja, a influência dos constructos do MBCQ sobre a Imagem Corporal do sujeito é diretamente proporcional à influência dos constructos do SATAQ-3. As exceções aparecem na sub-escala *checagem de gordura* do MBCQ, quando comparada às sub-escalas *pressão por padrões estabelecidos e mídia como fonte de informações* do SATAQ-3. O mesmo ocorre no fator *checagem por avaliação externa* do MBCQ equiparado ao fator *pressão por padrões estabelecidos* do SATAQ-3.

Nota-se a ausência de correlação entre o fator *alterações graves* (do BSQ) relacionado com os fatores *internalização de corpo atlético e internalização geral, mídia como fonte de informação* do SATAQ-3.

Observa-se resultado semelhante na comparação do BSQtotal com fator *média como fonte de informações* do SATAQ-3.

Após essa “decantação” dos dados considerados de maior relevância, seguiremos para a discussão dos resultados.

5. DISCUSSÃO

Sabe-se que o constructo Imagem Corporal é multifacetado e dinâmico, formado a partir de figurações sobre o formato, a aparência e tamanho do corpo, concatenadas a afetos, cognições e comportamentos, que por sua vez, relacionam-se ao nível de (in)satisfação corporal. Portanto, fatores emocionais, fisiológicos e ambientais alteram continuamente a imagem que se tem do corpo.

O presente estudo analisou a dimensão atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes de 18 e 19 anos do sexo masculino na cidade de Juiz de Fora, levando-se em consideração os diversos aspectos que a constituem, como as influências socioculturais, as influências dos pais, amigos e mídia, os comportamentos de checagem corporal e a satisfação com o corpo.

Essa avaliação foi realizada através dos resultados obtidos nas escalas utilizadas: Escala de Influência dos Três Fatores; Questionário de Checagem Corporal Masculino; Questionário de Atitudes Socioculturais em Relação à Aparência – 3 e o Body Shape Questionnaire, das quais, destaca-se a última (BSQ) empregada como eixo norteador para as correlações com os demais instrumentos, devido à sua particularidade que consiste em possuir pontos de corte no seu escore de classificação e por ser validada e amplamente utilizada em investigações atuais.

Além disso, apesar das limitações apontadas na literatura sobre o uso do BSQ com homens, que alegam que seu foco de investigação por se basear em ideais de magreza não detectam preocupações masculinas, acredita-se que a análise dos seus constructos associados aos demais constructos dos outros protocolos revelaram que a preocupação com o peso, e mais particularmente com a gordura, também se configuram como insatisfações masculinas.

A insatisfação está intimamente ligada à aceitação corporal (STICE e SHAW, 2002) e caracteriza-se como um descontentamento, um desgosto com o corpo ou partes dele. A (in) satisfação corporal é um processo de desenvolvimento contínuo influenciado por uma gama de experiências sensoriais. As interferências sociais, culturais e fisiológicas, são determinantes

para sua formação.

Nas últimas décadas as pesquisas sobre este aspecto intensificaram-se devido às evidências de que a insatisfação corporal acomete os jovens e é fortemente influenciada por aspectos socioculturais (HART, 2003; SMOLAK, 2004). Investigações em solo nacional mostram a elevada prevalência de insatisfação corporal em adolescentes de ambos os sexos (CONTI; FRUTUOSO; GAMBARDELLA, 2005; PINHEIRO; GIUGLIANI, 2006; TRICHES; GIUGLIANI, 2007).

A etapa da adolescência é considerada crucial no desenvolvimento da Imagem Corporal, em virtude de haver uma maior pressão sofrida pelo adolescente no que tange às influências oriundas de pais, amigos e mídia sobre aspectos relacionados ao corpo (McCABE, RICCIARDELLI, FINEMORE, 2002, McCABE, RICCIARDELLI 2005). Ademais, as evidentes transformações corporais, como o aumento das suas dimensões, também podem ser determinantes para a questão da aceitação do corpo (McCABE, RICCIARDELLI, 2004; BEARMAN, MARTINEZ, STICE, 2006).

No presente estudo, dos 131 indivíduos abordados, 9,16% encontraram-se insatisfeitos com o corpo. Porém, a análise comparativa entre os grupos satisfeitos e insatisfeitos quanto às escalas EITF, MBCQ e SATAQ-3 (Tabela 3) revelaram diferenças estatisticamente significativas para alguns aspectos: percebeu-se que quanto maior a insatisfação, maior a frequência de checagem corporal nos constructos checagem de gordura e checagem por avaliação externa do MBCQ; maior a influência dos aspectos socioculturais nos constructos internalização geral, internalização corpo atlético, pressão por padrões estabelecidos e mídia como fonte de informação do protocolo SATAQ-3 e maior a influência dos amigos e da mídia do instrumento EITF. Neste momento da análise, o foco da investigação manteve-se centrado na amostra abordada.

Ainda hoje, poucos estudos têm sido desenvolvidos para estabelecer preditores da insatisfação corporal em homens adolescentes. Destes pode-se destacar as variáveis internalização do ideal de musculosidade (JONES, 2004) que faz estreita relação com a preocupação com a gordura corporal, visto que para se atingir a almejada definição muscular, faz-se necessário um grande desenvolvimento da massa muscular ao passo que se faz necessários também

baixos níveis de gordura corporal. Deste modo, acredita-se que os receios com as medidas corporais também estão presentes no público masculino, pois a gordura é vista como a grande vilã na tentativa de se alcançar a muscularidade. Ou seja, a preocupação com a gordura corporal está ligada a preocupação com a definição muscular.

Esse padrão de corpo masculino é amplamente veiculado nas mídias, que exibem imagens de homens mesomórficos, com ombros largos e musculaturas do abdômen, peitoral, dorsais e braços bem desenvolvidas. Assim, a mídia acaba por disseminar a figura de um corpo masculino estigmatizado socialmente, podendo estimular determinada preferência de forma ou aparência física, da qual os adolescentes estão expostos constantemente.

As pesquisas sobre a insatisfação corporal em adolescentes têm demonstrado que além da internalização do ideal de beleza corporal (DURKIN, PAXTON, 2002) freqüentemente divulgada pelas mídias, outros fatores podem levar o indivíduo a ficar insatisfeito com o seu corpo. Pois, tendo em vista que o ser humano tem como substancial, a necessidade de se socializar e conviver em grupos, há a tendência do mesmo sofrer diversas influências do meio, ao querer ser aceito em determinados ambientes.

Assim, o meio em que o adolescente convive possui um expressivo grau de influência na maneira como ele sente e pensa sobre seu próprio corpo, incluindo pessoas próximas, como os pais, os familiares, os amigos e outras pessoas que fazem parte do seu cotidiano (PHARES e TANTLEFF-DUNN, 1999; BEARMAN et al., 2006; PAQUETTE e RAINE, 2004).

Contudo, na análise das associações entre a (in)satisfação corporal e a influência dos pais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Os resultados encontrados estão em consonância com constatações de O’Koon (1997); Ricciardelli, McCabe e Banfield (2000) que afirmam que, apesar da ligação com os pais ser importante para o adolescente do sexo masculino, são os amigos e a mídia que exercem maior influência na Imagem Corporal, especialmente no que se refere à insatisfação.

O que quer dizer que, as mudanças corporais decorrentes do período; as influências de pessoas do convívio do adolescente e as influências

mediáticas, contribuem para que a fase da adolescência seja um período em que o desenvolvimento da insatisfação corporal possa ter maior magnitude (JONES, 2004; LABRE, 2002).

No que diz respeito ao estado nutricional, percebe-se que este fator não se mostrou associado às variáveis do estudo. As exceções aparecem somente nas pontuações das subescalas autopercepção e percepção comparativa do protocolo BSQ. De acordo com a Tabela 4, pode-se observar que as influências dos diversos aspectos não são exclusivas ao grupo classificado com o estado nutricional inadequado. Isto é, as variáveis demonstraram influenciar de maneira semelhante, indivíduos em diferentes estados nutricionais, o que inclui aqueles considerados adequados e normais no que se refere a sua estrutura corpórea.

Em uma revisão literária, Stice e Shaw (2002) certificaram que as pressões para alcançar um padrão de beleza socialmente estabelecido, a internalização desse padrão e o elevado IMC, provocam aumento da insatisfação corporal e dos transtornos alimentares. De maneira semelhante, Presnel, Bearman e Stice (2004) concluíram que adolescentes do sexo masculino extremamente magros ou com excesso de peso têm maior risco de desenvolver insatisfação corporal por se afastarem do modelo ideal de beleza. Portanto, a relação da massa corporal com a insatisfação pode estar relacionada com padrões ideais de corpo. Jones (2004), Erling e Hwang (2004) e Presnel et al. (2004) concordam que o nível de insatisfação com o corpo é mais elevado em jovens com maior IMC.

Contudo, adolescentes classificados como eutróficos também podem apresentar insatisfação corporal (BRANCO et al., 2006), indicando que a batalha para se alcançar um corpo desejado e as influências do meio, as quais os indivíduos são acometidos pode ultrapassar o limiar de normalidade instituído pelo IMC.

No que se refere às análises correlacionais entre as escalas e subescalas dos instrumentos utilizados na pesquisa (Tabela 5), observa-se a multidimensionalidade do constructo Imagem Corporal, já que os diversos aspectos contemplados em cada instrumento estabelecem entre si correlações significativas. Neste momento da análise o foco passa a ser centrado nas associações dos instrumentos utilizados.

De maneira geral, comparando um instrumento e suas subescalas com os demais instrumentos e subescalas, percebeu-se que as influências incidem concomitantemente sobre a Imagem Corporal, corroborando a característica complexa, multidisciplinar, multirreferenciada e inextricável do fenômeno que se contrapõe a apreciações linearidades.

Os diversos aspectos que compõem o constructo, como os mecanismos emocionais, cognitivos e comportamentais manifestam-se como constituintes heterogêneos inseparavelmente associados em uma perspectiva “sistêmica”.

O ponto intrigante diz respeito às exceções, que são as seguintes: 1) EITF_{total} e subescalas quando confrontado com a subescala *pressões por padrões estabelecidos* protocolo SATAQ-3; 2) subescala *influência da mídia* do EITF quando confrontada as do SATAQ-3; 3) *subescala alterações graves* quando confrontada com as subescalas *checagem de comparação com os outros*, *checagem por espelho* do protocolo MBCQ e o MBCQ_{total} e quando comparada as *subescalas internalização geral e internalização do corpo atlético* do SATAQ-3; 4) subescala *checagem de gordura* do MBCQ quando comparada as subescalas *pressões por padrões estabelecidos e mídia como fonte de informações* do SATAQ-3; 5) subescala *mídia como fonte de informações* do SATAQ-3 quando comparado ao BSQ e todas as suas subescalas.

Apesar dos instrumentos abordarem conteúdos semelhantes, percebe-se raras exceções onde não houve correlação. Como exemplo claro dessa ocorrência temos as subescalas *influência da mídia* do protocolo EITF e *mídia como fonte de informações* do protocolo SATAQ-3, ambas destinadas a avaliar especificamente a legitimação de modelos corporais amplamente expostos nos mais variados tipos de mídia.

Vale destacar, conforme explicada na seção anterior desta investigação, destinada a apresentação dos resultados, que as correlações negativas entre o protocolo EITF e outros instrumentos se deve ao fato de que a ordem de suas alternativas varia em sentido contrário se tomarmos como referência a seqüência de possibilidades de respostas dos demais instrumentos. Portanto, podemos dizer que as influências dos três fatores (pais,

amigos e mídia) estabelecem relações diretas com os aspectos das demais escalas.

Considera-se que direta ou indiretamente, todos os instrumentos se destinam a avaliar uma apreensão no que se refere a modelos culturalmente construídos e estabelecidos, seja através de crenças, comportamentos ou afetos, já que, a Imagem Corporal nos remete a experiências individuais atadas na dinâmica das relações. Schilder (1999) concebe o panorama do “corpo existencial” que leva em conta as vivências individuais associadas a um conjunto de significações presentes no mundo das relações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande pressão sociocultural para a aquisição de um padrão de beleza idealizado potencializa fortemente as necessidades, as expectativas e os desejos individuais. Assim, a internalização do modelo corporal estético vigente e as constantes comparações sociais associadas à aparência física podem se configurar como fatores desencadeantes da insatisfação corporal o que, por sua vez, constitui um elemento capaz de solidificar o auto conceito e a autoestima.

A insatisfação corporal refere-se, portanto, ao desconforto conseqüente de uma avaliação negativa que o indivíduo faz acerca da própria aparência física, podendo estar relacionada ao peso e ao formato do corpo. Este fenômeno tem se destacado, atualmente, como transversal a todas as idades, gêneros e diferentes estados nutricionais

.No que tange à idade, o presente trabalho buscou investigar a adolescência, por ser um estágio complexo, que abrange uma série de mudanças físicas, psicológicas e sociais. Pode-se dizer que suas características intensificam a reorganização da Imagem Corporal. Durante esta fase, o adolescente passa por um processo de desvencilhamento da Imagem Corporal infantil e há uma tendência do mesmo experimentar um significativo aumento da massa muscular e da estatura, o que pode interferir no seu sentimento pelo corpo.

Neste estágio é crescente o número de casos de comportamentos obsessivos compulsivos e de distúrbios corporais (CARREIRA FILHO, 2005). Dessa maneira, pode-se perceber que a forma como os adolescentes relacionam-se com o seu corpo tem influência direta na sua (in)satisfação e, conseqüentemente, em suas atitudes.

Além da idade, a presente pesquisa selecionou o público masculino seguindo uma das tendências entre as investigações recentes que desmitificam a predominância de percepções positivas, no que diz respeito à Imagem Corporal nesse universo, e relativizam a questão da insatisfação corporal por parte dos homens.

O enfoque dos estudos atuais sobre o público masculino leva em consideração as especificidades sexuais e as construções culturais envolvidas,

nas quais se percebe, destacadamente, a preocupação masculina com massa muscular e sua distribuição pelo corpo. Em homens, a “busca pela muscularidade” (McCREARY, 2011), definida como o anseio de atingir um tipo idealizado de corpo, vem sendo considerada como o principal elemento da Imagem Corporal dos mesmos (MORRISON et al, 2003).

O constructo da insatisfação corporal foi analisado em função das quatro subescalas encontradas no estudo de validação e adaptação do protocolo BSQ de Conti, Cordás e Latorre (2009), designadamente: autopercepção da forma do corpo, percepção comparativa, atitude face a alteração da Imagem Corporal e alterações graves na percepção do corpo.

Importante mencionar que embora o BSQ ofereça medidas de preocupações corporais, em especial com a experiência de se "sentir gordo" (COOPER et al., 1987), tem sido entendido como medida de satisfação corporal (FREITAS et al., 2002). Assim, por se tratar de um instrumento que avalie especificamente a preocupação com a gordura, sua utilização para medir a insatisfação corporal em homens tem sido questionada, já que homens e mulheres valorizam diferentes aspectos e partes do corpo. Contudo, constatou-se que a preocupação com a gordura corporal é também uma das inquietações da amostra pesquisada e foi ilustrado por alguns constructos, dentre os quais, destaca-se o de checagem de gordura do protocolo MBCQ.

A reflexão centrada nas idiosincrasias da expectativa masculina *versus* a feminina quanto à questão da gordura corporal confirmaram a preocupação masculina com a definição muscular, já que a busca pela muscularidade pressupõe elevados graus de hipertrofia e baixos níveis de gordura com a finalidade de tornar visível o contorno da musculatura.

No que se refere ao estado nutricional, nota-se que sua influência apresentou diferença significativa somente nas pontuações das subescalas autopercepção e percepção comparativa do protocolo BSQ. Ou seja, as variáveis socioculturais demonstraram influenciar de maneira semelhante indivíduos em diferentes estados nutricionais. Conclui-se a partir daí, que tanto os indivíduos classificados com estado nutricional adequado quanto inadequado apresentaram similar influência dos três fatores, pais, amigos e mídia, influência sociocultural e também influência nos comportamentos de checagem corporal.

A análise comparativa entre os grupos satisfeitos e insatisfeitos quanto às escalas EITF, MBCQ e SATAQ-3 revelaram que quanto maior a insatisfação, maior a frequência de checagem corporal nos constructos checagem de gordura e checagem por avaliação externa do MBCQ; maior a influência dos aspectos socioculturais nos constructos internalização geral, internalização corpo do atlético, pressão por padrões estabelecidos e mídia como fonte de informação do protocolo SATAQ-3 e maior a influência dos amigos e da mídia do instrumento EITF.

Logo, os grupos inter-relacionais e os meios de comunicação demonstraram exercer maior influência na insatisfação com o corpo da amostra pesquisada. Contudo, destaca-se que apesar da ligação com os pais ser importante para o adolescente do sexo masculino, são os amigos e a mídia que exercem maior influência na Imagem Corporal, especialmente no que se refere à insatisfação. Acredita-se que pelo fato da amostra ser composta por sujeitos que atravessam o estágio final da adolescência, a moderação da influência dos pais possa ser conseqüente processo de separação progressiva (ABERASTURY e KNOBEL, 1981) necessários para a estruturação da identidade do adolescente.

Infere-se que as comparações sociais baseadas em imagens idealizadas exibidas pelos meios de comunicação, assim como as comparações associadas diretamente pelos pares, podem levar a um aumento da busca por padrões corporais idealizados.

Ao veicular imagens de jovens com porte atlético, os anúncios midiáticos são capazes de difundir modelos imaginários que lhe conferem legitimidade e visibilidade social, podendo, muitas vezes assumir um caráter persuasivo dada a pressão mercadológica dos publicitários que os tomam como um produto comercial. Contudo, por outro lado, para que o ato comunicativo da mídia se propague (ainda que simbolicamente), exige um interesse e uma identificação por parte daqueles que consomem as imagens e informações propagadas. O aumento da divulgação desse padrão de corpo masculino na mídia e a preocupação em comparar-se com os outros, de maneira a se adequar em grupos, apareceram como elementos fundamentais no ajuste do adolescente aos padrões sociais.

Já as análises correlacionais entre as escalas e sub-escalas dos instrumentos utilizados na pesquisa, nos permitiu observar a multidimensionalidade e dinamicidade do constructo Imagem Corporal, tendo em vista que seus diversos aspectos se aproximam, se inter cruzam e influenciam-se mutuamente.

Sendo assim, colocando-nos diante do desafio de calibrar o olhar para o fenômeno, sem desconsiderar a sua abrangência e complexidade, verificou-se ao analisar os seus aspectos associadamente que são poucos os cruzamentos que não apresentaram correlações significativas, ou seja, comparando um instrumento e suas subescalas com os demais instrumentos e subescalas, percebeu-se que as influências incidem simultaneamente sobre a Imagem Corporal.

Desta maneira, ratifica-se que a reestruturação contínua da Imagem Corporal perpassa por variáveis intermediárias que compreendem recursos cognitivos, fenômenos motivacionais e processos comportamentais.

Neste sentido, apesar dos estudos sobre Imagem Corporal terem avançado consideravelmente, as sustentações teóricas e os achados empíricos ainda são controversos. A característica multifacetária do fenômeno estudado porta-se como uma limitação inerente ao ato de decifrá-lo.

Assim, retomando sua complexidade no universo masculino, percebe-se que o cenário científico ainda apresenta invólucros paradigmáticos. O terreno pouco explorado no que se refere à Imagem Corporal masculina, compromete a compreensão das nuances do constructo e suas particularidades na população em questão, sendo necessárias novas leituras no campo do saber.

Pode-se dizer que a preocupação masculina com a aparência demonstra que o homem está sendo seduzido pela vaidade e pelo consumismo, sem necessariamente, assumir uma postura entendida culturalmente como uma feminina.

Portanto, na tentativa de tornar menos nebulosa as questões tratadas, este trabalho pode sinalizar caminhos futuros para outras pesquisas centradas em discutir a formação e a transformação contínuas da Imagem Corporal masculina adolescente e na relação às formas que os sistemas culturais as condicionam. Acredita-se que o conhecimento acerca dos mais variados

aspectos e dimensões que compõem a Imagem Corporal deva ser explorado, lançando mão de estratégias metodológicas que estejam congruentes com as peculiaridades desse público.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ADAMS, G.; TURNER, H., BUCKS, R. **The experience of body dissatisfaction in men**. *Body Image*, 2, 2005, p.271-283.

AMARAL, Ana Carolina Soares; CORDÁS, Táki Athanássios Cordás; CONTI, Maria Aparecida Conti; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. **Equivalência semântica e avaliação da consistência interna da versão em português do *Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire-3* (SATAQ-3)**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.27, n.8, p.1487-1497, ago. 2011.

ANASTASI, A.; URBINA, S. **Testagem psicológica**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ANDRADE; M. R. M. **Prevalencia de Insatisfacao Corporal em escolares de Juiz de Fora - MG**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2009.

ATTIE, I.; BROOKS-GUNN, J. **Development of eating problems in adolescent girls: a longitudinal study**. *Dev Psychol*, New York, v.25: p.70-9, 1989.

BAUMEISTER, R. F. **The self**. In GILBERT, D. T.; FISKE, S. T.; LINDZEY, G. (Eds.), *Handbok of social psychology*. Nova York: McGraw-Hill, v. 1, 1998, p. 680-740.

BARROS, D. D. **Imagem Corporal: a descoberta de si mesmo**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.12, n. 2: p. 547-54, maio-ago, 2005.

_____. **Estudo da Imagem Corporal da mulher: corpo (ir) real x corpo ideal**. 2001. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, SP, Campinas.

BALLONE, G. J. **Vigorexia Síndrome de Adônis**. *Portal Psiquiatria Geral*, 2002. [on line] Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/>.

BANFIELD, S.; McCABE, M. **An evaluation of the construct of body image**. *Adolescence*, San Diego, v. 37, p. 373-393, Sept. 2002.

BATISTA, A. B. 1979 - **Caserna – lugar de “homens”**: um olhar de gênero na formação militar. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Viçosa, MG, 2005.

BEARMAN, S. K.; MARTINEZ, E.; STICE, E. **The skinny on body dissatisfaction: a longitudinal study of adolescent girls and boys**. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 217-229, 2006.

BEATON, D. E. et al. **Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of selfreport measures.** Spine, New York, v. 25, n. 24, p. 3186-91, Dec. 2000.

BECKER JR. B. **Manual de Psicologia aplicada ao Exercício & Esporte.** Porto Alegre: Edelbra, 1999.

BENESSOFF, G. R. **Can the media affect us? Social comparison, self-discrepancy and the thin ideal.** Psychology of women quarterly, 30, 2006, p. 239-251.

BETTI, M. (2005). Educação Física. In F.J. Gonzales & P. E. Fensterseifer (orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física.** Ijuí: Editora Unijui.

BLASHILL, A. J. **Gender roles, eating pathology, and body dissatisfaction in men: A meta-analysis.** Body Image, Amsterdam, v. 8, n. 1, p. 1-11, Jan. 2011.

BIRCH, L.L.; FISHER, J.O. **Development of eating behaviors among children and adolescent.** Pediatric, Springfield, v.101: p.539-49, 1998.

BOTTAMINI, G.; STE-MARIE, D. M. **Male voices on body image. International.** Journal of Men's Health, Harriman, v. 5, n. 2, p. 109-32, Summer. 2006.

BRANCO, L. M.; HILARIO, M. O. E.; CINTRA, I. P. **Percepção e satisfação corporal em adolescentes e a relação com seu estado nutricional.** Revista de Psiquiatria Clínica, 33, 292-296, 2006

BROWN, K.M.; SCHREIBER, G.B.; MacMAHON, R.P.; CRAWFORD, P.; GHEE, K.L. **Maternal influence on body satisfaction in black and white girls aged 9 and 10: NHLBI growth and health study (NGHS).** Ann Behav Med, Washington, v.17: p.213-20, 1995.

BOSI, M. L. M.; LUIZ, R.R.; MORGADO, C.M.C; COSTA, M.L.S.; CARVALHO, R. J. **Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro.** J Bras Psiquiatr ; 55(1), 2006, p.34-40.

CAFRI, G., et al. **The influence of Sociocultural Factors on Body Image: a metaanalysis.** Clinical Psychology: Science and Practice, Tampa, v. 12, n. 4, p. 421-33, June 2005.

_____ ; THOMPSON, J. K. **Measuring male body image: A review of the current methodology.** Psychology of Men & Masculinity, Washington, v. 5, n. 1, p. 18-29, Jan. 2004.

CAMPANA, A. N. B.; TAVARES, M. C. G. C. F. **Avaliação da Imagem Corporal: instrumentos e diretrizes para a pesquisa.** São Paulo: Phorte, 2009, p.77.

CARDOSO, R. **Juventude: Conceitos e Visões.** In: Mesa 1 -Encontro Estadual de Políticas Públicas de Juventude. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.pcs.org.br/Livros/politicasPublicas/MESA1.pdf>

CARREIRA FILHO, D. **Jovens em busca do corpo perfeito.** 2004. [on line] Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br/content/meswejetre.mmp>. Acesso em: 16/07/2012.

CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane; FARO, Livi. **A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino.** *Physis* [online], vol.19, n.3, 2009.

CARVALHO, Pedro Henrique Berbert de; CONTI, Maria Aparecida Conti; CORDÁS, Táki Athanássios; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. **Tradução para o português (Brasil), equivalência semântica e consistência interna do *Male Body Checking Questionnaire (MBCQ)*.** Rev. psiquiatr. clín. vol.39, n.2, São Paulo, 2012.

CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. **Body image: development, deviance, and change.** Nova Iorque: Guilford Press, 1990.

_____. **Body image: a handbook of theory, research, and clinical practice.** Nova Iorque: Guilford, 2002, p.7.

_____. **Cognitive-Behavioral Perspectives on Body Image.** In: CASH, T. PRUZINSKY, T. *Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice.* New York: Guilford Press, 2004, p.38-46.

_____; Brown, T. (1989). **Gender and body images: Stereotypes and realities.** *Sex Roles*, vol 5 e 6, 21, 1989, p. 361-373.

CASH, T. F.; FLEMING, E. C. **Body Image and social relation.** In CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. (Eds). *Body Image: a handbook of theory, research and clinical practice.* Nova York: The Guilford Press, 2002, p. 227- 286.

CASTRO, A. T. **Entendo as pesquisas médicas.** 2004. [on line] Disponível em: <http://www.projetoockham.org/> Acesso em 23/05/2012.

CHEMELLO, C. S. **Perfil epidemiológico das adolescentes grávidas na cidade de São Marcos – RS.** São Paulo/ Caxias do Sul. (Dissertação de mestrado – Faculdade de Saúde Pública da USP), 1999.

CIALDINI, R. B.; GOLDSTEIN, N. **Social influence: Compliance and conformity.** *Annual Review of Psychology*, 55, 2004, p.591-621.

COHANE, G.H.; POPE, H.G.-Jr. **Body image in boys: a review of the literature.** Int J Eat Disord; 29(4), 2001, p.373-9.

COLE, T. J. et al. **Establishing a standard definition for child overweight and obesity worldwide: international survey.** British Medical Journal, London, v. 320, p. 1-6, 2000.

_____. **Body mass index cut offs to define thinness in children and adolescents: international survey.** British Medical Journal, London, v. 335, p. 194, 2007.

CONTI, M. A.; CORDÁS, T. A.; LATORRE, M. R. O. **A study of the validity and reability of the Brazilian version of the Body Shape Questionnaire (BSQ) among adolescents.** Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil, Recife, v. 9, n. 3, p. 331-338, ago.2009.

_____; et al. **Adaptação transcultural: tradução e validação de conteúdo para o idioma português do modelo da *Tripartite Influence Scale* de insatisfação corporal.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 503-513, mar. 2010.

_____. **Imagem Corporal e estado nutricional de estudantes de uma escola particular.**(Dissertação de Mestrado – Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo), 2002.

_____; FRUTUOSO M.F.P.; GAMBARDELLA A.M.D. **Excesso de peso e insatisfação corporal em adolescentes.** Rev Nutr., v. 18, n. 4, p. 491-497, 2005.

CORSEN, P. W.; ANDERSEN, A. E. **Body image issues among boys and men.** In CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. (Eds.), *Body Image: a handbook of theory, research and clinical practice.* New York: Guilford Press, 2002, p. 192-199.

CROCKETT, L.; LOSOFF, M.; PETERSEN, A.C. **Perceptions of peer group and friendship in early adolescence.** J Ear Adolesc, Limerick, v.4: p.144-81, 1984.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papirus, 1995, p.39.

DAVISON, K.K.; BIRCH, L.L. **Weight status, parent reaction, and self-concept in five-year-old girls.** Pediatrics, Springfield, v.107: p.46-53, 2001.

DITTIMAR, H.; HOWARD, S. **Thin-ideal internalization and social comparison tendency as moderators of media model's impact on women's body-focused anxiety.** Journal of Social and Clinical Psychology, 23, 2004, p. 768-791.

DURKIN, S. J.; PAXTON, S. J. **Predictors of vulnerability to reduced body image satisfaction and psychological wellbeing in response to exposure to idealized female media images in adolescent girls.** Journal of Psychosomatic Research, 53, 995-1005, 2002.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. [on line]. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cidadania/direitos-do-cidadao/estatutos>. Acesso em: 18/08/2012.

ELIAS, N. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

ERTHAL, T. C. S. **Terapia Vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia.** 2 ed. São Paulo: Vozes, 1991.

FAIRBURN, C. G.; COOPER, Z.; SHAFRAN, R. **Cognitive behaviour therapy for eating disorders: A transdiagnostic theory and treatment.** Behaviour Research and Therapy, Oxford, v. 41, n. 5, p. 509-28, May, 2003.

FEATHERSTONE, M. **Consumer culture and Postmodernism.** Londres: Sage, 1991.

FERREIRA, M. E. C. **Imagem Corporal, autoestima e vaidade sob a perspectiva de deficientes visuais congênitos.** 2007. 195 f. Tese (Pós-Doutorado em Educação) . Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____; CASTRO, A. P. A. de; GOMES, G. **A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 27(1), 2005, p.167-184.

FESTINGER, Leon. **A theory of social comparison processes.** Human Relations, 7(2), 1954, p. 117-140.

FINGERET, M. C.; GLEAVES, D. H.; PEARSON, C. A. **On the methodology of body image assessment: the use of figural rating scales to evaluate body dissatisfaction and the ideal body standards of women.** Body Image, v.1, 2004, p. 207-212.

FISHER, E.; DUNN, M.; THOMPSON, J. K. **Social comparison and body image: An investigation of body comparison processes using multidimensional scaling.** Journal of Social and Clinical Psychology, New York, v. 21, n. 5, p. 566-79, Nov. 2002.

FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia; FARIAS, Samantha Hasegawa; FONTELLES, Renata Garcia Simões. **Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para Elaboração de um Protocolo de Pesquisa.** Scientific Research Methodology: Guidelines for Elaboration of a Research Protocol, 2009.

FORTES, L. S. **Insatisfação corporal, comportamento alimentar e maturação biológica em jovens atletas** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2011.

FREDERICK, D. A. et al. **Desiring the muscular ideal: Men's body dissatisfaction in the United States, Ukraine, and Ghana.** *Psychology of Men & Masculinity*, Washington, v. 8, n. 2, p. 103-17, Apr. 2007.

FRISBY, C.M. **Does race matter?: effects of idealized images on African American women's perceptions of body.** *Journal of Black Studies*, 34(3), 2004, p. 323-347.

GARCIA, W. **A imagem do metrosssexual no Brasil.** In: *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p.110.

GARDNER, R. M. **Methodological issues in assessment of the perceptual component of body image disturbance.** *Jornal Brasileiro de Psicologia*, 1996 p. 327- 337.

GARDNER, R. M.; BROWN, D. L. **Body image assessment: a review of figural drawing scales.** *Personality and Individual Differences*, 48, 2010, p.107-111.

_____; FRIEDMAN, B. N.; JACKSON, N. A. **Methodological concerns when using silhouettes to measure body image.** *Perceptual and Motor Skills*, 86, 1998, p. 387-395.

_____. **Body Image Assessment of Children.** In: CASH, T.; PRUZINSKY, T. *Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice.* New York: Guilford, 2004. p. 127.

_____; BOKENKAMP, E. D. **The role of sensory and nonsensory factors in body size estimations of eating disorder subjects.** *Journal of Clinical Psychology*, New York, v. 52, n. 1, p. 3-16, Jan. 1996.

_____. **Body Image Assessment of Children.** In: CASH, T.; PRUZINSKY, T. *Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice.* New York: Guilford, 2004. p. 65-73.

GARNER, D. M.; GARFINKEL, P. E. **Body Image in anorexia nervosa: Measurement theory and clinical implications.** *International Journal of Psychiatry and Medicine*, Toronto, v. 11, n. 3, p. 263-84, 1981.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p.15.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

GLEESON, K.; FRITH, H. **(De) constructing body image**. Journal of Health Psychology, London, v. 11, n. 1, p. 79-90, Jan. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Guacira Lopes Louro, Janes Felipe, Silvana Vilodre Goellner (Org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p.28.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. **A civilização das formas: o corpo como valor**. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 29.

GRAMMAS, DEBBIE L.; SCHWARTZ, JONATHAN P. **Internalization of messages from society and perfectionism as predictors of male body image**. Body Image 6 p. 31-36, 2009.

GRANNER, M.L.; BLACK, D.R.; ABOOD, D.A. **Levels of cigarette and alcohol use related to eating-disorder attitude**. Am J Health Behav, London, v.26: p.43-55, 2002.

GROESZ, L. M., LEVINE, M. P., MURNEN, S. K. **The effect of experimental manipulation of the thin media images on body satisfaction: A meta-analytical review**. International Journal of Eating Disorders, 3, 2002, p. 1-16.

GROGAN, S. **Body Image: Understanding Body Dissatisfaction in Men, Women, and Children**. East Sussex: Routledge, 2008.

GUIMOND, S. **Introduction: social comparison process and levels of analysis**. In: Guimond, S. (ed.), Social comparison and social psychology: understanding cognition, intergroup relations and culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 1-10.

GUZZO, M. **Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v.27, n.1, p. 139-152, 2005.

HAIR J. F. et al. **Análise Multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. **“Sarados” e “gostasas” entre alguns aspectos: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação**. Rev. Movimento, Porto Alegre, v. 12, n.1, p.133-152, janeiro/abril, 2006.

HARGREAVES, D. A.; TIGGEMANN, M. **Body image is for girls: A qualitative study of boys body image**. Journal of Health Psychology, London, v. 11, n. 4, p. 567-76, July, 2006.

HARVEY, J. A.; ROBINSON, J. D. **Eating disorders in men: Current considerations.** Journal of Clinical Psychology in Medical Settings, 10, 2003, p.297-306.

HART, E. A. Avaliando a imagem corporal. In: TRITSCHLER, K. **Medida e avaliação em Educação Física e esportes de Barrow & McGee.** 1. ed. Barueri: Manole, 2003. p. 457-488.

HAUSENBLAS, H. A.; DOWNS, D. S. **Comparison of body image between athletes and nonathletes: a meta-analytic review.** Journal Applied of Sports Psychology, Routledge, v. 13, 2001, p. 323-339.

HILL, A.J.; FRANKLIN, J.A. **Mothers, daughters, and dieting: investigating the transmission of weight control.** Br J Clin Psychol, Edinburgh, v.37: p.3-13, 1998.

HIRATA, E. **Influências de padrões de corpo e da comparação social na imagem corporal.** (Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília, DF, 2009.

_____. PILATI, R. **Desenvolvimento e validação preliminar da Escala Situacional de Satisfação Corporal – ESSC.** Psico-USF (Impr.) vol.15 no.1 Itatiba Apr. 2010.

HOBZA, C. L.; ROCHLEN, A. B. **Gender role conflict, drive for muscularity, and the impact of ideal media portrayals on men.** Psychology of Men & Masculinity, Washington, v. 10, n. 2, p. 120-30, Apr. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo 2000: Cidades. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br/cidadesat/>. Acesso em: 12/11/2011.

JACOBI, L.; CASH, T. F. **In pursuit of the perfect appearance: Discrepancies among self-ideal precepts of multiple physical attributes.** Journal of Applied Social Psychology, Washington, v. 24, n. 5, p. 379-96, Mar. 1994.

JACKSON, L. **Physical attractiveness: A sociocultural perspective.** In T. F. Cash & T. Pruzinsky (Eds.), *Body image: A handbook of theory, research and clinical practice* (pp. 13-21). New York: The Guilford Press, 2002.

JACKSON, T.; CHEN, H. **Factor structure of the Sociocultural Attitudes Towards Appearance Questionnaire-3 (SATAQ-3) among adolescent boys in China.** Body Image, Amsterdam, v. 7, n. 4, p. 349-355, Sept. 2010.

JEKEL, J. F.; KATZ, D. L.; ELMORE, J. G. **Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

JODELET, D., 1985. **La representación social: Fenómenos, concepto y teoría.** In: *Psicología Social* (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos.

JONES, D. C. **Body image among adolescent girls and boys: a longitudinal study.** *Developmental Psychology*, 40, 823-835, 2004.

KEEL, P.K.; HEATHERTON, T.F.; HARNDEN, J.L.; HORNIG, C.D. **Mothers, fathers, and daughters: dieting and disordered eating.** *Eat Dis*, [s.l.], v.5: p.216-28, 1997.

KELLEY, C. C.; NEUFELD, J. M.; MUSER-EIZENMAN, D. R. **Drive for thinness and drive for muscularity: Opposite ends of continuum or separate constructs?** *Body Image*, Amsterdam, v. 7, n. 1, p. 74-7, Jan. 2010.

KOHN, S.J.; SMITH, G.C. **The impact of downward social comparison processes on depressive symptoms in older men and women.** *Ageing International*, 28(1),2003, p. 37-65.

KRUGLANSKI, A. W.; MAYSELESS, O. **Culture, obesity stereotypes, self-esteem, and the “Thin ideal”: A social identity perspective.** *Journal of Young Adolescence*, 33, 1990. p.307-317.

LABRE, M. A. M. P. **Adolescents boys and the muscular male body ideal.** *Journal of Adolescent Health*, 30, 233-242, 2002.

LATTIMORE, P.J.; BUTTERWORTH, M. **A test of the structural model of initiation of dieting among adolescent girls.** *J Psychosom Res*, Berlin, v.46: p.295-9, 1999.

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos.** Trad. Ana Guardiola Brizolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p. 188.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LEON, G.R.; FULKERSON, J.A.; PERRY, C.L. *et al.* **Personality and behavioral vulnerabilities associated with risk status for eating disorders in adolescent girls.** *J Abnorm Psychol*, [s.l.], v.102: p.438-44, 1993.

LYTTON, H.; ROMNEY, D.M. **Parents’ differential socialization of boys and girls: a meta-analysis.** *Psychol Bull*, London, v.109: p.267-96, 1991.

MIRANDA, V. P. N. **Insatisfação corporal em adolescentes de municípios de pequeno porte.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2011.

McCABE M. *et al.* **Accuracy of body size estimation: Role of biopsychosocial variables.** *Body Image*, Victoria, v. 3, p. 163-71, June 2006.

_____; RICCIARDELLI, L. A. **Body image dissatisfaction among males across the lifespan. A review of past literature.** *Journal of Psychosomatic Research*, London, v. 56, n. 6, p. 675-85, June, 2004.

_____. **A longitudinal study of pubertal timing and extreme body change behaviors among adolescent boys and girls.** *Adolescence*, 39, 145-166, 2004.

_____. **A prospective study of pressures from parents, peers, and the media on extreme weight change behaviors among adolescent boys and girls.** *Behaviour Research and Therapy*, 43, 653-668, 2005.

_____. Finemore, J. **The role of puberty, media and popularity with peers on strategies to increase weight, decrease weight and increase muscle tone among adolescent boys and girls.** *Journal of Psychosomatic Research*, 52, 145-153, 2002.

McCREARY, D. R.; SASSE, D. K. **An exploration of the drive for muscularity in adolescent boys and girls.** *Journal of American College Health*, Washington, v. 48, n. 6, p. 297-304, May, 2000.

_____. **Body image and muscularity.** In: CASH, T.F.; SMOLAK, L. *BodyImage: A handbook of science, practice, and prevention.* Nova York: The GuilfordPress, p.198-205, 2011.

MORRISON, T. G.; KALIN R.; MORRISON, M. A. **Body-image evaluation and bodyimage investment among adolescents: A test of sociocultural and social comparison theories.** *Adolescence*, 39, 2004, p.571-592.

_____; MORRISON, M.; HOPKINS, C. **Striving for bodily perfection? An exploration of the drive for muscularity in Canadian men.** *Psychology of Men & Masculinity*, Washington, v. 4, n. 2, p. 111-20, July, 2003.

_____. **Correlates of genital perceptions among Canadian postsecondary students.** *Electronic Journal of Human Sexuality*, v. 8, May, 2005. Disponível em: <<http://www.ejhs.org/volume8/GenitalPerceptions.htm>>.

MOUNTFORD, V.; HAASE, A.; WALLER, G. **Body checking in the eating disorders: associations between cognitions and behaviors.** *International Journal of Eating Disorders*, New York, v. 39, n. 8, p. 708-15, Dec. 2006.

MUSSSWEILER, T. **Focus of comparison as a determinant of assimilation versus contrast in social comparison.** *PSPB*, 27(1), 2001, p. 38-47.

MUST A.; DALLAL, G. E.; DIETZ, W. H. **Reference data for obesity: 85th and 95th percentiles of body mass index (wt/ht²) and triceps skinfold thickness.** *Am. J. Clin. Nutr.* 1991; 53:839-46.

O'KOON, J. **Attachment to parents and peers in late adolescence and their relationship with self image.** *Adolesc*, Chicago, v.32: p.471-82, 1997.

OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. **O esquema corporal, a Imagem Corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1999, p. 27.

OLIVARDIA, R. et al. **Biceps and body image: The relationship between muscularity and self-esteem, depression, and eating disorder symptoms**. *Psychology of Men & Masculinity*, Washington, v. 5, n. 2, p. 112-20, July, 2004.

OUTEIRAL, J. **Adolescer – estudos revisados sobre adolescência** (2a ed., rev., atual. e ampl.). São Paulo: Revinter, 2003, p.10.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. 3ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1992.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAQUETTE, M.; RAINE, K. **Sociocultural context of women's body image**. *Social Science and Medicine*, 59, 1047-1058, 2004.

PASQUALI, L. (Org.) **Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento**. Brasília: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida / Instituto de Psicologia / UnB: INEP, 1996.

_____. **Psicometria: Teoria dos Testes na Psicologia e na Educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PENNA, L. **Imagem Corporal: uma revisão seletiva da literatura**. *Psicologia - USP*, São Paulo, 1 (2): 167 – 174, 1990.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: Teoria e Prática**. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1995.

PIKE, K.M.; RODIN, J. **Mothers, daughters, and disordered eating**. *J Abnorm Psychol*, [s.l.], v.100: p.198-204, 1991.

PINHEIRO, A. P.; GIUGLIANI, E. R. J. **Body dissatisfaction in Brazilian schoolchildren: prevalence and associated factors**. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, p. 489-496, 2006.

POPE, H. G.; PHILLIPS, K. A.; OLIVARDIA, R. **The Adonis Complex: The secret crisis of male body obsession**. New York: Free, 2000, p. 23.

PRESNELLI, K.; BEARMAN, S. K.; STICE. **Risk factors for body dissatisfaction in adolescent boys and girls: a prospective study**. *International Journal of Eating Disorders*, 36, 399-401, 2004.

RICCIARDELLI, L. A., McCABE, M. P.; BANFIELD, S. **Body image and body changes methods in adolescent boys. Role of parents, friends, and the media**. *Journal of Psychosomatic Research*, 49, 2000, p.189-197.

RICHINS, M. L. **Social comparison, advertising, and consumer discontent.** American Behavioral Scientist, 38(4), 1995, p.593-607.

RIDGEWAY, R.; TYLKA, T. **College men's perceptions of ideal body composition and shape.** Psychology of Men & Masculinity, Washington, v. 6, n. 3, p. 209-20, July, 2005.

RUSSO, R. **Imagem corporal: Construção através da cultura do belo.** Movimento & Percepção, 5 (6), 2005, p.80-90.

SABINO, C. **O Peso da Forma: Cotidiano e Uso de Drogas entre Fisiculturistas.** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UFRJ, 2004, p.13.

SANDS, E.R.; WARDLE, J. **Internalization of ideal body shapes in 9-12-year-old girls.** Int J Eat Disord, Oxford, v.33, n.2: p.193-204, 2003.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.7; 11; 183.

SCHOOLER, D.; WARD, L. M. **Average Joes: men's relationships with media, real bodies, and sexuality.** Psychology of Men & Masculinity, Washington, v. 7, n. 1, p. 27-41, Jan. 2006.

SCHWARTZ, D. J. et al. **Body image, psychological functioning, and parental feedback regarding physical appearance.** International Journal of Eating Disorders, 25, 339-343, 1999.

SEMENZA, C. **Disorders of body representation.** In: BOLLER, F.; GRAFMAN, J.(Eds.). Handbook of neuropsychology: Language and aphasia. [S.l]: Elsevier,2001. v. 3.

SIEGEL, J.M.; YANCEY, A.K.; ANESHENSEL, C. S.; SCHLER, R. **Body image, perceived pubertal timing and adolescent mental health.** J Adolesc Health. 1999; p. 155-65.

SILVA, Sérgio gomes. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista.** Psicol. cienc. prof. v.26 n.1, Brasília, 2006.

SLADE, P. D. **What is body image?** Behav Res. Ther., Liverpool, v. 32, n. 5, p. 497- 502, June 1994.

SMOLAK, L.; MURMEN, S.K.; RUBLE, A.E. **Female athletes and eating problems: a meta-analysis.** Int J Eat Dis;27(4): 2000, p.371-80.

_____. **Body image in children and adolescents: where do we go from here?** Body Image, Norfolk, v. 1, p. 15-28, 2004.

_____; LEVINE, M.P.; SCHERMER, F. **Parental input and weight concerns among elementary school children.** Int J Eat Dis, Oxford, v.25: p.263-71, 1999.

SPINK, M. J. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.** Cad. Saúde Pública vol.9 n. 3 Rio de Janeiro July/Sept. 1993, s/p.

STICE, E., TRISTAN, J., (2005) – **Sociocultural Pressures and Body Image Disturbances: A Comment** on Cafri, Yamamiya, Brannick, and Thompson. Clinical Psychology: Science and Practice, 12, p. 440-446.

_____; SHAW, H. E. **Adverse effects of the media portrayed thin-ideal on women and linkages to bulimic symptomatology.** Journal of Social and Clinical Psychology, 13, 2002, p.288–308.

STRIEGEL-MOORE, R.H.; KEARNEY-COOKE, A. **Exploring parents' attitudes and behaviors about their children's physical appearance.** Int J Eat Dis, Oxford, v.15: p.377-85, 1994.

STREINER, D. L. **Starting at the beginning: An introduction to coefficient alpha and internal consistency.** Journal of Personality Assessment, Burbank, v. 80, n. 1, p. 99-103, Feb. 2003.

STUART, A. **Temporal comparison theory.** Psychological Review, 84 (6), 1977, p. 485-503.

TANTLEFF-DUNN, S.; GOKKE, J. L. **Interpersonal processes that shape body image.** In CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. (Eds.). Body Image: a handbook of theory, research and clinical practice. Nova York: The Guilford Press, 2002, p. 108- 116.

TAVARES, M.C.G.C.F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento.** Barueri, SP: Manole, 2003, p. 28-29; 37.

TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes; CAMPANA, Angela Nogueira Neves Betanho; FILHO, Roberto Fernandes Tavares; CAMPANA, Mateus Betanho. **Avaliação Perceptiva da Imagem Corporal: História, reconceituação e perspectivas para o Brasil.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 3, p. 509-518, jul./set. 2010.

TAYLOR, C.B.; SHARPE, T.; SHISSTAK, C.; BYRSON, S.; ESTES, L.S.; GRAY, N. *et al.* **Factors associated with weight concerns in adolescent girls.** Int J Eat Dis, Oxford, v.24: p.31-42, 1998.

TAYLOR, S.E., PEPLAU, L.A., SEARS, D. (Eds.) **Social Psychology.** Chapter 4, 12ª Edição: The Self: Learning about the self (p.96-131). New Jersey: Pearson Prentice Hall, 2006.

THOMPSON, J. K. **The (mis)measurement of body image: ten strategies to improve assessment for applied and research purposes.** *Body Image*, Florida, v. 1, n. 7, p. 14, Jan. 2004.

_____ ; GARDNER, R. M. **Measuring Perceptual Body Image among adolescents and adults.** In Cash, T.; Pruzinsky, T. (org). *Body Image: a handbook of theory, research & clinical practice.* Nova Iorque: The Guilford Press, 2002.

_____ et al. **Exactng beauty: theory, assessment and treatment of body image disturbance.** Washington: APA, 1998.

THOMPSON, M. A.; GRAY, J. J. **Development and validation of a new body-image assessment scale.** *Journal of Personality Assessment*, Washington, v. 64, n. 2, p. 258-69, Apr. 1995.

TIGGEMAN, M. **Body image across the adult life span: stability and change.** *Body image*, Norfolk, v. 1, p. 29-41, nov. 2004.

_____ ; MCGILL, B. **The role of social comparison in the effect of magazine advertisements on women's mood and body dissatisfaction.** *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23, 2004, p.23–44.

_____ ; MARTINS, Y.; CHURCHETT, L. **Beyond Muscles: Unexplored Parts of Men's Body Image.** *Journal of Health Psychology*, London, v. 13, n. 8, p. 1.163-72, Nov. 2008.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI, E. R. J. **Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil.** *Revista de Nutrição*, Campinas, SP, v. 20, p. 119- 128, 2007.

VAN Den BERG et al. **Body dissatisfaction and body comparison with media images in males and females.** *Body Image*, Minnessota, v. 4, p. 257-68, Apr. 2007.

VIGARELLO, G. **A história e os modelos do corpo.** *Pro-Posições*, v. 14, n. 2 (41) - maio/ago. 2003. p. 21.

VILELA, J. E. M. et al. **Transtornos alimentares em escolares.** *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 80, n. 1, p. 49-54, fev. 2004.

WANG, G.; DIETZ, W. H. **Economic burden of obesity in youths aged 6 to 17 years: 1979-1999.** *Pediatrics*, New York, v. 109, n. 5, p. 81-6, May 2002.

WANG, M. L., JABLONSKI, B., MAGALHÃES, A. **Identidades Masculinas: limites e possibilidades.** In: *Psicologia em Revista*. Vol. 19, N° 12, 2006, p. 54-65.

WHELLER, L.; MYAKE, K. **Social Comparison in everyday life.** *Journal of Personality and social Psychology*, 62, 1992, p. 760-773.

WILLS, T.A. **Downward comparisons principles in social psychology.** Psychology Bulletin, 90(2), 1981, p. 245-271.

WOOD, J.V. **Theory and research concerning social comparisons of personal attributes.** Psychological Bulletin, 106 (2), 1989, p.231-248.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Physical status: the use and interpretation of anthropometry.** Geneva: WHO; 2005.

ANEXOS

ANEXO “A” - TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “*Avaliação do componente atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes de 17 e 18 anos do sexo masculino*”. O motivo que nos leva a estudar esse assunto surge a partir da hipótese de que a juventude é marcada por uma turbulência de transformações, informações, escolhas e oportunidades. É o período que traça a estruturação final da personalidade do indivíduo, e por conseguinte, todas estas transformações podem ser expressas e/ou refletidas no corpo. Portanto, a imagem corporal em jovens merecem atenção dos pesquisadores devido às rápidas mudanças de ordem corporal, psicológica e social que ocorrem nesse período. Para este estudo adotaremos o seguinte procedimento: aplicação de 4 questionários (SATAQ-3; MBCQ; BSQ e EITF) para investigar respectivamente a influência da mídia; checagem corporal; o seu sentimento em relação à aparência e a influência de amigos, da família e da mídia na Imagem corporal. Estes questionários buscam avaliar sua satisfação com a sua realidade corporal, ideal corporal e apresentação corporal. Todos os dados serão coletados nas dependências do 4º Grupo de Artilharia de Campana, na cidade de Juiz de Fora / MG, por pesquisadores que não possuem vínculo institucional. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20____

Assinatura do (a) menor
pesquisador(a)

Assinatura do(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFJF
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA / CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF
JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36036-900
FONE: (32) 2102-3788 / E-MAIL: CEP.PROPESQ@UFJF.EDU.BR

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA
ENDEREÇO: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO CORPO – FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS – UFJF –
RUA JOSÉ LOURENÇO KELMER, S/N – CAMPUS UNIVERSITÁRIO – BAIRRO SÃO PEDRO
JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36036-330 – JUIZ DE FORA – MG FONE: (32) 9945 0590 E-MAIL:
CAPUTOFERREIRA@TERRA.COM.BR

ANEXO “B” - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (NO CASO DO RESPONSÁVEL)

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Avaliação do componente atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes de 17 e 18 anos do sexo masculino”. O motivo que nos leva a estudar esse assunto surge a partir da hipótese de que a juventude é marcada por uma turbulência de transformações, informações, escolhas e oportunidades. É o período que traça a estruturação final da personalidade do indivíduo, e por conseguinte, todas estas transformações podem ser expressas e/ou refletidas no corpo. Portanto, a imagem corporal em jovens merecem atenção dos pesquisadores devido às rápidas mudanças de ordem corporal, psicológica e social que ocorrem nesse período. Para este estudo adotaremos o seguinte procedimento: aplicação de 4 questionários (SATAQ-3; MBCQ; BSQ e EITF) para investigar respectivamente a influência da mídia; checagem corporal; o seu sentimento em relação à aparência e a influência de amigos, da família e da mídia na Imagem corporal. Estes questionários buscam avaliar sua satisfação com a sua realidade corporal, ideal corporal e apresentação corporal. Todos os dados serão coletados nas dependências do 4º Grupo de Artilharia de Campana, na cidade de Juiz de Fora / MG, por pesquisadores que não possuem vínculo institucional. Para participar deste estudo, o menor sob sua responsabilidade não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Ele será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você, como responsável pelo menor, poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. A participação dele é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. O menor não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Apesar disso, o menor tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, responsável pelo menor _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão do menor sob minha responsabilidade de participar, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20____ .

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Assinatura do(a) Responsável

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - UFJF
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA / CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF
JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36036-900
FONE: (32) 2102-3788 / E-MAIL: cep.propesq@uff.edu.br

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: MARIA ELISA CAPUTO FERREIRA
ENDEREÇO: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO CORPO – FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS – UFJF – RUA JOSÉ LOURENÇO KELMER, S/N – CAMPUS UNIVERSITÁRIO – BAIRRO SÃO PEDRO
JUIZ DE FORA (MG) - CEP: 36036-330 – JUIZ DE FORA – MG
FONE: (32) 9945 0590 E-MAIL: CAPUTOFERREIRA@TERRA.COM.BR

ANEXO “C” – ESCALA DE INFLUÊNCIA DOS TRÊS FATORES - EITF
(Conti et al.; 2010)

Por favor, leia cada questão e assinale no local apropriado. Use a legenda abaixo:

1 = Sempre 2 = Quase sempre 3 = Frequentemente 4 = Algumas Vezes 5 = Nunca

	1	2	3	4	5
1- As revistas que eu leio e os programas de TV que assisto enfatizam que é importante ser magro (a).					
2- As revistas que leio e os programas de TV que assisto enfatizam a importância da aparência (forma corporal, peso, roupas).					
3- As revistas que leio e os programas de TV que assisto enfatizam a prática de dietas para perder peso.					
4- Eu tenho sentido pressão da mídia para perder peso.					
5- Eu me interessaria em assistir um novo programa de TV se o tema fosse dieta.					
6- Eu me interessaria em assistir um novo programa de TV se o tema fosse boa forma e exercícios.					
7- Eu me interessaria em assistir um novo programa de TV se o tema fosse moda.					
8- Eu me interessaria em ler uma nova revista se o tema fosse prática de dieta.					
9- Eu me interessaria em ler uma nova revista se os temas fossem boa forma e exercícios.					
10- Eu me interessaria em ler uma nova revista se o tema fosse moda.					
11- O quanto a sua mãe é preocupada se você está ou pode se tornar muito gordo (a)?					
12- Quanto importante é para sua mãe que você seja magro (a)?					
13- O quanto o seu pai é preocupado se você está ou pode se tornar muito gordo (a)?					
14- Quanto importante é para seu pai que você seja magro (a)?					
15- Seu pai está fazendo dieta para perder peso.					
16- É importante para o seu pai que ele seja tão magro quanto possível.					
17- A aparência física do seu pai (forma corporal, peso, roupas) é importante para ele.					
18- Sua mãe está fazendo dieta para perder peso.					
19- É importante para a sua mãe que ela seja tão magra quanto possível.					
20- A aparência física de sua mãe (forma corporal, peso, roupas) é importante para ela.					
21- Seu pai faz comentários ou te provoca sobre sua aparência.					
22- Sua mãe faz comentários ou te provoca sobre sua aparência.					
23- Com que frequência seus pais comentam sobre os pesos um do outro?					
24- Com que frequência seus pais encorajam um ao outro a perder peso?					
25- Com que frequência seus pais conversam sobre peso e prática de dieta?					
26- Com que frequência seus pais se preocupam sobre o quanto eles pesam?					
27- Com que frequência seus pais fazem dietas?					
28- Você acha que seus pais reparam muito no peso e formas corporais um do outro?					
29- Um ou mais de meus amigo (a)s e colegas de classe estão fazendo dieta para perder peso.					
30- É importante para meus amigo (a)s e colegas de classe que eles sejam tão magro (a)s quanto possível.					
31- A aparência física dos meus amigo (a)s e colegas de classe (forma corporal, peso, roupas) é importante para eles.					
32- Seus amigo (a)s e colegas de classe fazem comentários ou te provocam sobre sua aparência.					
33- Com que frequência seus amigo (a)s e colegas de classe comentam entre si sobre seus pesos?					
34- Com que frequência seus amigo (a)s e colegas de classe encorajam um ao outro a perder peso?					
35- Com que frequência seus amigo (a)s e colegas de classe conversam sobre peso ou prática de dietas?					
36- Com que frequência seus amigo (a)s e colegas de classe se preocupam sobre o quanto eles pesam?					
37- Com que frequência seus amigo (a)s e colegas de classe fazem dietas?					
38- Com que frequência seus amigo (a)s e colegas de classe pulam refeições?					
39- Você acha que seus amigo (a)s e colegas de classe reparam muito no peso e formas corporais um do outro?					

**ANEXO "D" - QUESTIONÁRIO DE CHECAGEM CORPORAL MASCULINO –
MBCQ
(CARVALHO et al., no prelo)**

Marque um **X** na alternativa que melhor descreve com que frequência você adota estes comportamentos atualmente.

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Muito Frequentemente
1. Checo a firmeza de meus braços para confirmar de que não perdi nenhuma massa muscular.					
2. Olho meus músculos abdominais - "tanquinho" - no espelho.					
3. Quando me olho no espelho contraio os braços para confirmar a igualdade entre eles.					
4. Comparo o tamanho de meus músculos com o de outras pessoas					
5. Comparo minha "magreza" ou definição muscular com a de outras pessoas.					
6. Comparo meus músculos com a dos atletas ou das celebridades.					
7. Comparo minha "magreza" ou definição muscular com a dos atletas ou das celebridades.					
8. Peço a outras pessoas para tocarem em meus músculos para confirmar o tamanho e a firmeza deles.					
9. Peço a outras pessoas para comentarem sobre a definição ou o tamanho de meus músculos.					
10. Belisco a gordura da minha barriga e costas (por exemplo, os pneuzinhos) para checar a minha "magreza".					
11. Comparo minha "magreza" ou a definição de meus músculos peitorais à de outras pessoas.					
12. Comparo o tamanho de meus músculos peitorais com o tamanho dos músculos de outras pessoas.					
13. Comparo a largura de meus ombros com a largura dos ombros de outras pessoas.					
14. Contraio meus músculos peitorais diante do espelho para confirmar a igualdade entre eles.					
15. Contraio meus músculos diante do espelho à procura de linhas ou estriamentos neles.					
16. Meço meus músculos com uma fita métrica.					
17. Aperto a gordura ou estico a pele do meu corpo para acentuar o músculo escondido pela gordura.					
18. Checo o tamanho e a forma de meus músculos na maioria das superfícies espelhadas (por exemplo, nas janelas de carros, nas vitrines de lojas, nos espelhos etc.).					
19. Belisco ou aperto meus músculos para confirmar o tamanho e a firmeza deles.					

**ANEXO "E" - QUESTIONÁRIO DE ATITUDES SOCIOCULTURAIS EM
 RELAÇÃO À APARÊNCIA - SATAQ-3
 (Amaral et al.; 2011)**

Por favor, leia cada um dos itens abaixo cuidadosamente e indique o número que melhor reflete o quanto você concorda com a afirmação de acordo com a legenda abaixo.

1. Discordo totalmente 2. Discordo em grande parte 3. Nem concordo nem discordo 4. Concordo em grande parte 5. Concordo totalmente

Pergunta	1	2	3	4	5
1. Programas de TV são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
2. Já me senti pressionado(a) pela TV ou por revistas a perder peso.					
3. Não me importo se meu corpo se parece com o de pessoas que estão na TV.					
4. Comparo meu corpo com o de pessoas que estão na TV.					
5. Comerciais de TV são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
6. <i>PARA MULHERES:</i> Não me sinto pressionada pela TV ou por revistas a ficar bonita. <i>PARA HOMENS:</i> Não me sinto pressionado pela TV ou por revistas a ficar musculoso.					
7. Gostaria que meu corpo fosse parecido com o dos(as) modelos das revistas.					
8. Comparo minha aparência com a das estrelas de TV e do cinema.					
9. Videoclipes não são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
10. <i>PARA MULHERES:</i> Já me senti pressionada pela TV ou por revistas a ser magra. <i>PARA HOMENS:</i> Já me senti pressionado pela TV ou por revistas a ser musculoso.					
11. Gostaria que meu corpo fosse parecido com o dos(as) modelos dos filmes.					
12. Não comparo meu corpo com o das pessoas das revistas.					
13. Artigos de revistas não são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
14. Já me senti pressionado(a) pela TV ou por revistas a ter um corpo perfeito.					
15. Gostaria de me parecer com os(as) modelos dos videoclipes.					
16. Comparo minha aparência com a das pessoas das revistas.					
17. Anúncios em revistas são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
18. Já me senti pressionado(a) pela TV ou por revistas a fazer dieta.					
19. Não desejo ser tão atlético(a) quanto as pessoas das revistas.					
20. Comparo meu corpo ao das pessoas em boa forma.					
21. Fotos de revistas são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
22. Já me senti pressionado(a) pela TV ou por revistas a praticar exercícios.					
23. Gostaria de ter uma aparência tão atlética quanto a das estrelas do esporte.					
24. Comparo meu corpo com o de pessoas atléticas.					
25. Filmes são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
26. Já me senti pressionado(a) pela TV ou por revistas a mudar minha aparência.					
27. Não tento me parecer com as pessoas da TV.					
28. Estrelas de cinema não são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
29. Pessoas famosas são importantes fontes de informação sobre moda e sobre "como ser atraente".					
30. Tento me parecer com atletas.					

ANEXO "F" - BODY SHAPE QUESTIONNAIRE - BSQ
(Conti, Cordas, Latorre ; 2009)

Nome: _____

Idade: _____

Gostaríamos de saber como você vem se sentindo em relação à sua aparência nas últimas quatro semanas. Por favor, leia cada questão e faça um círculo apropriado. Use a legenda abaixo:

1.Nunca 2.Raramente 3.Às vezes 4.Freqüentemente 5.Muito Freqüentemente 6.Sempre

1 - Sentir-se entediado (a) faz você se preocupar com sua forma física?	1	2	3	4	5	6
2 - Você tem estado tão preocupado(a) com sua forma física a ponto de sentir que deveria fazer dieta?	1	2	3	4	5	6
3 - Você acha que suas coxas, quadril ou nádegas são grandes demais para o restante do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
4 - Você tem sentido medo de ficar gordo (a) (ou mais gordo)?	1	2	3	4	5	6
5 - Você se preocupa com o fato de seu corpo não ser suficientemente firme?	1	2	3	4	5	6
6 - Sentir-se satisfeito(a) (por exemplo após ingerir uma grande refeição) faz você sentir-se gordo(a)?	1	2	3	4	5	6
7 - Você já se sentiu tão mal a respeito do seu corpo que chegou a chorar?	1	2	3	4	5	6
8 - Você já evitou correr pelo fato de que seu corpo poderia balançar?	1	2	3	4	5	6
9 - Estar com mulheres/homens magro(a)s faz você se sentir preocupado(a) em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
10 - Você já se preocupou com o fato de suas coxas poderem espalhar-se quando se senta?	1	2	3	4	5	6
11 - Você já se sentiu gordo(a), mesmo comendo uma quantidade menor de comida?	1	2	3	4	5	6
12 - Você tem reparado no físico de outras mulheres/homens e, ao se comparar, sente-se em desvantagem?	1	2	3	4	5	6
13 - Pensar no seu físico interfere em sua capacidade de se concentrar em outras atividades (como por exemplo, enquanto assiste à televisão, lê ou participa de uma conversa)?	1	2	3	4	5	6
14 - Estar nu (a), por exemplo, durante o banho, faz você se sentir gordão (a)?	1	2	3	4	5	6
15 - Você tem evitado usar roupas que o(a) fazem notar as formas do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
16 - Você se imagina cortando fora porções do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
17 - Comer doce, bolos ou outros alimentos ricos em calorias faz você se sentir gordo(a)?	1	2	3	4	5	6
18 - Você deixou de participar de eventos sociais (como, por exemplo, festas) por sentir-se mal em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
19 - Você se sente excessivamente grande e arredondado (a)?	1	2	3	4	5	6
20 - Você já teve vergonha do seu corpo?	1	2	3	4	5	6
21 - A preocupação diante do seu físico leva-lhe a fazer dieta?	1	2	3	4	5	6
22 - Você se sente mais contente em relação ao seu físico quando de estômago vazio (por exemplo, pela manhã)?	1	2	3	4	5	6
23 - Você acha que seu físico atual decorre de uma falta de autocontrole?	1	2	3	4	5	6
24 - Você se preocupa que outras pessoas possam estar vendo dobras na sua cintura ou estômago?	1	2	3	4	5	6
25 - Você acha injusto, que as outras mulheres/homens sejam mais magro (a)s que você?	1	2	3	4	5	6
26 - Você já vomitou para sentir-se mais magro(a)?	1	2	3	4	5	6
27 - Quando acompanhado (a), você fica preocupado(a) em estar ocupando muito espaço (por exemplo, sentado (a) num sofá ou no banco de um ônibus)?	1	2	3	4	5	6
28 - Você se preocupa com o fato de estarem surgindo dobrinhas no seu corpo?	1	2	3	4	5	6
29 - Ver seu reflexo (por exemplo, num espelho ou na vitrine de uma loja) faz você sentir-se mal em relação ao seu físico?	1	2	3	4	5	6
30 - Você belisca áreas de seu corpo para ver o quanto há de gordura?	1	2	3	4	5	6
31 - Você evita situações nas quais as pessoas possam ver seu corpo (por exemplo, vestiários ou banho de piscina)?	1	2	3	4	5	6
32 - Você toma laxantes para sentir-se magro (a)?	1	2	3	4	5	6
33 - Você fica particularmente consciente do seu físico quando em companhia de outras pessoas?	1	2	3	4	5	6
34 - A preocupação com seu físico faz-lhe sentir que deveria fazer exercícios?	1	2	3	4	5	6

ANEXO "G" – Declaração de Concordância e infra-estrutura

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Título: "Avaliação do componente atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes de 17 e 18 anos do sexo masculino".

Coordenadora do Projeto: Maria Elisa Caputo Ferreira

Informações à A instituição é o 4º Grupo de Artilharia de Campanha (4º GAC) – Juiz de Fora / MG

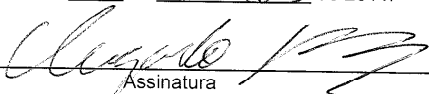
Ao comandante do 4º GAC

Tenente Coronel Augusto Pompeu de Souza Perez

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivo avaliar o componente atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes do sexo masculino. Em termos práticos, a pesquisa envolve a aplicação de 4 questionários (SATAQ-3; MBCQ; BSQ e EITF) para investigar respectivamente a influência da mídia; checagem corporal; o sentimento em relação à aparência e a influência de amigos, da família e da mídia na Imagem corporal. Estes questionários buscam avaliar sua satisfação com a realidade corporal, ideal corporal e apresentação corporal. Para tanto, solicitamos sua autorização para que a coleta de dados seja realizada nas dependências do 4º Grupo de Artilharia de Campanha, com os sujeitos que irão se apresentar ao serviço militar, de acordo com a concordância de cada participante e com a disponibilidade dos mesmos a participarem da pesquisa. Esclarecemos que o participante da pesquisa poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou prejuízo. Durante o procedimento, também poderá recusar a responder qualquer pergunta que por ventura lhe causar algum constrangimento. A participação é voluntária e não trará qualquer privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. O risco para participação nesta pesquisa será mínimo. Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo reservado ao participante o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometer-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes. Qualquer dúvida pode ser esclarecida diretamente com o pesquisador responsável, no horário de 14h às 18h, no Departamento de Fundamentos da Educação Física, na FAEFID, UFJF. Caso alguma dúvida não possa ser esclarecida pelo pesquisador responsável, o senhor poderá procurar o Conselho de Ética em Pesquisa, que fica localizado na PROPESQ – Pró Reitoria de Pesquisa da UFJF, Campus Universitário, CEP: 36036-9000. A Declaração de concordância com a realização da pesquisa será feita em duas vias, ficando uma com o senhor e a outra arquivada com o Pesquisador Responsável.


Eu, AUGUSTO POMPEU DE SOUZA PEREZ, comandante do 4º GAC, confirmo ter conhecimento do conteúdo desta pesquisa. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a realização desta no estabelecimento de minha responsabilidade e, por isso, dou a minha autorização.

Juiz de Fora, 21 de novembro de 2011.


Assinatura

Endereço: Av JK 5100, NOVA ERA, JUIZ DE FORA

RG: 053 920 213-5 Tel: 3222 5009


Maria Elisa Caputo Ferreira – (32) 3229-3283
Pesquisadora Responsável

Prof. Dra. Maria Elisa Caputo Ferreira
Coordenadora do Grupo de
Pesquisa CORPO E
DIVERSIDADE e do LABESC
Laboratório de Estudos do Corpo

ANEXO "H" – Parecer de aprovação do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRO-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
36036900- JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

Parecer nº 324/2011

Protocolo CEP-UFJF: 2565.305.2011 **FR:** 482049 **CAAE:** 0298.0.180.000-11

Projeto de Pesquisa: "Avaliação do componente atitudinal da Imagem Corporal em adolescentes de 17 e 18 anos do sexo masculino."

Area Temática: Grupo III

Pesquisador Responsável: Maria Elisa Caputo Ferreira

Data prevista para o término da pesquisa: Dezembro de 2012

Pesquisadores Participantes: Tamara Salviano Martins

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF

Análise do protocolo:

Itens Avaliados		Sim	Não	P	NA	
Justificativa	O estudo proposto apresenta pertinência e valor científico	X				
	Objeto de estudo está bem delineado	X				
Objetivo(s)	Apresentam clareza e compatibilidade com a proposta	X				
	Atende ao(s) objetivo(s) proposto(s)	X				
Material e Métodos	Informa	Tipo de estudo	X			
		Procedimentos que serão utilizados	X			
		Número de participantes	X			
		Justificativa de participação em grupos vulneráveis				X
		Critérios de inclusão e exclusão	X			
		Recrutamento	X			
		Coleta de dados	X			
		Tipo de análise	X			
	Cuidados Éticos	X				
Revisão da literatura	Atuais e sustentam o(s) objetivo(S) do estudo	X				
Resultados	Informa os possíveis impactos e benefícios	X				
Cronograma	Agenda as diversas etapas de pesquisa	X				
	Informa que a coleta de dados ocorrerá após aprovação do projeto pelo comitê	X				
Orçamento	Lista a relação detalhada dos custos da pesquisa	X				
	Apresenta o responsável pelo financiamento	X				
Referências	Segue uma normatização	X				
Instrumento de coleta de dados	Preserva o sujeito de constrangimento	X				
	Apresenta pertinência com o(s) objetivo(s) proposto(s).	X				
Termo de dispensa de TCLE	Solicita dispensa		X			
Termo de assentimento	Apresenta o termo em caso de participação de menores	X				
TCLE	Está em linguagem adequada, clara para	X				

2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
 PRO-REITORIA DE PESQUISA
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
 36036900- JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

	compreensão do sujeito				
	Apresenta justificativa e objetivos	X			
	Descreve suficientemente os procedimentos	X			
	Apresenta campo para a identificação dos sujeitos	X			
	Informa que uma das vias do TCLE deverá ser entregue ao sujeito	X			
	Assegura liberdade do sujeito recusar ou retirar o consentimento sem penalidades	X			
	Garante sigilo e anonimato	X			
	Explicita Riscos e desconfortos esperados	X			
	Ressarcimento de despesas	X			
	Indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa	X			
	Forma de contato com o pesquisador	X			
	Forma de contato com o CEP	X			
	Como será o descarte de material coletado (no caso de material biológico)				X
	O arquivamento do material coletado pelo período mínimo de 5 anos	X			
Pesquisador (es)	Apresentam titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa	X			
	Apresenta comprovante do Currículo Lattes do pesquisador principal e dos demais participantes.	X			
	Carta de Encaminhamento à Coordenação do CEP	X			
	Folha de Rosto preenchida	X			
Documentos	Projeto de pesquisa, redigido conforme Modelo de Apresentação de Projeto de Pesquisa padronizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ)	X			
	Declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável pelo setor/serviço onde será realizada a pesquisa	X			

P= parcialmente

NA=Não se aplica

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, devendo o pesquisador entregar o relatório no final da pesquisa.

Situação: Projeto Aprovado.

Juiz de Fora, 15 de Dezembro de 2011


 Prof. Dra. Leda Maria A. Vargas Dias
 Coordenadora – CEP/UFJF

RECEBI
DATA: ___ / ___ / 2011
ASS: _____